



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO DE HISTÓRIA

RAFAELA GOMES LIMA

**OS LIVROS NA FORTALEZA OITOCENTISTA: EDIÇÃO E RECEPÇÃO DAS
OBRAS LITERÁRIAS LOCAIS (1890-1900)**

FORTALEZA - CEARÁ

2014

RAFAELA GOMES LIMA

OS LIVROS NA FORTALEZA OITOCENTISTA: EDIÇÃO E RECEPÇÃO DAS
OBRAS LITERÁRIAS LOCAIS (1890-1900)

Dissertação submetida ao Programa de
Mestrado Acadêmico de História do Centro de
Humanidades da Universidade Estadual do
Ceará, como requisito parcial para a aquisição
do grau de mestre em História.

Área de concentração: História e Culturas

Orientador: Prof. Dr. Gleudson Passos
Cardoso

FORTALEZA - CEARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade estadual do ceará
Sistema de Bibliotecas

Lima, Rafaela Gomes.

Os livros na Fortaleza oitocentista: edição e recepção das obras literárias locais(1890-1900) [recurso eletrônico] / Rafaela Gomes Lima. - 2014. 1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 154 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2014.

Área de concentração: História .

Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso.

1. História do livro. 2. Edição. 3. Fortaleza século XIX. I. Título.

RAFAELA GOMES LIMA

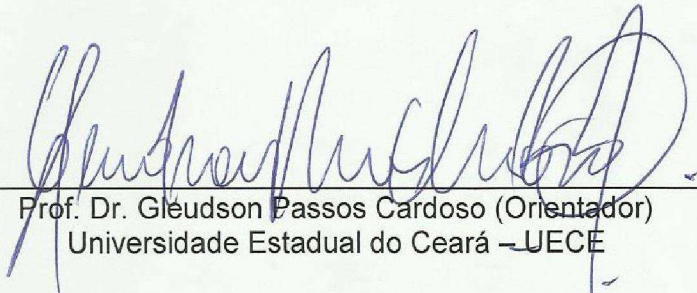
**“OS LIVROS NA FORTALEZA OITOCENTISTA: EDIÇÃO E RECEPÇÃO DAS OBRAS
LITERÁRIAS LOCAIS (1890-1900)”**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

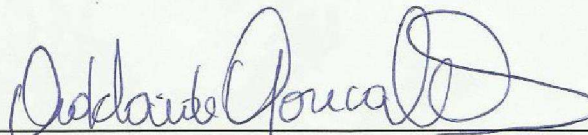
Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 04/12/2014.

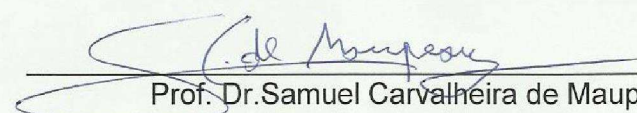
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Samuel Carneiro de Maupeou
Universidade Estadual do Ceará – UECE



*Aos escritores e escritoras da
Fortaleza oitocentista, por não
desistirem de se fazerem imortais
através dos livros.*

AGRADECIMENTOS

O processo de construção de um trabalho acadêmico é solitário. No entanto, durante o período de elaboração e escrita dessa dissertação tive, em incontáveis momentos, o apoio e a companhia de pessoas que foram de grande importância para o enriquecimento do trabalho e para o meu próprio crescimento pessoal e acadêmico. Portanto, sinto ser mais que justo agradecer por esses generosos momentos de aprendizagem, cordialidade e claro, amizade.

Primeiramente, agradeço ao Mestrado Acadêmico de História da Universidade Estadual do Ceará, pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa. Ao Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso, que na condição de orientador me deu liberdade de criação e escrita, conselhos valiosos para o enriquecimento do trabalho, além de ser um grande torcedor e estimulador, o que não nos deixa descansar até podermos dizer: "missão dada, missão cumprida!".

Aos professores Pádua Santiago e Samuel Carvalheira pelas generosas contribuições durante a banca de qualificação e ao professor Carlos Jacinto pelas críticas por demais construtivas por ocasião da disciplina Seminário de Pesquisa II, por ele ministrada.

Também agradeço ao Grupo de Pesquisas Práticas Urbanas por ter me proporcionado um aprimoramento no debate teórico que foi extremamente necessário para a elaboração desse trabalho. Ao grupo também sou grata pela oportunidade de poder cursar o mestrado "sanduíche" na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, durante o qual tive a oportunidade de vivenciar ótimas experiências acadêmicas e pessoais.

Aos funcionários das instituições de pesquisa, que na medida do possível facilitaram a busca pelas fontes e promoveram o acesso tão necessário ao trabalho do historiador. Em especial aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Ceará e à D. Madalena que foi de uma ajuda inestimável, tanto para as pesquisas no setor de Obras Raras da Biblioteca Pública, como na Biblioteca da Academia Cearense de Letras.

Um agradecimento mais que especial às amigas Ana Cecília, Ana Paula, Cláudia, Eliene e Eridiana, pelos maravilhosos "cafés", momentos de descontração e apoio tão necessários durante os momentos mais árduos dessa pós-graduação. A todos os colegas da turma de 2013 do mestrado acadêmico, pelas lutas e conquistas alcançadas enquanto compartilhávamos as boas e más experiências nas dependências do mestrado.

Aos que comigo estiveram durante a estada em Porto Alegre, especialmente à Ana Paula (novamente) e Lucas, por terem me aturado durante os meses que passamos em terras

gaúchas. Estando tão longe de nossas famílias, acabamos por nos tornar a família uns dos outros. Compartilhamos vivências, exploramos a cidade, rimos, discutimos (faz parte), cuidamos uns dos outros e, acima de tudo, aprendemos muito com a convivência e com a experiência de conhecer bem a nós mesmos.

Agradeço a minha família pela paciência e compreensão diante dos períodos de isolamento para a escrita e das ausências nos encontros familiares e datas importantes, pelo apoio e incentivo dados pelos meus pais, seu Pascoal e D. Maria de Jesus, sempre comemorando comigo cada etapa vencida. Ao meu irmão Bruno, pela força e suporte no campo dos programas de computador, no qual sempre me atrapalho. Um obrigada especial à prima/irmã Ana Clara, que acompanhou de perto todo o processo de produção dessa dissertação, e que me deu inestimável auxílio na área do design editorial.

Enfim, um muito obrigada a todos (amigos de escola, trabalho, universidade, familiares), que torceram por mim e contribuíram de alguma forma para a execução desse trabalho. E por último e não menos importante (talvez o mais importante) a Deus, que me deu forças e iluminação para chegar ao final de mais essa caminhada.

Eu responderia, de pronto, que reconstruir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, ele não a empreende pelo estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado - mas para conversar com os mortos.

Robert Darnton

RESUMO

A presente dissertação, intitulada **Os Livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)** tem como objetivo investigar a produção das obras de literatura publicadas em Fortaleza na última década do século XIX, buscando perceber o incremento do mercado editorial local no citado período. Para tanto, primeiramente se fez uma análise do desenvolvimento das Práticas Letradas na cidade tendo em vista sua inserção no Processo Civilizador Capitalista e a atuação dos letrados, bem como a formação de suas redes de sociabilidade em seu campo literário. Em seguida, fez-se um estudo da história da produção livreira no geral e particularmente em Fortaleza, destacando o trabalho das tipografias locais e realizando um levantamento das obras publicadas indicando as tipografias que mais imprimiram os autores locais. Finalmente, observou-se a recepção desses livros nos meios literários locais, identificando alguns dos temas mais abordados pelos escritores nas obras publicadas. Para realizar o descrito acima, foi realizado um entrecruzamento de fontes impressas (jornais, livros, revistas literárias e almanaques) utilizando os preceitos da pesquisa histórica fundamentada nos referenciais da História Cultural, mais precisamente pelo viés da História do Livro. Como resultado das investigações, foi possível confirmar o pleno desenvolvimento do mercado editorial de Fortaleza no período abrangido pela pesquisa.

Palavras-chave: Fortaleza século XIX. Práticas Letradas. Produção Livreira.

ABSTRACT

The present dissertation entitled **Os Livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)** (**The Books in nineteenth Fortaleza: Edition and Reception of the Local Literary Works (1890-1900)**), intends to investigate the production of literary works published in Fortaleza on the of the nineteenth century last decade, searching to notice the editorial market's increase in that period. For this, first comes an analysis of the Lettereds Practices's development on the town in view of its insertion in Capitalist Civilization Process and the performance of the literates, as well the formation of your sociability networks in your literary field. Then, was made a study of the history of book production in general, particularly in Fortaleza, highlighting the local typography work and performing a survey of published works indicating typography that more printed local authors. Finally, the reception of these books was observed at the local literary circle and were identified some of most approached themes by the authors in the published works. To perform the cited above, was made a crisscrossing of printed sources (newspapers, books, literary magazines an almanacs) using the precepts of historical research grounded in the Cultural History referential, most precisely by view of Book History. As investigations results, was possible to confirm the full development of Fortaleza editorial market at the period covered for this research.

Keywords: Fortaleza XIX century. Lettered Practices. Book Production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Circuito da comunicação de Robert Darnton.....	17
Figura 2- Página da Revista <i>A Quinzena</i>	32
Figura 3- Página do Jornal <i>O Pão</i>	35
Figura 4- A prensa de Gutemberg.....	64
Figura 5- Anúncio do Compêndio de Geografia.....	70
Figura 6- Anúncio da Tipografia Costa Souza.....	78
Figura 7- Páginas do livro <i>O Paroara</i>	79
Figura 8- Mapa da cidade de Fortaleza com a localização aproximada dos estabelecimentos tipográficos.....	86
Figura 9- Anúncio do livro <i>A Fome</i> , no <i>Cearense</i>	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Matrículas nos estabelecimentos de instrução secundária.....	42
Tabela 2- Tipografias atuantes em Fortaleza ao longo do século XIX.....	74
Tabela 3- Obra de literatura publicadas em Fortaleza na década de 1890.....	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	DO TEMA	13
1.2	DA TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO E A PROBLEMÁTICA	14
1.3	DO DIÁLOGO COM A HISTORIOGRAFIA E O QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	16
1.4	DA ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS E DA DOCUMENTAÇÃO	19
2	A FORTALEZA DAS LETRAS: A CIDADE COMO POLO DAS PRÁTICAS LETRADAS	22
2.1	A CIDADE E AS LETRAS: A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO DO IMPRESSO	22
2.1.1	Antes do Livro, o Jornal: alguns aspectos da Imprensa Literária de Fortaleza	28
2.2	"EM TERRA DE NÃO LETRADOS..." : INSTRUÇÃO PÚBLICA E AS AÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO	36
2.3	LUGARES PARA LER, LUGARES PARA ESCREVER: OS AMBIENTES DAS LETRAS	46
3	CASAS DO IMPRESSO: AS TIPOGRAFIAS EM FORTALEZA	56
3.1	A REVOLUÇÃO TIPOGRÁFICA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO APARECIMENTO DA TIPOGRAFIA E DO LIVRO MODERNO	56
3.1.1	A Técnica Tipográfica e os Tipógrafos: Aspectos Técnicos da Produção do Livro	63
3.2	AS TIPOGRAFIAS EM FORTALEZA	67
3.3	LIVREIRO-EDITOR, EDITOR E LIVREIRO: A ATUAÇÃO DOS INTERMEDIÁRIOS DA LITERATURA EM FORTALEZA E AS EDIÇÕES DE AUTORES LOCAIS	81
4	BIBLIOTECA VISITADA: A RECEPÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS NOS MEIOS LETRADOS	94
4.1	"LI DE UM FÔLEGO SÓ": OS LETRADOS JULGAM SEUS PARES	94
4.2	O QUE DIZEM OS QUE AQUI ESCREVEM: OS TEMAS DAS OBRAS	111
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	FONTES	143
	REFERÊNCIAS	146



1 INTRODUÇÃO

1.1 DO TEMA

A partir da segunda metade do século XIX, diante do impulso dado à economia cearense pelo binômio pecuária/algodão, a capital da antiga Província do Ceará transforma-se no seu principal entreposto comercial, sobretudo no que se refere às exportações de algodão. A cidade, então, é dotada dos mais diversos equipamentos que viabilizavam a atividade comercial, como armazéns e casas comerciais, além de começar a contar com fábricas para o beneficiamento do "ouro branco". (AMORA, 1994)

Na década de 1890, Fortaleza via a consolidação das transformações que a atingiram durante os decênios anteriores em diversas áreas: econômica, de infraestrutura, social e política. Isso foi possível graças ao desenvolvimento econômico pelo qual a cidade passou, sobretudo, após o incremento da lavoura algodoeira e sua maior integração aos mercados internacionais, à chamada economia-mundo capitalista¹.

A inserção nesse modelo econômico promoveu, além do desenvolvimento comercial e o incremento das oficinas de beneficiamento de diversos produtos, algumas mudanças estruturais na Capital, que se tornou o centro das atividades econômicas e político-administrativas. Observou-se a melhoria da estrutura urbana em alguns locais da cidade, a criação de uma pequena rede de transportes com a chegada dos bondes, o incremento das ações civilizatórias através da adoção do código de posturas e das obras de remodelação urbana, além do avanço na área da cultura, sobretudo das letras, com o surgimento de diversas agremiações literárias.

O processo de definitiva inserção de Fortaleza no circuito do capitalismo internacional favoreceu o estabelecimento de um pequeno grupo emergente, ligado à atividade comercial, que acabou por tomar a dianteira no processo de implantação do modelo civilizatório desejado

¹ Economia-mundo é o que caracteriza o moderno sistema-mundo, ou seja, a interação entre as nações por meio de contratos e ações comerciais surgidas desde o início da expansão capitalista. Cf.: WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e Civilização capitalista**. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. & DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. -2. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1986.

para a cidade. Esses grupos buscavam se diferenciar cada vez mais das camadas mais pobres da população, e uma maneira de conseguir isso era o investimento na educação dos seus filhos, vendo na instrução um modo de distinção. Por outro lado, alguns membros das classes menos favorecidas que tinham acesso à instrução, diante das diminutas políticas educacionais no período, viam nas letras um meio de ascensão social.

Apesar da comprometida estrutura educacional, foi através da escola que muitos jovens com ideais semelhantes uniram-se e passaram a constituir um grupo de intelectuais na cidade, os quais pertenciam, em sua maioria, aos grêmios ou associações literárias que eram grandes fomentadores da produção literária fortalezense, e será primeiramente através das obras editadas pelos membros desses grupos que se dará o estudo da edição de obras de autores cearenses em Fortaleza.

O recorte temporal justifica-se, portanto, por ter sido a década de 1890 o período de consolidação das mudanças promovidas na capital, do Regime republicano e das estruturas voltadas para o modelo econômico capitalista, bem como por ter sido marcada pela efervescência literária, com a constituição de grêmios como a Padaria Espiritual, o Centro Literário e a Academia Cearense, ou seja, um período mais que propício para o desenvolvimento de uma produção livreira autóctone.

A presente pesquisa se enquadra no contexto de uma pesquisa maior, realizada pelo Grupo de Pesquisas Práticas Urbanas do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, intitulada: Capitalismo, Civilização e Tradução Cultural nas Cidades do Ceará (1860-1930), estando inserida no eixo Práticas Letradas e Urbanidades, coordenada pelo Pro. Dr. Gleudson Passos Cardoso. Nesse sentido, busca-se também compreender o papel da produção livreira como meio pelo qual alguns agentes sociais atuavam no espaço urbano.²

1.2 DA TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO E A PROBLEMÁTICA

A presente pesquisa foi motivada pelo interesse pessoal pelos temas que relacionam História e Literatura, bem como o entendimento desta última como ferramenta de extrema

² Muitas das referências teóricas, metodológicas e acerca da história do livro e da leitura foram adicionadas à esse trabalho durante a realização do Mestrado sanduíche no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por meio do convênio PROCAD/CASADINHO estabelecido entre o MAHIS/ UECE e PPGH/ PUCRS.

relevância para a compreensão de determinados aspectos sociais, e ainda por observar o livro como objeto primordial no desenvolvimento das mais diversas sociedades.

A partir da conclusão do curso de Especialização em História do Brasil com a pesquisa intitulada "Impressão de livros na Fortaleza oitocentista: os frutos da produção literária local" surgiu a vontade de continuar e aprofundar a pesquisa procurando abordar com maior precisão os diversos aspectos da produção livreira, sobretudo a de obras de literatura em Fortaleza.

Diante da análise de algumas fontes impressas como jornais, livros e revistas literárias, observou-se o aumento da produção livreira em Fortaleza, sobretudo na década final dos oitocentos. A promoção de melhorias em diversos segmentos da urbe permitiu também que no citado período, a cidade já fosse dotada de todo o aparato necessário para a constituição de um mercado editorial, embora o público leitor existente não fosse o ideal para a real manutenção e ampliação do mercado livreiro, tendo em vista a elevada taxa de analfabetismo, característica das cidades brasileiras da época em questão.

Apesar disso, a ampliação do número de estabelecimentos tipográficos, bem como livrarias e outros estabelecimentos ligados à produção livreira³ permite supor o aumento na edição de obras literárias, tendo em vista também a grande atuação das já citadas associações literárias como promotoras do aumento nas edições, visando a valorização não só do grupo, mas também de cada escritor que almejava destacar-se enquanto membro e enquanto sujeito atuante em um determinado "campo" (BOURDIEU, 1996).

Outro aspecto importante e determinante para a estruturação da pesquisa é a observação dos efeitos sobre a área cultural da cidade, do processo civilizador (ELIAS, 2011) baseado na cultura capitalista e capitaneados pelas elites econômicas (cujos membros, em sua maioria emergiram do processo de inserção da cidade nas estruturas do sistema capitalista) e intelectuais da cidade que viam na civilização europeia um modelo a ser seguido e para as quais o próprio livro, entendido como mercadoria era também um objeto de distinção.

Nesse sentido, a presente dissertação intitulada "Os livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)", possui como foco a produção livreira em Fortaleza na última década do século XIX. Através dela, busca-se compreender como as transformações ocorridas na cidade, promovidas pela inserção da Capital no sistema

³ Baseado em dados obtidos através da Análise do Almanaque do Ceará, consultado em versão digitalizada In: Instituto do Ceará. **Almanaque do Ceará**. CD-Rom.

de economia-mundo, influenciaram na área da produção livreira e em que medida isso incrementou o mercado editorial local, principalmente na edição de livros de autores cearenses.

Achou-se necessário realizar um estudo sobre esse aspecto das Práticas Letradas fortalezenses, tendo em vista as poucas referências na historiografia local referentes à História do Livro, sendo mais comuns trabalhos que abordam a biografia ou a atuação dos autores. Com relação ao livro, cabe destacar a pesquisa de Ozângela Arruda Silva que estudou a circulação de romances em Fortaleza e a atuação dos livreiros locais no auxílio à disseminação da leitura dessas obras. No entanto, seu estudo está focado nos romances estrangeiros ou de famosos autores nacionais e não faz referência às obras de autores locais publicadas em Fortaleza. Diante disso, percebe-se a ausência de trabalhos voltados para a produção livreira local.

1.3 DO DIÁLOGO COM A HISTORIOGRAFIA E O QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tendo em vista a busca de um viés teórico que proporcionasse um diálogo mais intenso da História com outras áreas, tais como a crítica literária e a própria Literatura, optou-se por adotar as abordagens propostas pela História Cultural.

Entende-se então como um dos múltiplos desdobramentos da História Cultural, a História dos Livros. A produção historiográfica referente à história do objeto impresso é vasta e os trabalhos de Robert Darnton, Roger Chartier, Marshall McLuhan, Elisabeth Eisenstein, Lucien Febre e Jean-Yves Mollier são de enorme contribuição neste trabalho para o estudo do processo de produção livreira e os atores nele envolvidos, assim como as relações entre escritores e editores, além do debate acerca da formação do público leitor.

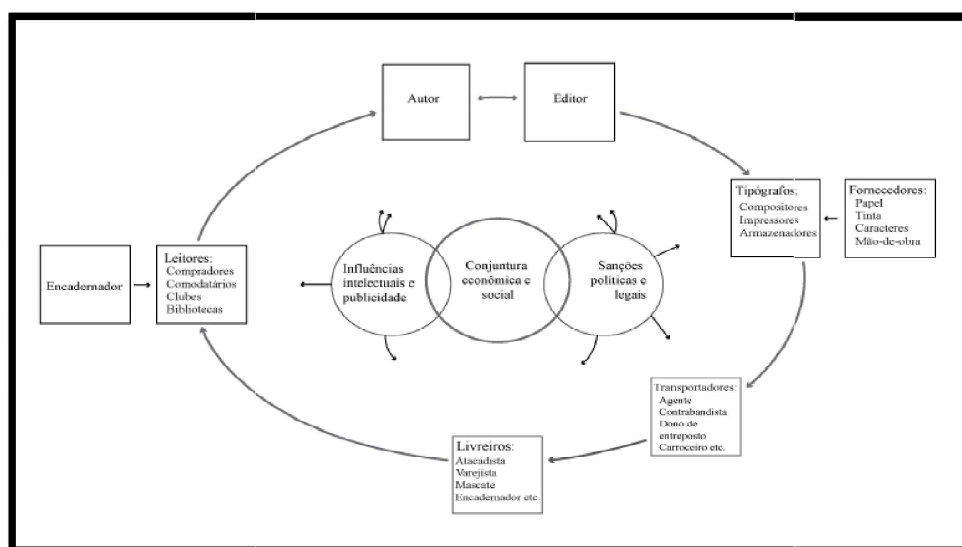
Outros diálogos são travados também com historiadores do livro no Brasil como Márcia Abreu, Aníbal Bragança, Lawrence Hallewel, Regina Zilberman, Tânia Bessone e Alessandra El Far visando compreender a trajetória da produção livreira nacional, os problemas relacionados aos leitores - ou ausência deles - e as relações entre homens e livros. Buscando auxílio também no que se refere à atuação dos sujeitos letrados nas esferas públicas e seu papel no processo de formação das estruturas sociais, principalmente o papel dos homens de letras no alvorecer da República, dialoga-se com os trabalhos de Nicolau Sevcenko e José Murilo de Carvalho.

No sentido do estudo como da atuação dos sujeitos nas esferas letradas, busca-se compreender o papel dos letrados, tendo em vista suas práticas sociais estabelecidas dentro do "campo literário" (BOURDIEU, 1996) e compreender suas ações a partir de um *habitus* (BOURDIEU, 2003) desenvolvido no seio desse campo. Ainda no âmbito da atuação dos letrados, busca-se a ajuda de Sirineli (1998) para a compreensão das redes de sociabilidades tecidas entre os sujeitos e a atuação das elites culturais.

Com relação à historiografia cearense, os escritos de Raimundo Girão, Geraldo Nobre, Almir Leal de Oliveira, Sebastião Rogério Ponte, Adelaide Gonçalves, Gleudson Passos Cardoso, entre outros, fornecem rico material de referência para o conhecimento do contexto histórico e das práticas sociais, políticas, econômicas e culturais, relevantes para a compreensão do objeto e suas inter-relações. O trabalho de Ozângela Silva acerca da circulação dos romances em Fortaleza é referência para o conhecimento dos praticantes da atividade livreira; e as contribuições da área dos estudos literários, (levando-se em conta as possibilidades promovidas pela História Cultural), sobretudo, as obras de Dolor Barreira e Sânzio de Azevedo, que traçam um panorama das atividades literárias cearenses.

Tratando-se de um trabalho que busca compreender a produção local de obras literárias, entende-se que o mesmo se insere no campo das práticas letradas, entendidas como todas as ações que se relacionam com o mundo das letras, desde o ato da leitura pública, passando pela imprensa até a escrita e a publicação de livros. Conta-se com o auxílio de Chartier (2002) que trata das práticas relacionadas à leitura e à escrita. Utilizam-se também as ideias de Darnton sobre o circuito do livro e das comunicações.

Figura 1: O circuito das comunicações



Fonte: DARNTON, 1998, p. 199.

No circuito apresentado na figura acima, Darnton inclui todos os participantes do processo de distribuição, produção e consumo do livro, possibilitando uma visão geral dos aspectos concernentes à produção livreira. Ele relaciona as influências sociais, políticas econômicas e intelectuais com a escrita da obra pelo autor e com a produção do livro pelos editores. Tudo isso relacionado a toda a cadeia de produção livreira que envolve desde o fornecimento de material até as sanções legais de reprodução das obras, abordando assim os diversos aspectos referentes à produção do livro, sendo este o motivo pelo qual se concorda e se utiliza neste trabalho o modelo proposto pelo autor estadunidense.

Pode-se dizer que o pretendido na pesquisa foi realizar também uma "Sociologia da Literatura", ou seja, aquilo que:

[...] lida, sobretudo com aquilo que pode ser chamado meio de produção, distribuição e troca literária em uma sociedade específica - como os livros são publicados, a distribuição social dos seus autores e leitores, os níveis de alfabetização, os determinantes sociais do "gosto". Tal campo também examina textos literários em busca da sua relevância "sociológica", fazendo incursões em obras literárias para abstrair delas os temas de interesse do historiador social. (EAGLETON, 2011, p. 14.)

Julgando ser o livro o objeto primordial da pesquisa, tornou-se essencial também um estudo das obras literárias em si, buscando apresentar os temas presentes em algumas delas, buscando relacionar a escolha desses temas aos aspectos editoriais de seleção para publicação por parte dos editores e de sucesso de tiragem de determinado livro, bem como relacionar esses temas com as transformações e demais aspectos sociais e literários de seu tempo. E assim sendo, foram utilizados os métodos de análise que melhor se adequavam a esse intento. Para tanto, foram fundamentais as leituras de Terry Eagleton, Tzvetan Todorov, bem como das ideias referentes à "escritura" propostas por Roland Barthes.

Todos os livros analisados tiveram como seu lugar de produção ou como cenário de suas ações a cidade de Fortaleza, destarte é importante a presença e a articulação com os demais conceitos de cidade, já que é no espaço urbano que se estudam as práticas letradas, espaço urbano esse, que passou por transformações impulsionadas pelo processo civilizador imprimido pelo capitalismo definido por Wallerstein (2001) como sistema de economia-mundo que visa espalhar seu modelo de civilização e tendo como agentes as elites locais detentoras de "poder simbólico"(BOURDIEU, 2003). A cidade não é mais apenas o local das ações, ela é também objeto do qual seus habitantes fazem uso, é vivenciada, transformada, lida.

A modificação do espaço de uma cidade, dando a ela forma e feição, contém em si um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade. É por um lado, uma tarefa de profissionais especificamente habilitados para tal - urbanistas, arquitetos, engenheiros -, mas também comporta o que se poderia chamar de intervenção do cotidiano. Ou seja, esse espaço sonhado, desejado, batalhado e/ou imposto é, por sua vez, também reformulado, vivido e descaracterizado pelos habitantes da urbe que, a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos. (PESAVENTO, 1999, p. 16)

Assim sendo, o estudo da cidade e da atuação dos sujeitos em seus espaços ganha muito com o auxílio a literatura, já há muito tratada como fonte indispensável ao historiador do social/cultural.

Sendo ambas representação do real, a história tem a tendência de utilizar, por vezes, a obra literária como uma "fonte a mais". Nossa ideia é a de que a literatura não pode ser entendida como uma "fonte a mais", mas justamente como a fonte que pode dar aquele "algo a mais" que os documentos comumente usados pela história não fornecem. Referimo-nos ao que se poderia chamar as sensibilidades ou a "sintonia fina" de uma época, as características essenciais que estariam na raiz dos modos de pensar, sentir, agir e, sobretudo, de representar o mundo. (Ibidem, p. 13)

Através, então, da análise das obras literárias e do estudo das práticas letradas na cidade pretendeu-se identificar algumas das formas pelas quais os letrados locais se apoderavam das ideias vindas da Europa e como se dava o processo de aculturação ou tradução cultural (BURKE, 2003) desse ideário dentro do campo literário de Fortaleza.

Sabendo-se que são de acordo com as fontes manuseadas que se definem os conceitos e as metodologias e já tendo se referido ao quadro conceitual, convém salientar que os métodos mais adequados a esse trabalho são o do cruzamento de fontes e o da análise comparativa, já que permitem o confronto entre fontes de diversas naturezas possibilitando inter-relacioná-las. O uso dessas metodologias torna-se possível devido à variedade de tipos de fontes, sejam elas periódicos, livros, almanaques, publicações oficiais e etc.

1.4 DA ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS E DA DOCUMENTAÇÃO

Diante dos diversos aspectos a serem abordados, e da variedade de fontes referentes a cada um deles, dividiu-se a dissertação em três capítulos, nos quais perpassa o contexto histórico de influência da cultura capitalista nos diversos setores da cidade de Fortaleza e o processo de tradução cultural promovido em parte pelos letrados da cidade, entendendo-se esses dois fatores como promotores das mudanças que vão impulsionar a produção livreira na urbe.

No primeiro capítulo intitulado "A Fortaleza das Letras: a Cidade como Polo das Práticas Letradas" buscou-se tratar da inserção da cidade no contexto da economia-mundo capitalista e do seu desenvolvimento como local de produção e proliferação de atividades voltadas às letras, também foram discutidos os aspectos ligados à instrução pública, visando compreender o processo de formação de um público leitor, assim como se discutiu a atuação dos letrados nos diversos ambientes urbanos, sobretudo aqueles voltados para as práticas letradas, buscando desenhar as redes de sociabilidade entre esses sujeitos.

A partir da análise comparativa de fontes tais como livros de memória, revistas literárias, relatórios dos presidentes de Estado, anúncios de jornais voltados para a instrução pública, bem como artigos referentes às atividades econômicas da Capital, obras de caráter didático produzidas no período, estudos já realizados sobre alguns dos temas abordados no capítulo, buscou-se dar corpo ao contexto histórico e apresentar as primeiras impressões acerca da presença do livro nos ambientes urbanos tentando caracterizar a cidade como polo das atividades letradas.

A estrutura da rede tipográfica foi o foco do estudo do segundo capítulo denominado de "Casas do Impresso: as Tipografias em Fortaleza". Aqui se objetivou apresentar um pouco da evolução da técnica tipográfica e dos aspectos técnicos da produção do objeto livro e apresentar as principais tipografias da cidade, traçando uma cartografia desses estabelecimentos e dos demais relacionados com a produção livreira como as casas de encadernação, tentando estabelecer um circuito de produção, através da leitura dos almanaques, dos anúncios nos periódicos e dos inventários dos livreiros - editores, sem deixar, no entanto, de avaliar a importância desse segmento para economia da cidade. Nesse capítulo, procurou-se observar o interesse das agremiações literárias nas publicações de seus membros e realizar um levantamento das obras publicadas apontando assim as tipografias que mais imprimiram obras de autores locais.

Por fim, o terceiro capítulo intitulado "Biblioteca Visitada: a Recepção das Obras Literárias nos Meios Letrados" tratou da recepção das obras publicadas pelos letrados da cidade. Através da análise das propagandas e de críticas publicadas em jornais, bem como dos elementos paratextuais dos livros como prefácios e dedicatórias, foi possível perceber as diferentes reações dos críticos com relação às obras de seus pares. A segunda parte do capítulo concentra-se na análise das obras visando definir alguns dos temas tratados nas

mesmas, relacionando-os com o cotidiano vivido pelos autores na cidade e com as transformações ocorridas em diversos setores da sociedade fortalezense.

Convém salientar que este estudo não contempla a produção livreira fortalezense em toda sua amplitude, pois se além aos livros de literatura, já que tanto o tempo dedicado quanto a estrutura da dissertação não permitem a ampliação do estudo para as demais categorias de obras didáticas, históricas, científicas, religiosas, enfim, que podem sem dúvida ser contempladas em estudos posteriores. O presente trabalho visa contribuir com uma pequena parte para a ainda incipiente História do Livro no Ceará.





"Manuseado em comum, ensinado por uns e decifrado por outros, profundamente integrado na vida comunitária, o impresso marca a cultura cidadina da maioria."

Roger Chartier

2 A FORTALEZA DAS LETRAS: A CIDADE COMO POLO DAS PRÁTICAS LETRADAS

Neste capítulo objetiva-se apresentar a cidade de Fortaleza como locus irradiador das Práticas Letradas no Ceará, precisando de que modo as transformações ocorridas nas estruturas econômicas, políticas e sociais da cidade possibilitaram o crescimento da atividade literária/livreira, tendo como foco o surgimento e o desenvolvimento dos grupos letrados, bem como a atuação de seus membros no que concerne ao incentivo à produção letrada. No primeiro tópico, buscar-se-á discutir a relação entre a cidade e o escrito, além de apresentar as principais transformações ocorridas em Fortaleza diante da sua inserção no contexto da economia-mundo capitalista e como isso influenciou os sujeitos voltados para as práticas letradas. O segundo tópico objetiva discutir os aspectos ligados à instrução pública, já que esse setor está diretamente relacionado com a formação do público leitor, essencial para o desenvolvimento do mercado livreiro. Por fim, o terceiro tópico apresentará a atuação dos letrados nos diversos ambientes urbanos, observando a formação de redes de sociabilidades entre eles. A partir da análise comparativa de fontes tais como livros de memória, anúncios de jornais voltados para a instrução pública, bem como artigos referentes às atividades econômicas da Capital, obras de caráter didático produzidas no período, estudos já realizados sobre alguns dos temas a serem abordados no capítulo, buscar-se-á identificar a cidade como núcleo produtor do escrito.

2.1. A CIDADE E AS LETRAS: A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO DO IMPRESSO

A palavra escrita e a cidade. Essas duas grandes criações do gênero humano nascidas quase que concomitantemente, estiveram irremediavelmente ligadas ao longo da História. O crescimento das cidades, o estabelecimento de governos e de uma administração nos núcleos urbanos, exigiu o desenvolvimento de uma metodologia que possibilitasse o armazenamento de informações, sobretudo após o surgimento das atividades comerciais, além de repassar às gerações futuras as realizações de cada época (BARROS, 2012).

A necessidade de uma nova forma de organização que atendesse às premências sociais de um vasto e denso aglomerado de seres humanos teria gerado simultaneamente as instituições, os mecanismos citadinos de controle - entre os quais a "escrita", este instrumento imprescindível para o registro das múltiplas operações e atividades que teriam lugar no recinto urbano - e por outro lado uma multiplicidade de funcional que arrasta atrás de si a heterogeneidade da população urbana. (BARROS, 2012, p. 82)

Além de "mecanismo de controle", a escrita também virou sinônimo de cultura e as cidades tornaram-se centros culturais, "lugares de ensino", centros irradiadores de cultura, conhecimento e civilização, sobretudo quando a palavra impressa passa a ter maior alcance.

Mesmo considerando-se a grande importância da tradição oral nas sociedades, sejam ocidentais ou orientais, o impresso acabará por assumir posição importante no cotidiano dos indivíduos, mais fortemente no meio urbano. Os livros passam a fazer parte da vida dos sujeitos provocando mudanças nos modos de pensar, nos modelos de instrução dos jovens, dos trabalhadores, enfim, mesmo aqueles que não sabem ler se beneficiam da palavra escrita, pois:

Entre a leitura individual do livro, ato íntimo do foro privado, e a simples audição do escrito, tal como a do sermão, por exemplo, existe então, nas cidades pelo menos, uma outra relação com o impresso. Nas oficinas, nas igrejas dissidentes, nas confrarias festivas, o escrito tipográfico está próximo até mesmo daqueles que não podem lê-lo. Manuseado em comum, ensinado por uns e decifrado por outros, profundamente integrado na vida comunitária, o impresso marca a cultura cidadina da maioria. Desse modo, ele cria um público - portanto um mercado mais amplo que o dos simples alfabetizados, mais amplo também que o dos simples leitores de livros. (CHARTIER, 2004, p. 107)

Leitores e não leitores, alfabetizados ou não, os habitantes das cidades estabeleceram uma íntima relação com o impresso, pois muitas vezes a leitura se dava não só pela apreensão das palavras, mas ao se decifrarem imagens ou símbolos, presentes em todos os lugares da cidade, fazendo parte de seus "artefatos urbanos" (BARROS. Op. cit.). Texto e imagem se associam no ato de promover o avanço da impressão e tomam a cidade e seus cenários.

[...] na cidade, a aculturação ao impresso é quase cotidiana, porque o livro está presente, porque os muros exibem imagens e cartazes, porque frequentes são os recursos do escrito. [...] Num mundo do oral e do gesto, as cidades tornam-se as ilhas de uma cultura diferente, escritural e tipográfica, da qual participa, pouco ou muito, direta ou imediatamente, todo o povo urbano. É na escala dessa nova cultura, apoiada sobre o mais novo de todos os suportes da comunicação, que serão doravante medidas todas as outras, assim desvalorizadas, recusadas, negadas. (CHARTIER. Op. cit., p. 128)

Na citação acima, Chartier se refere ao impacto gerado pela nova e grande presença do impresso nas cidades do Antigo Regime francês. No entanto, essa situação foi comum aos mais diversos tipos de sociedade.

O final do século XIX viu a palavra impressa ganhar uma importância expressiva, desde o real aumento da produção tipográfica, até a maior atuação dos homens de letras nas questões de ordem social e política. Assim sendo, as discussões mais acaloradas nas cidades quase sempre estavam relacionadas às leituras de livros ou jornais ou embasadas nelas.

O jornal, aliás, se torna grande marco nesse período, o "mais novo suporte da comunicação". A imprensa terá papel determinante em grandes acontecimentos e os periódicos passam a ser o principal veículo divulgador de ideias, de correntes políticas, de tendências literárias e seu consumo aumenta mediante diversos fatores, tais como:

[...] o aparecimento dos monotipos e dos linotipos nas gráficas, a multiplicação, nas cidades, dos vendedores anunciando jornais pelas ruas e dos mascates, a conclusão da escolarização universal e o crescimento das despesas com entretenimento nos orçamentos familiares, todos esses elementos concorreram para aumentar consideravelmente o leitorado dos jornais.(MOLLIER, 2008, p. 159)

Os periódicos representaram em algumas sociedades, mesmo antes do livro, o principal veículo para a palavra impressa em geral e para as letras, em particular nos ambientes urbanos. Entendendo então a cidade como local onde se desenvolvem as mais diversas práticas, dentre elas as Práticas Letradas, observa-se alguns de seus aspectos na cidade de Fortaleza e a caracterização da mesma como espaço das letras.

No final do século XIX, Fortaleza ainda sentia os efeitos das transformações, que a atingiram durante os decênios anteriores em diversas áreas: econômica, de infraestrutura, social e política. Isso foi possível graças ao desenvolvimento econômico pelo qual a cidade passou, sobretudo após o incremento da lavoura algodoeira e sua maior integração aos mercados internacionais, a chamada economia-mundo. Essa inserção promoveu também adequação de alguns setores da cidade ao modelo de civilização baseado no processo civilizador capitalista. Adequação essa, planejada pelos membros das classes em ascensão.

O aumento da atividade comercial na cidade atraiu várias pessoas interessadas em também lucrar com o bom momento da economia fortalezense. É nesse contexto que se instalam na cidade as firmas comerciais visando beneficiarem-se do comércio realizado diretamente com a Europa, primeiramente por meio dos vapores ingleses e posteriormente de outras nações como Estados Unidos e França, tendo esta última, intensificado o envio de

navios à Fortaleza a partir da década de 1850 (TAKEIA, 1995). E foram os franceses, os que mais investiram e progrediram no ramo de casas comerciais da cidade, tendo como representante máxima a casa Bóris Frères, cuja atuação na praça fortalezense teve início nos anos 1870 e ultrapassou e muito a barreira dos oitocentos.⁴

A influência dos estrangeiros, no entanto, não se fazia sentir apenas no âmbito comercial, afinal não eram apenas as mercadorias que desembarcavam no porto de Fortaleza, em sua companhia vinha também uma grande carga cultural, ideias, modas, valores, e, sobretudo um ideal de sociedade.

É importante lembrar que o capitalismo constitui todo um modelo cultural (economia, práticas, costumes), pensados para garantir um melhor funcionamento do sistema e todo esse conjunto era levado para as áreas de sua expansão, pois "[...] era necessário criar uma estrutura cultural burguesa mundial, passível de ser enxertada nas variações "nacionais". Isso foi particularmente importante em termos de ciência e tecnologia, mas também no espaço das ideias políticas e das ciências sociais." (WALLERSTEIN, 2001, p. 72.).

Diante disso, observou-se nas nações periféricas do sistema um processo de adoção na sua vida cotidiana de diversos aspectos comuns às nações capitalistas mais avançadas, objetivando atingir certo nível de modernização. Nos projetos urbanísticos, nas roupas, na culinária, na literatura, no idioma, enfim em praticamente todos os aspectos da vida dos sujeitos, sobretudo nas áreas urbanas onde se observou o processo de "ocidentalização", de modernização nos moldes da civilização capitalista.

Esse processo de expansão econômica que elevou Fortaleza a um outro nível de importância no cenário do comércio internacional, também provocou o surgimento de novos sujeitos como um proletariado (formado pelos trabalhadores da incipiente manufatura, do comércio e os portuários), enquanto outros grupos, como os comerciantes passaram a ter maior poder econômico e, conseqüentemente, maior participação nas decisões concernentes ao cotidiano da cidade, inclusive atuando em diversas esferas sociais.

O Brasil neocolonial dotava-se, pois, de uma nova classe dirigente nacional e de um Estado encarregado de defender os interesses dessa classe e da nova divisão internacional capitalista do trabalho, à qual ela deve a sua existência.

⁴ Além da Bóris Frères outras 4 casas comerciais, todas pertencentes à franceses se estabeleceram em Fortaleza no mesmo período, são elas: Gradvhol Frères, Lévy Féres, Weill & Cia e a Habisreutinger & Cia. Cf. TAKEIA, Denise Monteiro. **Europa, França, Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil.** – Natal:UFRN. Ed. Universitária, 1995. e Girão, Op. cit. 1979

Detendo o poder exclusivo até 1930, ela ver-se-á limitada por um único fator: o fato de sua reprodução e subsistência se deverem à sua submissão à dinâmica do capitalismo dominante, às relações mundiais de produtos. (DOWBOR, 2009, p. 88).

Os membros dessas classes em ascensão assimilaram o modelo civilizador europeu e a sua imagem criaram seu ideal de cidade e assim, procuraram impor para os demais setores da sociedade. E nesse modelo, tudo o que se refere às camadas baixas da população deve ser eliminado, quando não, isolado do convívio social. Essa repugnância ao que não é polido, civilizado, é característica do processo civilizador (ELIAS, 1993) e em vista disso, providências das mais diversas são tomadas ou ao menos pensadas para acabar com certos hábitos na cidade ou disfarçar sua existência, como é o caso da mendicância.

Com esse propósito junta-se o desejo de progresso e a necessidade de por ordem nas ruas, como se pode observar na mensagem do Presidente Bezerril Fontenele à Assembleia Legislativa em 1896:

As principaes ruas da capital estão desde muito reclamando a substituição do actual calçamento de pedras irregulares, de tamanhos diversos por outro de parallelipipedes. [sic]

A poucos kilometros daqui em Monguba, existe grande quantidade de granito de excellente qualidade. Ali poder-se-ia facilmente estabelecer uma penitenciária em que os presos pobres da cidade e villas do interior que vivem sem trabalho, os vagabundos e mendigos, seriam empregados na fabricação de parallelipipedos e outros serviços de cantaria.⁵

O governante propõe o trabalho nas pedreiras como forma de retirar os mendigos e vagabundos das ruas, mas apresentando como objetivo principal não isso, mas a melhoria do calçamento nas ruas da capital.

Nesse sentido, observa-se o desejo dos grupos dominantes de conter, disciplinar a maioria da população e para isso se utilizavam do poder adquirido pela acumulação de capital, sobretudo *capital simbólico*, o poder baseado no saber. Esse *poder simbólico* (BOURDIEU, 2010), permitia subjugar a população através de suas ideologias⁶. Assim sendo, era mais que

⁵Mensagem enviada à Assembleia Legislativa pelo do Presidente Bezerril Fontenele em 1º de julho de 1896. p.7. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 19/04/2013. As referências relativas às fontes utilizadas na pesquisa serão indicadas por nota de rodapé, enquanto as referências bibliográficas serão indicadas pelo sistema autor/data. Neste trabalho será respeitada a grafia original dos documentos conforme as normas de transcrição.

⁶Para Bourdieu, “As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem

propício para essa classe dominante que suas ações estivessem amparadas por um ideário atraente e adaptável aos seus interesses, bem como, ter ao seu lado a nascente classe intelectual cearense⁷, ao menos enquanto os interesses de ambos eram similares. O que acontecia no que dizia respeito à busca por mudanças relevantes na sociedade.

Esses grupos tiveram um papel preponderante diante do processo de “aculturação”, definido por Burke (2003, p. 44) como “uma cultura subordinada adotando características da cultura dominante. Em outras palavras, ‘assimilação’ [...]”, que também ocorreu e de certa forma com sucesso em Fortaleza, com uma força maior a partir da década de 1860, quando essas camadas emergentes enriquecidas através do sucesso da agroexportação, juntamente com setores intelectuais⁸, viam-se imbuídas do dever de promover a modernização da cidade visando à adequação ao modelo urbanístico europeu, primordialmente o modelo parisiense implantado por Haussmann, que foi considerado “como o verdadeiro modelo do urbanismo moderno. Como tal, logo passou a ser reproduzido em cidade de crescimento emergente, em todas as partes do mundo, de Santiago a Saigon.” (BERMAN, 1986, p. 173.)

Um traço marcante desse momento vivido pela cidade e que se relaciona com o processo de aculturação citado acima é a grande influência da cultura francesa, que no período em questão é talvez a que mais exercia influência nos países periféricos, como se pôde ver com relação ao seu modelo urbanístico. Em Fortaleza, a intensa presença dos franceses na sua praça comercial foi mais um fator de intensificação na adaptação de seus modelos na cidade, sendo inclusive, bastante comum a utilização do idioma dos franceses, conforme escreve mais uma vez Raimundo Girão:

[...] generalizou-se a mania de dar nome francês aos de firmas cearenses, tais como: Au phare de la Bastille (casa de modas), Louvre (talvez a mais luxuosa nas instalações), [...] Notre Dame de Paris,[...] - todas vendendo artigos da indústria francesa: modas, tecidos, sapatos, chapéus, perfumes, *bijouteries*, conservas, vinhos, bebidas e licores, drogas farmacêuticas[...] (1979, p.168)

estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções”. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. – 6ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 10

⁷ No que concerne à relação entre grupos dominantes e intelectuais, Gramsci escreve que: “... Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e conquista ‘ideológica’ dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos”. GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. – São Paulo: Círculo do Livro, [s/d].p.12.

⁸ “Arrojados num processo de transformação social de grandes proporções, do qual eles próprios eram fruto na maior parte das vezes, os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como verdadeiro, única e definitiva tábua de salvação capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades...”. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. – 2ª Ed. - São Paulo, Companhia das Letras, 2003. p. 96

A modernização viria então com a implantação de um modelo de civilização baseado no europeu, sobretudo no parisiense. Porém, para que isso se desse a contento era necessária a disciplinarização do trabalho, o controle social, com a tentativa por parte das autoridades, de estabelecer um controle sobre a população mais pobre, o que se deu principalmente através da criação do lazareto, de asilos de alienados e da mendicidade, além de abarracamentos para manter os retirantes fora da cidade (PONTE, 2010.).

Nesse contexto de tentativa de civilizar a cidade, de avanços comerciais e, sobretudo de intensa circulação de mercadorias, não se pode esquecer que junto com os produtos estrangeiros circulavam também ideias. Através de seu porto, Fortaleza recebia não só as novidades do vestuário, mobiliário ou as máquinas mais modernas para a época, mas também as novidades científicas e literárias, os conceitos e estilos em voga na Europa e uma mercadoria passa a ter desembarque frequente: o livro.

Certamente, dentre outros gêneros podemos destacar os livros, revistas e jornais e podemos imaginar, entre os transeuntes na beira do porto, Joaquim José de Oliveira e seus funcionários identificando, dentre os caixotes recém-desembarcados, aqueles que traziam as encomendas de seus clientes: a última edição da *Revue de Deux Mondes* (...). Pelos malotes do correio marítimo que eram desembarcados na Alfândega da cidade chegavam os livros de Taine, Spencer, Darwim, Burkle e outros. (OLIVEIRA, 2002, p.17.).

O comércio livreiro será um dos que se desenvolverá diante do crescimento econômico da cidade e terá representantes de destaque no ramo como José Joaquim de Oliveira e Gualter Silva, cujo trabalho será tratado mais à frente nesse estudo. A maior circulação dos livros será de grande importância para o fortalecimento do ideal de civilização e modernização, também pensado e apoiado pelos grupos intelectuais locais.

Esse processo de desenvolvimento conta com a participação da imprensa. Não obstante a já citada presença dos livros, eram os jornais os meios mais populares de circulação da palavra impressa.

2.1.1. Antes do Livro, o Jornal: alguns aspectos da Imprensa Literária de Fortaleza.

A chegada do primeiro prelo ao Ceará em 1824 marca o início oficial da atividade de imprensa na Província. O envio do referido equipamento às terras cearenses se deu por ordem de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, então presidente da Pernambuco, por ocasião da Confederação do Equador, com o objetivo de se imprimir um jornal para veicular as ideias do movimento. (HALLEWELL, 2012.)

No entanto, autores como Perdigão de Oliveira acreditam na existência de prelos na Província antes de 1824. O autor cita folhetos oficiais impressos em 1823 (uma proclamação da Junta Provisória do governo da Província) e até mesmo uma Gazeta que teria circulado em 1817. Com relação a esta última, o Barão de Studart afirma ter sido manuscrita e não impressa e que houve sim, um periódico de nome Gazeta do Ceará, mas que foi impresso também em 1824 (STUDART, 1924). Infelizmente, sobre a tipografia que realmente existia em 1823 pouco se sabe, apenas que era de propriedade particular, provavelmente pertencente a Francisco José Pacheco de Medeiros, negociante da Capital e que imprimia com autorização do governo (BRITO, 2006).

No entanto, aquele que de fato entrou para a História como primeiro fruto da imprensa cearense foi o *Diário do Governo do Ceará*, impresso pela Typografia Nacional, posteriormente chamada Imprensa Nacional ou Typografia Nacional do Ceará. O Diário era um órgão da Confederação do Equador sendo utilizado como veículo disseminador de suas ideias. Tendo por redator o Padre Mororó, um dos líderes da Confederação no Ceará. O periódico teve 19 edições todas no ano de 1824, sendo a primeira impressa em 1º de abril e a última edição, já que não foram encontradas de datas posteriores, em 17 de novembro, sendo as duas últimas edições impressas depois do fim do movimento de 1824, tendo servido de veículo para as ideias imperiais de restauração (BRITO, Op.cit.).

Após o surgimento do *Diário do Governo do Ceará* e da expansão da atividade tipográfica cearense, um grande número de periódicos passou a circular pela Província e posteriormente, Estado do Ceará. O Barão de Studart conta aproximadamente 98 jornais impressos somente em Fortaleza entre 1823 e 1898, sendo que apenas na década de limite desse estudo, ou seja, 1890 foi registrada a circulação de 151 periódicos dos mais diversos tamanhos. (STUDART, 1898.) Eram jornais de cunho político, religioso, literário, humorístico, enfim, a palavra impressa passou definitivamente a fazer parte do cotidiano das pessoas, "criando novas redes de comunicação, abrindo novas opções para o povo e também oferecendo novas formas de controlá-lo" (DAVIS, 1990, p.157).

A imprensa, então, passou a fazer parte do cotidiano da cidade, dando às pessoas (ao menos àquelas que tinham acesso à leitura) novas formas de comunicação, não somente na forma de jornal, mas de panfletos, revistas e certamente, livros. As ideias ganharam mais facilidade de circulação, seja na forma de periódicos de curta ou longa duração. Afirma Nelson Werneck Sodré (2011, p.384) que "Nos fins do século XIX estava se tornando evidente, assim, a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo

substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa".

Os jornais, então, tornam-se os veículos mais importantes para as comunicações no período, traziam notícias relevantes e não tão relevantes, do próprio Ceará e do restante do Brasil e do mundo, mas não era só isso, era portador de convites, chamamentos públicos, propagandas, ideários políticos, enfim, além de suas páginas passarem a ser palco das discussões sobre os temas mais importantes de determinada época, já que "Os movimentos sociais da década da Abolição, a reorganização da província, o movimento republicano e a tentativa de inserção do Ceará no progresso material da civilização europeia foram os temas que provocaram debate entre os intelectuais. A imprensa será o espaço privilegiado para estas ações." (OLIVEIRA, 1998, p. 75).

Além destes, um outro aspecto que torna o jornal um importante elemento no contexto dessa pesquisa é a importância que ele teve como suporte para a literatura, sobretudo no século XIX, pois os jornais foram gradualmente, segundo Mollier (Op. cit., p.159) "levando os autores de ficção a conceder uma maior atenção ao periódico, antes desprezado em relação a sua grande rival, a revista, e, mais ainda, a sua antítese, o impresso destinado a durar eternamente, o livro propriamente dito."

Além da descoberta do jornal pelos escritores, outro fator fez com que em Fortaleza, muitos autores, sobretudo os iniciantes, optassem por publicar suas obras em jornais, no formato de folhetins, qual seja, o elevado custo para a publicação de um livro. Sendo assim, foi através das páginas dos jornais que muitos autores, hoje consagrados, fizeram conhecer a si e a suas obras, fazendo com que a literatura folhetinesca caísse no gosto do público e ganhasse grande importância, já que conforme afirmam Lajolo e Zilberman (1991, p. 161) "esse gênero foi o passaporte da cultura impressa, consistiu forma e linguagem por meio das quais a leitura literária ultrapassa as fronteiras restritas de uma burguesia letrada e atinge camadas mais amplas da população urbana". De origem francesa, o folhetim, aproveitando-se do avanço da técnica e as comunicações, rapidamente se espalhou pelo mundo tendo alcançado sucesso também por suas características próprias.

[...] Reproduzível ao infinito, ou quase, o que não acontecia com o romance vindo antes dele, o folhetim destruiu as estruturas das livrarias tradicionais, pulverizou os limites do antigo leitorado, fez recuar as fronteiras que separavam a população provida de livros do povo privado de material impresso. Capaz de adentrar em quase todos os lares, ele se tornou um elo entre as gerações de leitores, a base ou o centro de uma cultura comum e o ponto de partida de uniformização, ainda que relativa, das culturas nacionais até então extremamente separadas. (Mollier, Op. cit., p. 95)

As falas dos autores acima são mais que enfáticas ao considerarem os romances-folhetins como algo que transformou significativamente as práticas de leitura, ampliando seu público. Os folhetins circulavam nos jornais diariamente ou em datas pré-estabelecidas e, na maioria dos casos, imediatamente após o término de um romance, outro já era iniciado. Além das obras de autores locais, observa-se a publicação de traduções de obras estrangeiras.

A partir da segunda metade do século XIX, com o aumento no número de agremiações literárias em Fortaleza, advindo do desenvolvimento cultural proporcionado pela inserção da cidade no processo civilizador capitalista, observa-se também o aumento das publicações voltadas para as letras, em sua maioria vinculadas a essas agremiações que tinham como objetivo estimular as práticas letradas na cidade.

O Ceará não podia eximir-se à proliferação das academias, arcádias ou agremiações literárias em voga na Europa desde o século XVII e no país desde o século XVIII. Além disso, há outro motivo que também explica o aparecimento dessas sociedades na província: não havia no Ceará nenhum estímulo às produções intelectuais e artísticas bem como à publicação de livros. Sendo assim, intelectuais reuniam-se em agremiações em Fortaleza, tendo como intuito promover a fermentação de ideias, o gosto artístico e, principalmente a formação do público leitor. (BRITO, 2011, p. 114)

Com esse objetivo de fomentação das letras na cidade foram surgindo as revistas e os jornais literários com o objetivo principal de promover o conhecimento e a valorização da literatura local, e, segundo Sirinelli (2003, p. 249), a revista -ou outra publicação feita por intelectuais- "é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão", ou seja, os periódicos são importantes para a coesão do grupo intelectual. Apesar da existência dos grupos organizados, muitas revistas eram desvinculadas de grupos ou associações, conforme afirma Barreira:

Cabe salientar que a evolução das nossas letras se passou, outrossim, derredor de *simples revistas literárias*, autônomas, sem compromissos que as vinculassem a qualquer sociedade de que servissem de porta voz.

Destacam-se entre elas, pelo maior e mais decidido influxo que exerceram sobre a inteligência compatriota: Revista Moderna, de Adolfo Caminha, Revista Primeiro de Maio, Boêmia dos novos, O Germinal, Revista do Ceará, Fortaleza Terra da Luz, A Jangada, Walhalla, O Árcade, Tertúlia, Panóplia, Témis, Heliópolis, A Jandaia, Ceará Ilustrado, Maracajá e Valor. (BARREIRA, 1948, p. 65. Grifo do autor.).

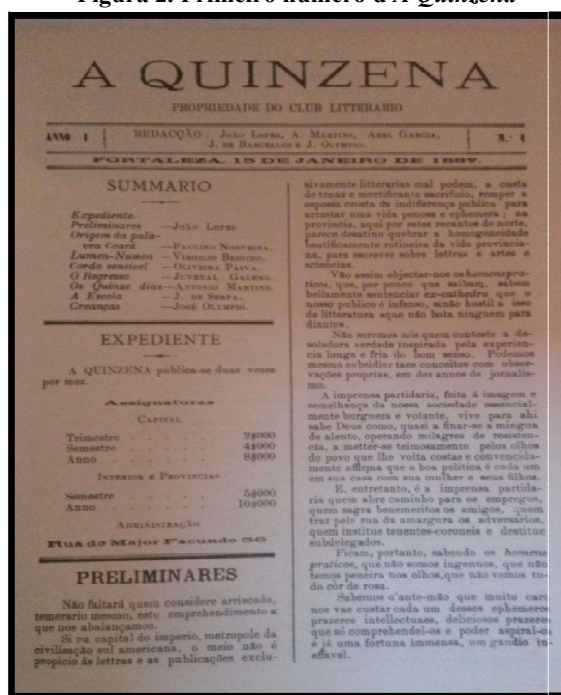
Apesar da existência das publicações independentes, como as citadas acima por Barreira, será dada maior atenção aqui aos órgãos pertencentes a grupos literários existentes em Fortaleza. Diante da necessidade de escolha, achou-se por bem tomar como exemplo a

atuação da revista *A Quinzena*, de propriedade do Clube Literário e o jornal *O Pão*, órgão da Padaria Espiritual.

Fundado em novembro de 1886, o Clube Literário acabou por tornar-se um marco na história das letras cearenses. Diferente da Academia Francesa que possuía grande caráter de associação filosófica, o Clube Literário era definitivamente mais devotado às práticas literárias, sendo aceitos em suas fileiras homens realmente dedicados às letras.

O programa de instalação da agremiação previa, dentre outras ações a interação com outras associações literárias dentro e fora do Brasil, a realização de conferências públicas e a criação de um órgão de imprensa, este veio a lume com o título de *A Quinzena*, já que era publicado quinzenalmente. Era impressa na Tipografia do Libertador, jornal cujos membros do Clube Literário "[...] eram redatores e em que escreviam muitos de seus membros" (BARREIRA, Op. cit., p. 118.)

Figura 2. Primeiro número d'*A Quinzena*



Fonte: *A Qinzena*. Propriedade do Club Literário (1887-1888). Edição fac-símile, ACL/BNB, 1984.

Na figura acima é apresentada a primeira página do primeiro número d'*A Quinzena*. Neste número inicial, o redator João Lopes faz a apresentação da revista para os leitores, exaltando a atitude dos membros do Clube Literário de produzir um periódico voltado para as letras em uma cidade de Província

Não faltará quem considere arriscado, temerário mesmo, este empreendimento a que nos abalancamos.

Si na capital do imperio, metropole da civilisação sul americana, o meio não é propício às letras e as publicações exclusivamente litterárias mal podem, a custa de tenaz e mortificante sacrificio, romper a espessa crosta da indiferença publica para arrastar uma vida penosa e ephemera; na provincia, aqui por estes recnatos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificamente rotineira da vida provinciana, para escrever sobre letras e artes e sciencias.⁹

Tendo então aceito o desafio, publicou-se a revista que era composta quase que totalmente por textos literários que podiam ser poemas, crônicas, trechos de romances e traduções, mas também continha artigos de opinião acerca dos mais diversos assuntos como "A mulher na família", "A educação moral das crianças na escola", e os textos de "artes e sciencias" tais como "Duas palavras sobre a psicologia ethnographica" e "A origem da poesia". Eram seus colaboradores nomes como Paulino Nogueira, Virgílio Brígido, Oliveira Paiva, Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales e Francisca Clotilde que era uma das colaboradoras mais atuantes.

A atuação dos membros do Clube se dava não só entre suas paredes, mas nos demais espaços das práticas letradas. Jornalistas, professores, escritores de fato. E essa atuação se deu de forma intensa na cidade como afirmado pelo autor da História da Literatura Cearense:

A inapreciável cooperação do Clube Literário para o progresso das letras no Ceará, não a tornou ele efectiva, apenas, embora preponderantemente, através das colunas do seu florente órgão, que eram postas, conforme declarava João Lopes no artigo de apresentação, à disposição de todas as inteligências; tornou-o, a mais, franqueando a seus sócios, todos os dias, das dez da manhã às dez da noite, a leitura de jornais e revistas, tanto desta capital como da Corte e províncias, enviados ao Clube e à Redacção d'A Quinzena, e bem assim inaugurando conferências públicas, em que Oliveira Paiva procurava interessar o povo [...]. (BARREIRA, Op. cit., p. 121)

Aqui se observa, que apesar da extrema importância da revista para a realização das pretensões do grupo de valorizar as letras e o hábito da leitura, a disponibilização do espaço físico para a leitura e a realização de conferências públicas, também eram formas eficazes de atrair um público leitor já existente e auxiliar na constituição de um novo.

Com esse mesmo propósito e o anseio a mais de poder apresentar suas qualidades literárias, é que um grupo de jovens letrados funda a Padaria Espiritual, uma agremiação de caráter original que se constituiu na cidade na década final dos oitocentos e que marcou de forma expressiva as letras cearenses, não apenas pelas suas características de humor e crítica,

⁹ A *Quinzena*, 15/01/1887, p. 1

mas por ter sido importante para a evolução das diversas escolas literárias no Ceará, tendo sido berço do simbolismo no Estado¹⁰.

Em seu programa de instalação, os padeiros espirituais prometiam a criação de um jornal para expor as ideias do grupo e apresentar a produção dos membros da associação. Cumprindo sua promessa, lançaram o jornal *O Pão*, cujo primeiro número veio à lume em 17 de julho de 1892 e foi um sucesso de público, o que se deu com os números anteriores conforme afirma Wilson Bóia:

[...] Sem regularidade na distribuição, saíam a pé os próprios padeiros, de sua sede, sobraçando *O Pão* para vendê-lo pela Praça do Ferreira. [...] O terceiro número, datado de 30 de outubro, foi um sucesso, pois já às dez horas da manhã se tinha esgotada sua edição de dois mil e quatrocentos e noventa e seis exemplares. Somente dois burgueses se recusaram a adquirir esse terceiro número: um, por analfabeto, outro mais preocupado com suas irritantes hemorroidas... (BÓIA, 1984, p. 141).

O periódico dos padeiros foi publicado em quase todo o período de existência do grupo, com alguns períodos de interrupções e com três fases distintas de acordo com o estilo adotado pelo jornal. A primeira fase, com seis exemplares publicados, tinha um caráter mais despojado, contando com as críticas de Adolfo Caminha na coluna *Sabbatina*, além das anedotas e pilhérias publicadas aos pés de página. Os textos literários permeavam a maioria das páginas e as pequenas poesias tinham um espaço próprio na sessão *Bolachinhas*.

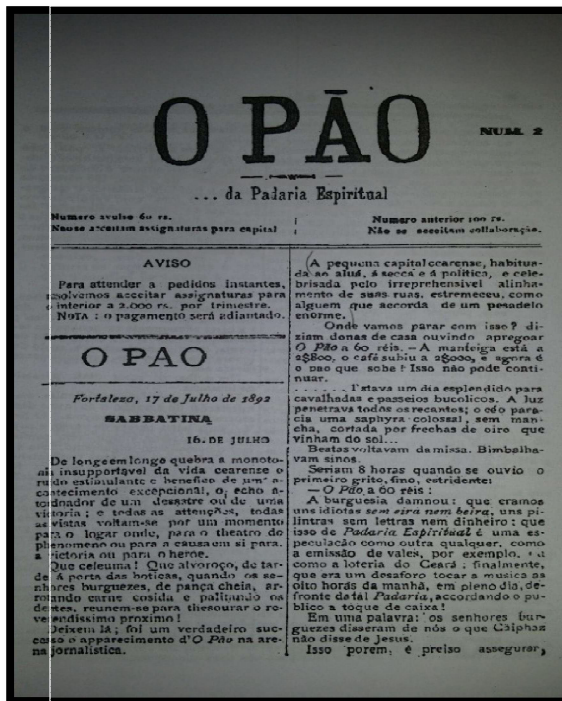
Por ocasião da reorganização do grupo em 1894, com saída e entrada de membros, o jornal volta a circular, mas buscando nessa fase dar maior ênfase aos assuntos literários, com a publicação de críticas e resenhas de obras, sobretudo na coluna *Bibliografia*, anúncios de publicações, além de já contar com uma área de anúncios em geral. Após mais uma parada, o jornal volta ao prelo em 1896, mas dessa vez são apenas seis edições antes da definitiva extinção da folha quinzenal dos padeiros, mais por motivos financeiros que por falta de vontade de manter o jornal (Ibidem).

Wilson Bóia (Op. cit.) divide a história do jornal *O Pão* em três fases, no entanto, o que se observa são duas fases bem delimitadas, uma mais leve e irônica e outra tratando mais seriamente e com maior dedicação os assuntos literários, além disso, o período sem

¹⁰ Para um estudo mais aprofundado sobre a Padaria pode-se recorrer às seguintes leituras: AZEVEDO, Sânzio de. **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**. 2. ed. - Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 1996.; CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: Biscoito fino e travoso**. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da cultura do Estado do Ceará, 2006.; MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. – 2. ed.– Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar, 1994

publicações do jornal entre as ditas segunda e terceira fase é menor que o lapso anterior e as características da publicação das duas últimas fases são as mesmas, o que faz entender ter possuído duas fases o periódico da Padaria Espiritual.

Figura 3. Primeira página do segundo número d'*O Pão*. 17/07/1892.



Fonte: “*O Pão*”... da Padaria Espiritual(1892/1895-1896). Edição fac-símile, ACL/BNB, 1982.

Na figura acima, temos a primeira página de um dos números pertencentes à primeira fase d'*O Pão*, na qual se pode observar a coluna *Sabbatina*, que nesta referida edição trata da repercussão da aparição do jornal dos padeiros na cidade de Fortaleza. As críticas desferidas por Caminha na citada coluna, na maioria das vezes, eram direcionadas para as camadas emergentes da cidade, denominadas por ele de burguesia e contra a exagerada aclamação dos aspectos civilizatórios da cidade.

Essas transformações ocorridas nas cidades ao longo do século XIX são fontes de intensos debates e inspiração para os letrados dos oitocentos, pois "Convencidos de viverem numa 'nova era', prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado, eles se lançaram à empresa de anotar em seus escritos os sinais visíveis dessa novidade de dimensões desconhecidas e assustadoras." (BRESCIANI, 1984/85, p. 36-37). Nesse sentido, Adolfo Caminha expõe sua visão da cidade:

A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bella como a concheceis é, entretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não temos livros

que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos alli ao Passeio Público exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos.

Não vivemos - vegetamos.¹¹

O autor d'*A Normalista* dá a entender que apesar do processo modernizador pelo qual a cidade passava em sua época, esta não se encontrava verdadeiramente civilizada, tendo em vista para qual parte da população as mudanças eram voltadas, e que aspectos eram prioritários no processo de transformação urbana da cidade. E um dos pontos que não era tido como prioridade no entender do autor era a cultura, representada em sua fala pela literatura, pela presença do livro, e ao tocar nesse ponto, ele faz reverberar o clamor das associações literárias, a luta pela valorização das letras e o incentivo à leitura.

Assim sendo, observa-se que as publicações periódicas eram a voz dos homens de letras e na Fortaleza oitocentista ainda mais, devido à falta de ações que facilitassem não só a publicação de livros, como também o trabalho do escritor e a própria prática da leitura, eram órgãos que permitiam em suas páginas o aprimoramento literário e o debate de ideias, o que tinha um valor singular numa sociedade marcada pelo analfabetismo.

E essa característica, comum não só a capital do Ceará, mas à imensa maioria das cidades brasileiras era decisiva na formação de um público leitor, e diante do pretendido estudo acerca do aumento da produção livreira fortalezense no final dos oitocentos, faz-se necessária uma pequena análise acerca das ações voltadas para o letramento na cidade nesse período.

2.2. "EM TERRA DE NÃO LETRADOS...": INSTRUÇÃO PÚBLICA E AS AÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

As transformações ocorridas em Fortaleza por meio de sua inserção no cenário econômico mundial não atingiram a cidade de forma homogênea. Como é sabido, apenas os setores que mais interessavam aos grupos dominantes locais foram beneficiados com a entrada de capital, e embora o processo de instalação de um modelo de sociedade civilizada passasse também pela instrução pública, esta não foi marcada por mudanças efetivas e nem houve um significativo aumento do acesso a ela por parte das classes mais pobres, embora

¹¹ Adolfo Caminha. *Sabbatina*. In: *O Pão*. 17/07/1892. p. 2.

também se exaltasse, como se verá, a importância desse setor para o desenvolvimento da sociedade e para sua inserção no universo da cultura letrada.

A inserção definitiva de Fortaleza nesse universo foi prejudicada pela quase total ausência de políticas educacionais durante o período da Colônia e boa parte do Império, sobretudo no que se refere à educação de primeiras letras. No Ceará, os números referentes à educação são inexpressivos durante boa parte de sua história. Em 1841, por exemplo, existiam "729 alunos nas escolas providas, e 101 meninas nas 4 para o sexo feminino. As aulas de latinidade, sete, com 49 estudantes." (MOACYR, Apud VIEIRA, 2007, p. 106-107). Uma pequena melhora pode ser observada durante o II Império, tanto em nível nacional quanto provincial, o fato mais marcante para o Ceará no período foi a criação do Liceu em 1845 que vem representar um modelo de escola, sobretudo para os filhos das elites, mas também para aqueles que desejavam diferenciar-se dentro de sua classe.¹² Além do Liceu, outras iniciativas fomentaram o quadro educacional cearense à época, como a criação de novas cadeiras, a abertura de escolas particulares e concessão de bolsas de estudo. Segundo Thomaz Pompeu, em 1860 contavam-se 942 alunos matriculados nas escolas, sendo 1 Liceu com 8 cadeiras secundárias, 8 escolas primárias para meninos e 4 para meninas (BRASIL, 1894).

Os problemas da instrução pública cearense perpassam os anos. E em 1870, os críticos prosseguem sua jornada exigindo reformas no modelo educacional ao entenderem a educação como base para o desenvolvimento. Um desses críticos, identificado apenas por T. na coluna *Collaboração*, no jornal *Cearense* expressa sua opinião:

A reforma da instrucção publica da província tem sido para todas as legislaturas, para todas as administrações o objecto de mais importancia, a necessidade mais palpitante da provincia que em tudo progride graças ao gênio laborioso de seus habitantes.

A população desfallecida de meios reclama essa necessidade, esse direito garantido pela Constituição, e nem as tentativas dos poderes, nem as reclamações da população viram ainda a realização de seus mais ardentes desejos.¹³

A constituição a qual se refere o autor é a Carta de 1824 que define a instrução "gratuita a todos os cidadãos"¹⁴, mas que não define uma legislação específica para ela, o que

¹² Segundo Hobsbawm: "A instrução escolar oferecia, acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores." In: **A Era dos Impérios**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998. p. 247.

¹³ "Collaboração". In: *Cearense*. Fortaleza: 21/09/1870. p. 1.

¹⁴ CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRAZIL. 1824. Art. 179. §32. Consultada em meio eletrônico em: www.planalto.gov.br/ccivil-o3/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em 14/10/2013.

se dará apenas em 1827 com a lei que define a educação como dever do Estado (VIEIRA, Op. cit.), sendo esta a legislação que vigorou até a promulgação da Carta republicana.

Com o advento da República, que via a instrução como acesso à vida cívica, houve um aumento das iniciativas educacionais tanto por parte do governo (com o objetivo de criar uma educação cívica, a instrução voltada para a glorificação do Regime. O Decreto nº 171, de 23 de março de 1891 obriga a leitura da Constituição nas escolas) como de particulares. No entanto, o que se observou foi que quase tudo se manteve igual ao período imperial, e os republicanos não conseguiram ou não quiseram acabar com o analfabetismo, ou ao menos diminuir drasticamente seus índices. Era até mesmo interessante a manutenção da grande quantidade de analfabetos, pois deixaria a maioria do povo fora da política, já que "A mudança do critério político para a configuração dos eleitores 'esclarecidos', de censitário para alfabetizado, foi uma das artimanhas de setores dos nossos políticos para elitizar ainda mais o poder". (BITTENCOURT, 2008, p. 37).

Contudo, era sabido pelas elites brasileiras que o atraso educacional do país trazia danos internos e externos, principalmente na imagem do Brasil no exterior, pois ao querer se apresentar em sintonia com os avanços civilizatórios da época era um ponto negativo o grande número de analfabetos, conforme afirma Circe Bittencourt:

Um dos poucos fatos que irritavam nossas elites governamentais, como ocorre ainda nos dias atuais, eram os dados estatísticos. O número dos alfabetizados brasileiros, quando comparados aos países "civilizados", incluindo, no final do século XIX, a Argentina e o Chile, constrangiam nossos políticos. Era uma realidade que impedia o Brasil de ser considerado como "igual" perante os países europeus e os Estados Unidos. A lenta expansão da rede de escolas elementares apenas os deixava preocupados nesse sentido e, por vezes, faziam jogos com os números em relação à população para tentar justificar o atraso no processo de escolarização, trabalhando com dados sobre as perspectivas futuras. (Ibidem, p. 38.)

Neste sentido, com o intuito de melhorar os números da educação, na década de 1890 no Ceará, observa-se o desejo por parte do poder público de reformar a instrução pública. No entanto, são vários os empecilhos colocados para a realização de tal intento. As principais fontes referentes à instrução que serão analisadas nesse estudo são as mensagens enviadas à Assembleia Legislativa pelos presidentes do Estado. Em tais documentos é possível observar que embora houvesse a consciência do real estado em que se encontrava esse setor, poucas eram as ações realizadas para sua melhoria.

Nos primeiros anos da década, as mensagens se mostram pessimistas e não veem uma solução para o problema devido a vários fatores, inclusive questões vinculadas a interesses individuais como pode ser observado na mensagem enviada pelo presidente Bezerril Fontenele em 1893:

Razões de ordem dogmática a disciplinar me demoveram de emprender a reforma da Instrução pública mesmo com a amplitude de liberdades que me concedestes. Haveis de convir que reformas theoricas, simplesmente escriptas e decretadas nada aproveitam. Adiantam, quando muito, o atulhamento dos archivos da legislação.

Uma reforma radical, praticamente proveitosa, da instrução pública, é problema actualmente quasi insolúvel, attento o indeterminado numero de relações egoisticas a satisfazer.¹⁵

O trecho apresenta a preocupação do gestor em não se ater somente a reformas teóricas ou de apreensão de modelos educacionais, que a mudança deve se dar na prática, o que não seria possível diante das disputas que possivelmente envolviam as mudanças desejadas, pois "[...] motivos políticos orientaram bem mais essas ações práticas que alguma preocupação efetiva com as melhorias na educação estadual" (CARDOSO, 2009, p. 95); ou das dificuldades financeiras sempre citadas que vão desde os salários dos professores ao que é gasto com a manutenção dos prédios escolares. Exemplo disso está na mesma mensagem citada acima, quando o presidente pergunta o que lucram os cearenses com os 70,000\$000 dispensados pelo governo para a manutenção do Liceu e da Escola Normal.

Mesmo com essas afirmações, o mesmo Bezerril Fontenele, na mensagem do ano seguinte se orgulha ao afirmar que a reforma "quase impossível" fora realizada, porém o que se fez foi apenas adequar o Liceu ao regulamento do Ginásio Nacional¹⁶, ou seja, uma ação sem um impacto real, já que afeta apenas o ensino secundário, enquanto no ensino primário, que atendia a um maior número de alunos a situação permaneceu quase que inalterada.

Essa crise no ensino primário levou o supracitado presidente a propor uma drástica medida para tentar solucionar o problema, tanto das despesas do Estado como da baixa frequência dos alunos nas escolas. Além de alegar que a fonte dos problemas seja a falta de fiscalização, conclama os deputados a serem os executores de um ato que possivelmente solucionaria em parte os problemas:

¹⁵ Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1893 pelo Presidente do Estado, Bezerril Fontenele. p. 11. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 20/04/2013.

¹⁶ Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho 1894 pelo Presidente do Estado, Bezerril Fontenele. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 20/04/2013.

Prestarieis relevante serviço se legislassem no sentido de tornar, de facto obrigatório o ensino elementar, instituindo um imposto ao analfabetismo, que se pode fazer recahir directamente sobre os paes que não mandam seus filhos às escolas, applicando o que se arrecadar em beneficio da própria instrucção. Sem essa espécie de penalidade não se conseguirá sahir jámais da triste deprimente porcentagem dos 80% que não sabem ler. E desde que se faça efectiva a multa ao professor que não dá aulas, e imposta aos paes das creanças que não frequentam escolas, o agente do fisco será o melhor fiscal.¹⁷

O que se observou na análise das mensagens posteriores foi que não se criou tal imposto, e que talvez, essa acabasse por se tornar mais uma medida ineficaz, tendo em vista as questões que envolviam a evasão escolar na época. Na grande maioria das vezes "[...] é o imperativo econômico o que determina o afastamento da criança em idade escolar das atividades do ensino, antes de concluir o curso primário." (ALVES, 1966, p. 363. Apud: CARDOSO, Op. cit. p. 107). Essas crianças, em sua maioria filhos de famílias muito pobres tinham que abandonar os estudos para ajudar no sustento de casa e era justamente dessas famílias que o presidente pretendia cobrar o "imposto ao analfabetismo".

O historiador Antônio Bezerra de Menezes fez, nesse mesmo ano de 1895, um levantamento quantitativo das escolas e dos alunos em Fortaleza. De acordo com ele, 422 alunos dos 1.061 matriculados de ambos os sexos, se evadiram da escola, deixando um saldo de 639 alunos ou 60,3% do total, frequentando as aulas que se realizavam em 20 escolas públicas, sendo divididas para os sexos feminino, masculino ou misto (MENEZES, 1992).

Os discursos referentes à educação ganham um tom mais otimista, embora sem reverberações na realidade, com a chegada ao poder de Nogueira Acioli que com seu talento político e apoiado nos mecanismos da Política dos Governadores instituída pelo presidente Campos Sales, consegue instalar com sucesso um governo oligárquico no Ceará, mantendo-se muitos anos no poder (GIRÃO, 1984).

Em seus discursos marcados por grande eloquência e por um acento quase literário, Acioli exalta o valor da instrução para o Ceará, proclamando-a como "base fundamental de toda prosperidade", comprometendo-se a "tornar o ensino público uma realidade entre nós (...) procurando descobrir em nossas organizações escolares os defeitos que as impedem de ir por

¹⁷ Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho 1895 pelo Presidente do Estado, Bezerril Fontenele. p. 14. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 20/04/2013.

diante"¹⁸. Ou seja, diferente dos antecessores que já supunham quais eram os problemas da instrução e os acham insolúveis, Acioli busca estudar as causas do problema para depois buscar as soluções. E como prometido, tomou as providências que achou necessárias já que "(...) depois de demorado e reflectido estudo, resolvi usar da autorização que a Lei nº 285 de 30 de julho de 1896 me outorgava, começando por dar novo regulamento à Escola Normal e subsequentemente ao Lyceu do Ceará e à Instrução primária."¹⁹.

Observa-se que apesar de tratar de todos os níveis de ensino, as ações mais recorrentes se dão em torno da Escola Normal e do Liceu, escolas de nível secundário e de grande importância no cenário local. O tradicional Liceu que desde sua fundação foi sinônimo de distinção, também teve sua história permeada de percalços iniciando por sua sede, já que uma definitiva só lhe será dada em 1894 (MENEZES. Op. cit.). Já com relação à Escola Normal, percebe-se um grande apreço do presidente Acioli pela referida instituição, sobretudo no que diz respeito ao seu papel de formação de professores, no caso professoras, pois o próprio oligarca se ressentia da falta de rapazes no curso normal, como se observa na fala abaixo:

Observo, entretanto, que o ensino ainda não atingiu entre nós a dignidade de uma profissão, pois muitos rapazes que, com aproveitamentos para si e vantagens para o ensino, poderiam seguir o professorado diplomando-se pela escola, preferem empregos de baixa categoria nas repartições publicas, sendo para notar que n'um estabelecimento, como a Escola Normal, não se conte a matrícula de um só individuo do sexo masculino.²⁰

O emprego de professor podia mesmo ser de mais alta "categoria", porém o ordenado não diferia muito e em alguns casos era até menor que o de alguns cargos de repartições públicas, excetuando-se o dos lentes do Liceu e da Escola Normal. Segundo o Almanaque do Ceará para o ano de 1897, o salário do professor do Liceu chegava naquele ano a \$3.360.000, enquanto o de um professor primário variava entre \$700.000 e \$1.800.000, o que não se diferenciava do salário pago ao carcereiro da cadeia da capital que recebia os mesmos \$1.800.000.²¹

Esse é um dos aspectos que afastavam muitos jovens da carreira do magistério e que por sua vez provocava as vacâncias nas cadeiras nas mais diversas regiões do Estado. Somando-se a isso às más condições das escolas, os problemas de ordem econômica que

¹⁸ Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará em 1897 pelo Presidente do Estado, Nogueira Acioli, p. 11. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 22/04/2013.

¹⁹ Idem, p. 11.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 12.

²¹ O ganho de \$700.000 se refere à classe de professores de povoados, já os da capital ganhavam \$1.500.000, o vencimento de \$1.800.000 era pago ao professor que atuava na cadeia da capital. Almanaque do Ceará. Confeccionado por João Câmara. In: Instituto do Ceará. **Almanaque do Ceará**. DVD-ROM.

ocasionavam o abandono escolar e as poucas ações governamentais visando sanar os problemas, têm-se um quadro de pouca esperança para a instrução pública. Não obstante a isso o que se vê é um crescente número de matrículas em todos os níveis entre o começo e o fim da década de 1890 como se observa na tabela abaixo:

Tabela1: Quadro de matrículas no ensino primário e secundário

Ensino Primário		Liceu		Escola Normal	
Ano	Quantidade de Matrículas	Ano	Quantidade de matrículas	Ano	Quantidade de matrículas
1894	8.687	1893	112	1890	101
1896	9.088	1898	699	1897	159
1898	10.572	1899	749	1899	308

Fonte: VIEIRA.Op. cit., p. 160-161 & *Almanaque do Ceará*. Op. cit. p. V

Contudo, deve-se ressaltar que o número de alunos matriculados não condiz com a quantidade que frequentavam as aulas e que essa maior procura pela escola pode ter se dado menos pelo aumento no interesse dos pais pela educação dos filhos que pelo real aumento populacional registrado, sobretudo na capital, que passa de uma população de 30.065 habitantes em 1890 para 48.369 em 1900 (GIRÃO, 1979) e que algumas das reformas realizadas pelos governos do período tenham tido êxito no sentido de melhorar os números da instrução pública.

Todavia, o que a década de 1890 viu no tocante ao cenário educacional em Fortaleza, foi o considerável aumento no número de estabelecimentos de ensino particular surgidos para atender o desejo de alguns grupos de oferecer uma melhor educação para seus filhos, tendo em vista o descrédito do ensino público. De acordo com o *Almanaque do Ceará* para o ano de 1897 a cidade contava com 13 escolas particulares quais sejam: Seminário Episcopal, Colégio da Imaculada Conceição, Partenon Cearense, Instituto de Humanidades, Escola Cristã, Ginásio Cearense, Colégio Anunciação, Colégio Santa Tereza de Jesus, Jardim da Infância, Escola Primária, Colégio Alba Rosa, Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Colégio São José (*ALMANAQUE DO CEARÁ*. Op. cit.).

Essas escolas, embora tivessem em sua maioria um custo elevado - a mensalidade do Santa Tereza de Jesus por exemplo, para o curso de primeiras letras era de 3\$000 - possuíam um considerável número de matrículas, sendo o Ginásio Cearense, o Partenon Cearense e a Escola Cristã aqueles com o maior número de alunos, respectivamente 261, 198 e 195 matriculados. Um caso a parte é o Imaculada Conceição que contava com 847 alunos, mas leva-se em consideração as diversas modalidades de ensino da instituição que possuía além de seu internato (para meninas órfãs), um externato, uma escola dominical e o pensionato (Idem).

Diante do apresentado, é então possível concluir que não era fácil para a maioria da população, sobretudo as classes menos favorecidas, entrar no mundo dos alfabetizados, pois se por um lado havia o ensino público, as condições econômicas das famílias de trabalhadores, por vezes, não permitiam a dedicação aos estudos e eram essas mesmas condições que impediam o ensino de melhor qualidade nos estabelecimentos privados. Esse quadro servia para aumentar ainda mais as diferenças de classe na cidade, pois apesar do acesso ao ensino elementar se destinar a todos, os demais níveis (secundário e universitário) são restritos a determinados grupos (CHARTIER, 1998), os quais usam a instrução como um dos meios de distinguir-se das classes subalternas.

É pertinente lembrar que, sendo a instrução um instrumento de distinção (BOURDIEU, 2007), é por meio dela que poucos sujeitos pertencentes aos setores menos favorecidos também conseguem se destacar dentre os seus, e até mesmo penetrar nas camadas mais elevadas, como foi o caso de alguns letrados a serem estudados ainda nessa dissertação.

Apesar dos esforços governamentais e das iniciativas particulares, os níveis de analfabetismo em Fortaleza praticamente não foram alterados ficando em torno de 80% da população como fora anteriormente citado. Nesse contexto, surgiram diversas iniciativas por parte de alguns sujeitos e grupos na tentativa de expandir a alfabetização, sobretudo entre os adultos trabalhadores. Foi o caso, ainda na década de 1870, da conhecida escola popular levada a cabo pelos membros da Academia Francesa que, no entanto, demonstrava mais preocupação com os debates entre seus membros e a expansão do seu ideário filosófico que com a instrução de primeiras letras.

Outros exemplos de ações em prol da educação por instituições independentes foram o Clube Educando Caixeiral na década de 1880 e as aulas noturnas sob a promoção do Partido Operário durante a década de 1890. O Educando Caixeiral tinha como alvo os trabalhadores

do comércio que eram reunidos "[...] com o objetivo de estudar o nosso idioma por meio de aulas de português ministradas por Joaquim Catunda." (BÓIA, 1984, p. 88), ou seja, observando a deficiência ou a ausência de alfabetização entre os membros de sua classe, os caixeiros se organizaram visando mudar a situação de não letrados, inserindo-os assim, nos debates pela causa trabalhadora.

A crescente conscientização e politização das classes trabalhadoras do século XIX teria sido quase inconcebível sem o aumento simultâneo da alfabetização das massas populares. Os trabalhadores eram os "novos leitores", o público leitor do século XIX, uma categoria que, pela primeira vez, dominava a competência de variadas habilidades de leitura. A habilidade de ler e escrever era essencial para a organização política nacional, a mobilização e a comunicação de massas. Talvez seja ainda mais importante considerar que a leitura ofereceu um caminho para a autoeducação e para o desenvolvimento da conscientização da classe trabalhadora. (LYONS, 1999, p. 39)

O Partido Operário também tinha como objetivo final, ao promover a educação dos trabalhadores, inseri-los nas discussões políticas auxiliando na formação da consciência de classe entre eles. Cobrando uma pequena taxa aos não sócios e tendo professores voluntários, o partido realizou uma obra, embora pequena - tinha apenas 36 alunos - mostrou que em Fortaleza já surgia a compreensão de que organizados, os trabalhadores podiam realizar mais em prol de sua categoria (CARDOSO, Op. cit.).

Contudo, todas essas ações não pretendiam apenas alfabetizar, mas incutir nos sujeitos a prática da leitura, o gosto pelas letras, afinal ser alfabetizado não implica necessariamente ser leitor, pois para Chartier (2004) leitura é a mobilização do texto com um propósito, "utilidade ou prazer". Assim sendo, o incentivo à leitura se fez de várias formas, uma delas foi com a criação de espaços próprios para a prática da leitura como os gabinetes de leitura, onde "(...) determinados indivíduos afeiçoados às letras organizavam o funcionamento destes espaços, os horários de leitura, empréstimos de livros, muitas vezes, habilitando jovens frequentadores na arte de versejar (...)" (CARDOSO, Op. cit. p.112). Como exemplos desses locais, cita-se o Gabinete Cearense de Leitura, fundado na capital em 1875, sendo depois criados outros semelhantes em cidades do interior, tais como os Gabinetes de Leitura de Granja, Pereiro, Barbalha, Camocim, Viçosa, dentre outros (BARREIRA, 1948).

A formação de um público leitor, portanto, passa por esses lugares de leitura que não só os gabinetes, mas também as livrarias, biblioteca, grupos literários - que serão melhor apresentados no próximo tópico deste capítulo - e obviamente, a escola, que para aqueles que conseguiam frequentá-la era através da qual se dava o primeiro contato com o livro. Embora o

alfabetizado não necessariamente desenvolva o gosto pela leitura é inegável que a escolarização provoca o aumento do número de leitores potenciais (BOURDIEU, 1996), para os quais se oferecem produtos para os mais diversos gostos, sendo o primeiro deles, na maioria dos casos, o livro escolar.²²

O livro escolar, além de ter a primazia na formação de muitos leitores, também teve importância no desenvolvimento do campo editorial não só em Fortaleza como em todo o Brasil, pois:

É na área do livro escolar onde mais cedo se manifesta a exigência de uma produção editorial autóctone, ao menos nos conteúdos, ainda que, inicialmente, os livros sejam impressos fora do país. A carência de livros fez que o Brasil importasse especialmente da França e de Portugal, os seus primeiros compêndios e cartilhas, mas logo se tornou evidente a necessidade de nacionalização desses livros, especialmente os do ensino elementar. (BRAGANÇA, 2006, p. 553-563)

Além das obras didáticas, certamente circulavam pela cidade livros de vários tipos: romances, livros de poesia, religiosos, manuais, etc. Dentre esses, os livros de baixo custo como os da coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas* tinham grande vendagem por tratar de temas variados, inclusive com livros de divulgação científica, com títulos como *Química Orgânica, Aritmética, Geologia, Eletricidade, Zoologia, Mineralogia, O mar*, e que fazia sucesso nas livrarias locais (VENANCIO, 2004). No entanto, essas coleções "voltadas não para um público específico, mas sim 'para todos os bolsos e gostos', trouxeram à luz, primeiramente, títulos e autores aclamados pela crítica literária daquele tempo" (EL FAR, 2006, p. 32). Foi assim que vários autores se tornaram conhecidos do grande público.

Dentre esses autores, cujos livros tornaram-se mais conhecidos dos leitores podem ser citados José de Alencar, Aluísio Azevedo, Eça de Queiros, Émile Zola, Victor Hugo, dentre outros que tinham suas obras vendidas e por vezes editadas em Fortaleza em tipografias como a de Gualter Silva (SILVA, 2009).

Diante do exposto, pode-se concluir que mesmo com o fraco nível da instrução pública e o reduzido número de estabelecimentos educacionais criou-se a possibilidade, sobretudo a partir da década de 1870, de socialização que reforçou laços de classe e uniu mentes moldadas em práticas culturais europeizantes. Também se observa que os jovens que frequentavam as

²² Não se pode esquecer, no entanto, daqueles que tiveram os primeiros contatos com as letras fora da escola, os que no seu ambiente doméstico foram apresentados aos livros e à leitura, na maioria das vezes religiosa. O próprio ato da leitura em voz alta realizada em alguns lares foi importante para a difusão do objeto impresso. Cf. CHARTIER, 2004.

escolas perceberam suas ideias em comum e passaram a se reunir em suas próprias associações. Ou seja, a partir da escola desenvolveu-se toda uma rede cultural, que junto com o avanço material, observado nas décadas finais do século XIX, proporcionou o desenvolvimento de uma classe intelectual que via a importância da cultura letrada para o processo civilizador, ou seja, a adequação aos padrões de civilidade atingidos, principalmente pelas nações europeias (ELIAS, 2011). Esses letrados reunidos pelos mesmos ideais acabaram por estabelecer na cidade espaços próprios de debates, leituras, e demais práticas voltadas para o mundo das letras.

2.3. LUGARES PARA LER, LUGARES PARA ESCREVER: OS AMBIENTES DAS LETRAS

No início deste capítulo, afirmou-se que a cultura letrada e a cidade sempre estiveram interligadas, desde que os núcleos urbanos se tornaram locais de intensas trocas, centros de produção cultural e irradiadores da cultura e, posteriormente o lugar da "civilização". Nesse sentido, o estudo da atuação dos letrados na cidade é um estudo dos lugares das letras no meio urbano, dos lugares de sociabilidade, nesse caso, daqueles frequentados pelos intelectuais fortalezenses.

Esses, como já foi dito, tiveram importante papel no processo de proliferação dos ideais civilizadores na cidade e também participaram ativamente de momentos importantes nas esferas social e política, como a abolição da escravidão e a proclamação da República, tendo esse último promovido intensos debates, sobretudo após a instalação do regime com as disputas entre deodoristas e florianistas, debates esses tão acalorados que foram da palavra à ação em 1892 com a deposição de Clarindo de Queiroz do cargo de presidente do Ceará (GIRÃO, 1894).

O novo regime prometia mudanças, sobretudo uma maior democratização do país, o que fez com que vários setores da população, após a inicial surpresa provocada pela deposição do Imperador, o visse com bons olhos, pois conforme afirma José Murilo de Carvalho (1987, p. 21-22) "A Proclamação da República trouxe grandes expectativas de renovação política, de maior participação no poder por parte não só de contraelites, mas também de camadas antes excluídas do jogo político".

Porém, de todas as mudanças alardeadas pela propaganda republicana a maioria não se concretizou, a começar pela democratização política, pois o direito ao voto, por exemplo,

continuava restrito e os analfabetos que representavam grande parcela da população, continuaram sem participar do processo eleitoral. A não concretização dos anseios de alguns grupos provocou diferentes reações de desencanto com a República, principalmente por parte daqueles que mais esperavam mudanças efetivas vindas do novo governo.

É nesse contexto da concretização republicana na década de 1890, que Fortaleza se configurará definitivamente como polo irradiador da cultura e consequentemente das letras no Estado do Ceará, não obstante a instalação dos gabinetes de leitura em diversas cidades do interior, como já comentado. A cidade, desde muito tempo antes dos anos finais do século XIX, já estava dotada de diversos equipamentos urbanos que favoreciam o desenvolvimento das Práticas Letradas, tipografias, imprensa, biblioteca, livrarias, gabinetes e associações literárias, e por esses espaços circulavam os homens das letras ou aqueles que pretendiam sê-lo, dos que estavam ou buscavam estar inseridos no mundo letrado.

Nesse sentido, cabe aqui fazer uma rápida análise da constituição do grupo de sujeitos letrados que se observava em Fortaleza à época estudada nesta pesquisa, tendo em vista as características da análise, percebe-se a inserção de alguns aspectos da História Intelectual, já que:

[...] a História Intelectual, domínio pluridisciplinar por excelência, possibilita diferentes enfoques, como o dos contextos de produção de ideias, o dos agentes socioprofissionais e o das correntes de pensamento. Situada, portanto, na interseção de diferentes disciplinas (História, Sociologia, Filosofia etc.) ela parece visar dois polos de análise: de um lado, o conjunto de funcionamento de uma sociedade intelectual (o "campo", na visão de Pierre Bourdieu), isto é, suas práticas, seu modo de ser, suas regras de legitimação, suas estratégias, seus *habitus*; e de outro lado, as características de um momento histórico e conjuntural que impõe formas de percepção e de apreciação, ou seja, modalidades específicas de pensar e de agir de uma comunidade intelectual. Em outras palavras, a História Intelectual, tal como nós a percebemos, teria por principal pressuposto restituir, do ponto de vista sociológico, filosófico e histórico, o contexto de produção de uma obra. (SILVA, 2003, p. 16)

Assim sendo, o estudo das formas de relacionamento e convivência das camadas intelectuais da cidade, tendo em vista o período histórico da experiência desses sujeitos, será sobremaneira importante para a compreensão do processo de ampliação da produção livreira fortalezense, privilegiando uma visão externalista, na qual o foco se dá nas condições de produção das obras (PONTES, 1997.).

Tendo em vista as diversas definições de intelectual, concorda-se com Sirinelli quando este afirma que:

[...] Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os "mediadores" culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário, como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou "mediadores" em potencial, e ainda outras categorias de "receptores" da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta. (SIRINELLI, 2003, p. 242.)

São tratados então neste estudo, os intelectuais fortalezenses, sobretudo os escritores, não só como criadores, mas como "mediadores" culturais, tendo em vista seus esforços para a propagação das letras e do letramento e a grande intenção de publicizar as obras literárias produzidas pelos autores locais.

Em Fortaleza, a grande maioria dos intelectuais do período era oriunda das camadas mais privilegiadas, possuidoras tanto de capital econômico como de *capital cultural* (BOURDIEU, 2007), aquelas que se viam detentoras da missão de civilizar e por esse motivo investiam na educação de seus filhos, que em muitos casos, eram mandados para fora do Estado e até do país. Assim, os filhos das elites teriam uma instrução condizente aos padrões civilizados e voltariam à Fortaleza trazendo na bagagem ideais que farão reverberar na cidade os desejos desses grupos.

Contudo, houve aqueles que advindos das classes populares também conseguiram inserir-se nesse meio intelectual. O suporte dado pelo letramento permitiu que alguns desses sujeitos ascendessem na esfera social, sobretudo com a implantação da República que procurou muitos letrados para ocupar cargos na administração pública. Um dos exemplos de maior sucesso em Fortaleza foi Antônio Sales, que de simples caixeiro chegou a ocupar importantes cargos públicos e tornou-se referência no meio intelectual cearense.

Mas nem todos tiveram a mesma sorte do autor das *Trovas do Norte*, de chegar a tão altas esferas, mas numa cidade em que a imensa maioria da população era analfabeta, aqueles que mantinham contato com as letras conseguiam destaque senão em toda a cidade, ao menos entre os membros de seu grupo. Tipógrafos, caixeiros, trabalhadores autônomos se utilizavam da literatura para divulgar ideias, protestar ou tratar de temas cotidianos, seja através de jornais, cartazes ou folhetos e obtiveram reconhecimento, mesmo que tardio do seu trabalho, como foi o caso do poeta Ramos "Cotôco"²³.

²³ Raimundo Ramos "Cotôco" nasceu em Fortaleza em 1871, falecendo em 1916. Recebeu o apelido pelo qual ficou conhecido por ter nascido sem o antebraço direito. Passou a vida com grandes dificuldades realizando

Sejam aqueles como Antônio Sales ou como Ramos "Cotôco", o fato é que os letrados exerciam suas ações pela cidade, criando condições para o fortalecimento do "campo literário", estabelecendo assim "relações objetivas" levando em conta "suas disposições, portanto, suas ambições" (BOURDIEU, 1996, p. 256), ou seja, fortalecendo seus laços dentro e fora do grupo e moldando as formas de relacionamento com outros campos, sobretudo com o campo do poder, pois segundo Bourdieu, no seio deste "os campos de produção cultural ocupam uma posição dominada temporalmente" (Op.cit. p. 246). Os letrados, portanto, ao promoverem as disputas internas ao seu campo acabavam por torná-lo cada vez mais visível e autônomo em relação aos demais.

O fortalecimento do campo literário se fazia também através das práticas de sociabilidade entre seus membros, que em Fortaleza se davam nos mais diferentes espaços, todavia já pré-determinados, pois "O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central um 'pequeno mundo estreito', onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo 'redes' para definir tais estruturas." (SIRINELLI, Op. cit. p. 248).

Compreender então essas *redes de sociabilidades* pensadas por Sirinelli (Op. cit.) é essencial para se pensar as relações entre os letrados em seu campo. Assim sendo, achou-se pertinente elencar os "lugares de sociabilidade" da intelectualidade fortalezense, sejam os espaços públicos como as praças ou as associações criadas para a congregação desses sujeitos. Inseridos então dentro desse universo intelectual, os letrados circulavam entre os mais diversos espaços e alguns também tinham definidos seus espaços característicos como é o caso de Rodolfo Teófilo retratado por Herman Lima:

[...] Rodolfo Teófilo, todo de branco, sempre recurvado para a frente, como ao peso dos estranhos sofrimentos íntimos, de volta da sua aula de História Natural no Liceu, para se recolher ao seu casarão do Benfica, onde elaborara os primeiros romances do ciclo da seca e do cangaço e manipulava o néctar do caju com que iria deliciar a posteridade[...]. (LIMA, 1977, p.57)

O autor d'*A Fome*, assim como seus pares, usufruía desse "microcosmo" ou "pequeno mundo estreito", o qual o grupo de intelectuais compartilhava espaços, nos quais se mantinham próximos, o que fazia com que tivessem mais propriedades em comum.

Um dos lugares da cidade que mais estava marcado pela presença dos letrados era a Praça do Ferreira com seus cafês e livrarias onde se travavam debates ou apenas se desfrutava

diversos tipos de trabalho. Produziu obras como pintor, músico e poeta sendo responsável, por exemplo, pelas pinturas do teto da Igreja de N. S. do Carmo e do Teatro José de Alencar. Cf.: CARDOSO. Op. cit.

de boa companhia, "matando o tempo, em bate-papo sem hora marcada" (GIRÃO, 1979, p. 185). Sem dúvida, de todos os estabelecimentos, um dos que mais teve destaque na época e na historiografia precedente foi o Café Java de propriedade do bem humorado Mané Coco em cujas mesas se reuniam políticos, artistas e claro, os literatos que nelas propagavam o conhecimento das belas letras e arquitetavam projetos ligados à expansão da cultura letrada na cidade, como as conversações que levaram à fundação da Padaria Espiritual. Além do Java, o *Almanaque do Ceará* para o ano de 1897 cita mais 13 quiosques em toda a cidade, conta também dois bilhares - que não se pode afirmar - também serem locais propícios para as práticas letradas, mas que com certeza eram espaços de intensa socialização.²⁴

As livrarias eram outros lugares onde os letrados se encontravam, não só para as conversas costumeiras, mas para a apreciação das obras literárias tanto de seus pares locais como de autores nacionais e internacionais. Em fins do século XIX, Fortaleza contava com quatro livrarias a saber: a de Joaquim José de Oliveira e Cia. na Praça do Ferreira, a de Sátiro Verçosa, da Viúva Gualter e a de Lacy Wardlaw, todas na Rua Major Facundo (*ALMANAQUE DO CEARÁ*, 1899).

A livraria de Joaquim José de Oliveira funcionava desde o final da década de 1850, portanto já era tradicional ponto de comércio livreiro na cidade tendo inclusive, contratos para a venda de produtos da livraria Garnier do Rio de Janeiro dando acesso aos leitores locais aos mesmos produtos disponíveis na Capital da República. Quanto à Libro Papelaria Gualter, iniciou suas atividades na década de 1880, logo passou a ter grande representação no segmento muito talvez por conta da intensa rede de sociabilidade criada pelo livreiro que tinha como clientes e amigos nomes como Antônio Sales e mesmo o Presidente da Província, Caio Prado. Gualter também investiu no ramo tipográfico sendo responsável pela impressão de diversas obras de autores locais como será visto no próximo capítulo deste estudo. O Senhor Verçosa já era renomado livreiro e também atuava no ramo de encadernações. Outro

²⁴ O Almanaque não identifica a maioria dos estabelecimentos por seus "nomes fantasia" e sim pelo do proprietário, assim, os "Kiosques" existentes eram os de Adolpho Pereira, na praça Benjamim Constant; Antonio Ferreira de Araújo, na praça Visconde de Pelotas; Antonio Joaquim do Nascimento, Idem; Antonio Barbosa Bonfim, Passeio Público; Arnaud Cavalcante Rocha, Praça Municipal; Floriano Xavier da Silva, praça da Alfândega; João Freire Napoleão, praça José de Alencar; José Brasil de Matos, R. Municipal; Manuel Eloy de Hollanda, praça Senador Castro Carreira; Manuel Paulino de Oliveira, praça Visconde de Pelotas; Manuel Rocha e Ferreira, Passeio Público; Ovídio Leopoldino da Silva, praça Municipal (Café Java); Raimundo Ferreira da Silva, R. do Livramento e R. do Visconde de Pelotas e Valdemiro Guimarães, R. do Visconde de Pelotas. Já os bilhares pertenciam a Alfredo Gurgel, Praça dos Martires e Arêas e C^a, Rua Formosa. (Op. cit. p. 111).

estabelecimento existente à época e não citado pelo Almanaque é a Livraria de Larcy Wardlaw, conhecida como Livraria Evangélica, pioneira nesse segmento em Fortaleza.²⁵

Os frequentadores das livrarias já eram sujeitos habituados ao local e quando a elas se dirigiam, já sabiam quais pessoas poderiam ser encontradas. Ferreira (1999, p.86), ao tratar dos frequentadores da Rua do Ouvidor, conhecido lugar das práticas letradas no Rio de Janeiro, constata que os *habitués* desses espaços "acabavam formando grupos de convívio que se identificavam em vários aspectos, como profissão, interesses literários, tendências políticas, parentescos, compadrio ou amizades", embora a autora se refira à Capital do país é possível afirmar que esse comportamento é recorrente em qualquer cidade que tenha desenvolvido uma classe intelectual. Não obstante os frequentadores ocasionais, as livrarias eram lugares de encontro de grupos determinados, com laços já pré-estabelecidos.

Apesar do aumento das facilidades para a obtenção de livros, os preços desses objetos ainda faziam com que sua posse fosse privilégio de poucos, daí a importância das bibliotecas como lugares de acesso ao escrito para aqueles que não podiam comprá-lo, mas por terem desenvolvido o gosto pela leitura tinham desejo de contato quase que permanente com o livro. Entretanto, uma das observações feitas pelo presidente do Ceará em 1891 era uma baixa frequência de visitantes ao lugar, conforme a citação abaixo:

A Bibliotecha pública está regularmente conservada, contando em suas estantes preciosas repositórios dos diversos conhecimentos humanos. Não tem, porém, a desejada frequencia, nem mesmo dos amadores de leituras ligeiras, a que os incita considerável número de revistas e jornaes que esse estabelecimento recebe do paíz e do estrangeiro.²⁶

Essa ausência de leitores na biblioteca pública de Fortaleza talvez fosse resultado de um simples empecilho: o horário de funcionamento da biblioteca, que segundo os membros da Padaria Espiritual escreveram em 1892, não correspondia ao melhor horário para o uso do referido equipamento pelos trabalhadores da cidade como é apresentado a seguir:

Este estabelecimento abre-se às 10 horas da manhã e fecha-se às 3 horas da tarde, como qualquer outra repartição.

Quem escreve estas linhas nunca transpoz o umbral da Bibliotecha, apesar do grande desejo de fazel-o, porque está aferrado às suas obrigações justamente ao tempo em que está ella aberta ao público.²⁷

²⁵ Maiores detalhes sobre a vida e atuação dos livreiros em Fortaleza podem ser obtidas com a leitura do trabalho de Ozângela Silva: **Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Dissertação (Mestrado em História e Teoria Literária). Campinas, SP: [s.n.], 2009.

²⁶ Mensagem enviada à Assembleia Legislativa em 1º de Outubro de 1891 pelo Presidente José Clarindo de Queiroz. p. 12 Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 20/04/2013

²⁷ *O Pão*, Fortaleza, 10/07/1892, p. 4.

E os padeiros ainda conclamam o governador a alterar o horário do estabelecimento como bom "cidadão" que é sugerindo-o que "mande abrir a Bibliotecha das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, por falta de occupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java."²⁸. Isso demonstra o caráter de exclusão determinado pelo horário de funcionamento da biblioteca, que impedia muitos dos prováveis leitores de ter acesso direto aos livros e assim sendo, outros lugares de sociabilidade, como cafés e bilhares citados acima concentram as ações dos letrados. É importante considerar - algo que os padeiros espirituais não fizeram - que a baixa frequência de leitores na biblioteca é reflexo também dos altos níveis de analfabetismo da sociedade fortalezense, ou seja, o problema do pouco uso da biblioteca requer, para ser resolvido, mudanças bem mais profundas que apenas a mudança do horário de funcionamento do local.

Não se encontra no periódico da Padaria notícia se o apelo pela mudança de horário foi atendido, o que se sabe é que as demandas da Biblioteca pública eram bem maiores, desde o prédio para seu funcionamento até os recursos para sua manutenção, pois segundo o *Almanaque do Ceará* para o ano de 1897 a biblioteca teve o orçamento total de 7.398.000 réis sendo que apenas 1.000.000, pouco menos que o ordenado do servente do local (1.098.000), foram utilizados para a ampliação do acervo, ou melhor, com esse recurso o bibliotecário "renovou a assignatura de seis revistas e fez o pedido de algumas obras, que poucas devem ser pela diferença do cambio"²⁹, ou seja, embora considerando esse espaço como de grande importância para a cidade, os investimentos eram mínimos, assim como ocorria com a instrução, o que vai se materializar na má qualidade desses serviços e dificultar em alguns momentos maior interação entre os sujeitos.

Apesar dos problemas foi possível a formação de vínculos entre os estudantes nas escolas, sobretudo secundárias e mais ainda nas particulares, segundo Almir Leal (1998, p. 73), a estrutura desse ensino "possibilitou aos então estudantes uma socialização que reforçou laços de classe, obediência disciplinada e alicerçou o primado de uma hierarquia social fundada em práticas culturais europeizantes" e concorreu para a união desses estudantes em associações literárias ou filosóficas como a Academia Francesa. Na década em tela nesse estudo, 1890, o que se observa é a diversidade de sujeitos que compõem o setor intelectual fortalezense, muitos advindos de regiões do interior do Estado e que não viveram esse

²⁸ Ibidem.

²⁹ Mensagem enviada à Assembleia Legislativa em 1º de Outubro de 1897 pelo Presidente Nogueira Acioli. p. 15. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1437/000001.html>. Acesso em 22/04/2013

processo de formação de vínculos escolares, as relações estabelecidas entre eles foram construídas com a convivência em outros espaços como os citados acima e esses laços firmados nesses locais é que vão levar à constituição das agremiações literárias existentes nesse período. As de maior destaque são a Padaria Espiritual, o Centro Literário e a Academia Cearense.

Acerca da Padaria Espiritual, muitos trabalhos já foram realizados abordando os mais diferentes aspectos do grêmio fundado por Antônio Sales e seus companheiros nas mesas do Café Java em 1892. Consagrada por seu aspecto humorístico e crítico, a agremiação inovou em vários aspectos literários e foi importante no que se refere à produção livreira local ao incentivar a publicação das obras de seus membros o que pode ser confirmado com a observação de alguns dos artigos de seu Programa de Instalação:

Art. 4: Depois da instalação da Padaria, só será admitido quem exhibir uma peça literária ou qualquer outro trabalho artístico que for julgado decente pela maioria.

Art.10: Far-se-ão dissertações biográficas acerca de sábios, poetas, artistas e literatos, a começar pelos nacionais, para o que se organizará uma lista, na qual serão designados, com a precisa antecedência, o dissertador e a vítima. Também se farão dissertações sobre datas nacionais ou estrangeiras.

Art.14: E proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes.

Art.21: Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.

Art.24: Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos. (AZEVEDO, 1996, p. 59-64)

Os artigos 14 e 21 referem-se a propostas de valorização não só da língua como da natureza brasileira e nordestina, aspecto que será retomado pelos artistas do movimento modernista de 1922, já os artigos 4 e 10 são mais voltados para a produção literária, ou artística no geral - já que se dizia a Padaria Espiritual ser composta por rapazes de letras e artes - que era requisito para a entrada e a permanência no grêmio. A montagem da biblioteca prevista no artigo 24 era ponto básico para a constituição do grupo como lugar das práticas letradas, é uma disposição do Estatuto que vai se concretizando com o passar do tempo, quando a biblioteca da associação passa a contar inclusive com as obras publicadas de seus próprios membros, como os livros de Xavier de Castro, Lívio Barreto, Antônio Sales, Sabino Batista. Outro marco da vida da agremiação foi a criação do jornal *O Pão*, já abordado acima, que serviu de vitrine para as ideias e críticas políticas, sociais e literárias de seus membros como também para as suas produções literárias.

Seus membros porém, não mantiveram durante toda a existência do grêmio a harmonia e o bom relacionamento entre eles. Adolfo Caminha e Eduardo Sabóia, por exemplo, foram expulsos do grupo em 1896 quando já residiam no Rio de Janeiro, sob acusação de escrever contra a *Padaria*, já Álvaro Martins, nas palavras de Caminha (1999. p. 130), "divorciou-se da *Padaria* e agora é um de seus inimigos", o autor dos *Pescadores da Taíba*, uniu-se a outros letrados para formar o Centro Literário.

O Centro Literário foi fundado em 1894 por nomes como o já citado Álvaro Martins, Juvenal Galeno, Pápi Júnior, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Rodolfo Teófilo e Farias Brito e ao contrário do que disse Adolfo Caminha, não se consideravam inimigos da *Padaria*, as duas agremiações inclusive realizavam juntas algumas de suas sessões ou comemoravam datas especiais como a que ocorreu em 1896, quando homenagearam a memória de Carlos Gomes. O Centro também foi fundado com o objetivo de fomentar a produção literária em Fortaleza e possuía como finalidades, de acordo com sua Lei Orgânica, a difusão do gosto literário, a realização de conferências e sessões literárias e, um dos pontos mais marcantes era o de criar fundos para a edição das obras de seus membros, além de abrir uma editora e criar espaços públicos de leitura, como o "Pavilhão Biblioteca" a se localizar no Passeio Público (BARREIRA, Op. cit.). Os centristas de fato compraram uma tipografia, "no valor de quinze mil francos", mas embora tivessem obtido permissão para a implantação do "Pavilhão", esse intento não foi realizado.

Ainda em 1894, mesmo antes do Centro, foi estabelecida na Capital a Academia Cearense, fundada por alguns dos mais representativos nomes da intelectualidade local e que também representavam as classes emergentes da Capital, como Tomás Pompeu, Guilherme Studart, Franco Rabelo, Henrique Théberge, Valdimiro Cavalcante e Justiniano de Serpa. Essa instituição, além do incentivo ao gosto literário, também visava "promover o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas da atualidade", "acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos", também pretendia auxiliar na melhoria da instrução pública nos três níveis, primário, secundário e superior. Talvez pela posição de alguns de seus membros na sociedade tenham vislumbrado a possibilidade de tamanha atuação, que de fato se concretizou, ao menos no ensino secundário quando um de seus membros, Valdimiro Cavalcante assumiu a direção do Liceu e por um período a Escola Normal também ficou sob sua responsabilidade, e efetuou mudanças benéficas às instituições. Já no ensino superior, a Academia conseguiu fundar a Academia Cearense de Direito, mas já no século XX (BARREIRA. Op. cit.). Os candidatos a membros da associação já deviam ter obras

publicadas e deveriam produzir outras mais enquanto estivessem em seus quadros. A associação teve como veículo disseminador de suas ideias a *Revista da Academia Cearense* que circulou de 1896 a 1914 sem interrupções.

Ao analisar as três agremiações citadas, percebe-se que enquanto o Centro Literário em menor medida e a Academia Cearense tinham em suas fileiras membros ligados aos setores mais abastados da sociedade fortalezense, a Padaria Espiritual já tinha como membros homens com experiências mais ligadas às camadas mais pobres da população. No entanto, os grupos convergiam para um mesmo ideal, qual seja, a promoção e o desenvolvimento das práticas letradas na cidade e viam como forma direta de atingi-lo, a valorização da educação e sua universalização, bem como o esforço para ampliar a produção de obras literárias por parte dos autores locais, proporcionando assim, o crescimento e a valorização das letras cearenses, como se pode observar na leitura do trecho de uma matéria publicada no jornal *O Pão*:

Mais, ou menos nos enganamos, ou a obra de Juvenal Galeno pertence ao número das que a ferrugem das éras não corróe nem deforma.

E foi assim pensando que nós os soldados de hoje fomos fazer as nossas continencias ao velho general das letras cearenses.

[...]

Ao grupo da Padaria encorporaram-se o Dr. Justiniano de Serpa, da Academia Cearense, João Perdigão, do Instituto Histórico e Luiz Barreiros, da Mina Literária do Pará.³⁰

A notícia trata acerca de um evento para homenagear Juvenal Galeno, tido por todos como grande representante das letras cearenses à época e que contou não apenas com membros das associações literárias locais, mas com representante do Instituto Histórico e de uma agremiação de outro Estado. Enfim, é possível dizer que esses grupos estavam reunidos em prol das letras.

No entanto, todos os esforços para a ampliação da produção livreira fortalezense e a concretização da cidade como polo produtor e distribuidor de literatura, não teria efeito se nela não existissem as tipografias, que desde o início do século XIX se fazem presentes no seio da urbe e foram de fundamental importância para o desenvolvimento das Práticas Letradas em Fortaleza e sobre as quais se falará no capítulo seguinte.



³⁰ *O Pão*, 01/10/1895. p. 1



"Seja o que quer que façam, os autores não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos. Eles são fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas."

Roger Stoddart

3 CASAS DO IMPRESSO: AS TIPOGRAFIAS EM FORTALEZA.

O presente capítulo terá como objeto central a tipografia. Pretende-se discutir, com o auxílio da bibliografia existente, a importância e o real impacto do desenvolvimento da imprensa nas sociedades, bem como apresentar as etapas da evolução do processo de impressão até os dias aos quais a pesquisa se refere, quais sejam, os últimos anos do século XIX. Em um segundo momento buscar-se-á traçar um histórico das tipografias em Fortaleza, elencando as principais casas impressoras que atuaram no decorrer dos oitocentos e analisando sua importância para a economia da capital cearense - tendo em vista o amadurecimento das características capitalistas na cidade, diante de sua inserção na economia-mundo - e seu importante papel no desenvolvimento das Práticas Letradas em Fortaleza. Por último, serão trabalhadas as tipografias que mais se destacaram imprimindo obras de autores locais, bem como serão apresentadas as obras editadas no período e catalogadas durante o andamento da pesquisa. As próprias obras catalogadas, anúncios em periódicos, almanaques e obras de memorialistas constituem o corpus documental desse capítulo que conta também com uma revisão bibliográfica acerca do tema das tipografias.

3.1. A REVOLUÇÃO TIPOGRÁFICA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO APARECIMENTO DA TIPOGRAFIA E DO LIVRO MODERNO.

Revolução. Por muito tempo foi por esse prisma que os estudiosos do livro trataram o advento da imprensa no século XV, feito atribuído a Gutemberg. Algo que trouxe uma mudança jamais imaginada antes de seu aparecimento, um feito revolucionário pelo fato de ter proporcionado a expansão rápida do conhecimento através do livro impresso, o que não era possível na era do manuscrito e de difícil difusão em grande escala. Além disso, a introdução da imprensa promoveu outras mudanças tais como a reorganização dos textos,

racionalização das referências, a standardização das obras escolares e científicas, não obstante à expansão e consolidação das línguas vernáculas, o que contribuiu também para a consolidação dos nacionalismos (EISENSTEIN, 1983).

McLuhan, no clássico *A Galáxia de Gutemberg* (1972) também elenca diversas modificações provocadas pela emergência da tipografia, dentre elas, o surgimento de um público do impresso, segundo o autor:

A impressão por tipos móveis criou novo ambiente inteiramente inesperado: criou o *público*. A tecnologia do manuscrito não teve a intensidade do poder necessário para criar *públicos* em escala nacional. As nações, como viemos a chamá-las nos séculos recentes, não precederam nem podiam preceder o advento da tecnologia de Gutemberg, do mesmo modo que não poderão sobreviver ao advento do circuito elétrico com o poder de envolver totalmente todos os outros povos. (MCLUHAN, 1972, p. 15. Grifo do autor.)

Observa-se na citação a importância dada ao advento da imprensa, como algo imprescindível para todos os povos. Esse público ao qual se refere McLuhan surgiu e consolidou-se graças a outro aspecto dado pelo autor como representativo do desenvolvimento tipográfico, qual seja, a portabilidade do livro, pois "Assim como a pintura de cavalete desinstitucionalizou a pintura, assim a tipografia quebrou o monopólio das bibliotecas." (MCLUHAN, Op. Cit., p. 280). De fato, o acesso ao livro por um número cada vez maior de pessoas foi permitido não só pela maior produção de impressos, mas também pela redução do tamanho dos livros, conforme também afirmam Febvre e Jean-Martin:

Entretanto, graças à imprensa e à multiplicação dos textos, o livro deixa de ser visto como objeto precioso que se consulta numa biblioteca: deseja-se cada vez mais poder andar com ele e transportá-lo com facilidade para consultá-lo ou lê-lo em qualquer momento. Daí o êxito crescente dos 'formatos portáteis', na primeira metade do século XVI- numa época, aliás, em que os clérigos, os estudiosos e os grandes senhores deixam de ser, cada vez mais, os únicos a interessarem-se pelos livros, e em que muitos burgueses formam suas bibliotecas. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 120)

Verificou-se então o esperado aumento na circulação de livros após o advento da imprensa, no entanto, apesar do aumento de sua presença, não foi o livro o maior fruto da revolução impressa, e colocá-lo nesse patamar foi, segundo Chartier (2004) o grande erro dos autores citados anteriormente, pois o livro já existia antes do século XV e num formato bem parecido chamado códice. Os manuscritos perduraram ainda por vários séculos após o surgimento do livro moderno, sendo esse, muitas vezes cópia daqueles³¹.

³¹ Segundo Martins, "[...] não apenas a imprensa, nos seus primeiros tempos, imita o mais fielmente o manuscrito (ao passo de ser preciso grande atenção para verificar que a Bíblia de Gutemberg, por exemplo, é um livro

Embora considerem a grande importância do livro, tanto McLuhan, quanto Febvre e Martin não consideram o livro como produto primordial da revolução impressa e afirmam que muitos dos processos presentes em sua produção já existiam antes da tipografia e que "Somente uma terça parte da história do livro no mundo ocidental é tipográfica." (MCLUHAM, Op. cit., p. 113) e que a produção em grande escala também já era realizada na Idade Média por meio do trabalho dos monges copistas, pois "para satisfazer as necessidades crescentes [...] em certos casos, conduziram uma verdadeira produção em série." (FEBVRE; MARTIN, Op. cit. p. 29).

E foi a satisfação dessas "necessidades crescentes" o grande mérito de Gutemberg, a verdadeira revolução, segundo os autores citados foi o aperfeiçoamento da impressão com a introdução da tipografia³², se bem que todos os processos e operações relacionados ao desenvolvimento tipográfico "teriam podido ser levados a cabo bem antes de Gutemberg. Mas o importante não era isso." (Idem, p. 32). O importante foi por em prática suas ideias no momento mais propício, o que fez a invenção do impressor da Mongúcia ter tanta importância foi talvez o período no qual se deu, pois:

[...] temos que retificar os dois lugares-comuns que atribuem a Gutemberg seja a invenção da imprensa, seja a invenção dos caracteres de tipos móveis: uma como outra já existiam na Europa quando ele começou a trabalhar em tipografia. Foi outra [...] a invenção de Gutemberg ela abriu, na verdade, o caminho para a grande imprensa, e o seu mérito em nada fica diminuído porque, mais do que na invenção material, ele consiste em 'ter visto' o que se poderia tirar de uma ideia que 'estava no ar' e que apenas aguardava os seus meios práticos de realização. (MARTINS, 1996, p.135)

Ainda sobre a importância de o invento de Gutemberg ter se dado no momento mais propício no qual mais se desejava algo como ele, Febvre e Martin argumentam que:

[...] De fato, os homens do século XV, e, em primeiro lugar, os grandes leitores, em perpétua busca de textos tão raros naquele tempo e dispersos pelas bibliotecas, sonhavam seguramente com um processo que permitisse multiplicar, a baixo custo, os exemplares de um mesmo livro, sem o que ninguém teria lembrado de procurar a solução deste problema: a imprensa. (FEBVRE; MARTIN, Op. cit. p.31).

Ou seja, o próprio processo tipográfico em si, foi revolucionário e fez a revolução ao permitir o surgimento da imprensa na época em que se fazia necessário. O livro foi apenas um dos desdobramentos desse aparecimento, pois a imprensa possibilitou o surgimento de outros

impresso), mas, ainda, reservou-lhe uma parte do seu texto, tentou uma conciliação ou uma convivência impossível com o copista manual." MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**. - São Paulo: Ática, 1996. p. 167.

³² Impressão consiste na técnica de inscrever algo em diversos tipos de material, enquanto a tipografia se relaciona diretamente ao papel, à história do livro e da imprensa. (MARTINS, Op. cit.)

formatos de texto como libelos e jornais que possibilitaram tanto ou mais que o livro a expansão da palavra impressa pela Europa, depois pelo mundo por meio dos descobrimentos.

Diante disso, deve-se também observar o impacto da imprensa sobre os grupos de cultura baseada prioritariamente na oralidade. Mesmo em sociedades com presença marcante da escrita, como a medieval, o relato oral era preponderante tendo em vista também o monopólio da escrita e da leitura por alguns setores, sobretudo o religioso, mas, apesar disso, os escritos obtiveram lugar de destaque. Após o surgimento da tipografia, no século XVI, as sociedades passam a valorizar cada vez mais o escrito, no entanto, mesmo com o aumento da presença do objeto impresso e o fortalecimento da ideia da obtenção do conhecimento através da leitura, o oral ainda mantém seu papel como nas sociedades ágrafas, a escritura e a oralidade se unem por meio da leitura em voz alta.

Pode-se citar dois motivos para essa união, sendo o primeiro de caráter técnico, ou seja, as próprias características visuais dos primeiros impressos faziam com que a compreensão da leitura se desse melhor lendo-se em voz alta (MCLUHAN, Op. cit.). O segundo motivo é mais óbvio, a existência de um pouquíssimo número de leitores, principalmente de leitores que não pertencessem aos governos ou à Igreja. Esse fator concorreu para que a leitura em voz alta mantivesse a forte presença da oralidade e ao mesmo tempo levasse a palavra escrita até para os que não sabiam ler.

Essa leitura em voz alta que leva o conhecimento contido no impresso para os iletrados é chamada por Chartier (2004) de "fala mediadora" e era prática comum, sobretudo nas zonas rurais, apesar de nas cidades também se fazer presente, sendo grande auxiliar na propagação, por exemplo, dos ideais que permeavam as lutas de trabalhadores já no final do século XIX e início do seguinte. Ainda sobre essa relação entre a palavra impressa e a leitura em voz alta, Eisenstein (1983, p. 93) argumenta que "Although the textbook industry flourished, classroom lectures never died. Printed sermons and orations did not remove preachers from their pulpits or speakers from their podiums. To the contrary, priests and orators both benefited from the way their personal charisma could be augmented and amplified by the printed word."³³

³³ "Embora a indústria de livros didáticos tenha prosperado, as leituras em sala de aula nunca morreram. Sermões e orações impressas não removeram pastores de seus púlpitos ou oradores de seus pódios. Ao contrário, padres e oradores foram beneficiados pelo modo como seu carisma pessoal pode ser aumentado e amplificado pelo mundo do impresso."

Apesar da permanência nas mais diversas sociedades de uma forte cultura oral, alguns autores enfatizam a cultura do impresso como sendo indício de desenvolvimento ou superioridade, seja de uma sociedade ou do indivíduo. Mesmo fazendo parte do grupo de estudiosos entusiastas desse sentido da revolução impressa, Elizabeth Eisenstein em várias passagens de seu *The Printing Revolution in Early Modern Europe*, enfatiza, como na citação acima, casos em que a cultura oral e a escrita se complementam.

No entanto, a palavra impressa torna-se predominante e sua presença passa a promover diversas transformações já citadas anteriormente, e a necessidade por impressos parece não ter sido totalmente satisfeita pela tipografia, que parece tê-la aumentado cada vez mais e como toda necessidade tem que ser suprida, alguém tem que fazê-lo, não sem ter algo em troca, e assim a palavra impressa vira mercadoria, tendo sido "[...] a primeira coisa produzida em massa, foi também o primeiro 'bem' ou 'artigo de comércio' a repetir-se ou reproduzir-se uniformemente".(MCLUHAN, Op. cit. p. 177), e o livro por sua vez se torna um produto desejável e dos mais rentáveis.

Esse desejo muito natural de se ter facilmente livros à disposição, e livros de formato cômodo e portáteis, acompanhou passo a passo a crescente rapidez da leitura, que se tornara possível com a impressão do texto em tipos uniformes e móveis, em contraste com a leitura mais dificultosa dos manuscritos. Este mesmo movimento pela acessibilidade e caráter portátil do livro criou públicos e mercados cada vez maiores, os quais eram indispensáveis ao sucesso de todo o empreendimento gutenberguiano.(Ibidem, p. 281)

Tornar o livro mais acessível, levá-lo ao alcance de mais e mais pessoas, alimentar um mercado que não parava de crescer. A indústria do livro movimentava vários outros mercados, sendo o principal deles, o do papel, que antes mesmo da popularização do livro já havia ganhado espaço entre os copistas para a reprodução dos manuscritos.

Entretanto, ao passo que aparece o livro, as necessidades de papel aumentam em muitos domínios. A instrução propaga-se, as transações comerciais aperfeiçoam-se e complicam-se, as escrituras multiplicam-se; é preciso, por outro lado, 'papel comum' para os trabalhos manuais: vendem-no os capelistas, os merceeiros, os cerieiros. Cria-se uma grande quantidade de ofícios que dependem da indústria papeleira: fabricantes de cartas-de-jogar e de papelão, ou ainda coladores de papéis nas paredes e lugares públicos. (FEBVRE; MARTIN, Op. cit. p. 46)

O papel ganhou novos usos, como se pode observar, no lazer ou na ornamentação dos espaços, mas era inevitavelmente nas tipografias que seu uso era mais intenso. Imagina-se a quantidade necessária de papel para abastecer, no século XVII, os mais de mil e quinhentos prelos existentes na França (FEBVRE; MARTIN, Idem.), ou seja, duas indústrias que

geravam grandes lucros e que por serem interdependentes acabavam por gerar negócios únicos, já que muitos donos de moinhos de papel acabavam por se tornarem editores e vice-versa.

Assim sendo, o livro acaba por se tornar uma grande fonte de renda, um motor econômico. E vários são aqueles ligados ao seu circuito quais sejam, editores, impressores, livreiros todos com o mesmo objetivo de lucrar com o comércio do livro, já que estes são, segundo Darnton (1987, p. 198) "[...] produtos econômicos além de artefatos culturais; embora veículos de ideias, cumpre mascateá-los no mercado."

E com o passar dos séculos, a busca pelo conhecimento e pela rápida difusão das ideias, torna cada vez mais imprescindível a presença do livro que quanto mais é desejado, mais passa a ser vigiado, pois surgem os livros considerados perigosos, e logo, proibidos por propagar pensamentos que propunham novas ordens, sejam elas sociais, políticas ou religiosas. A palavra impressa torna-se uma arma poderosa que muitos querem dominar ou ao menos possuir, seja por meios lícitos ou não.

A procura pelos livros, por todos os tipos deles, acaba por fortalecer um grande mercado controlado inclusive pelos governos e é justamente esse controle estatal que faz fomentar o comércio clandestino de impressos. Vários estudos como os de Robert Darnton e Roger Chartier abordam a importância dos livros, sobretudo os obtidos no mercado ilegal, para o desenrolar de grandes eventos como a Revolução Francesa, por fomentar e espalhar o ideário que serviu de base para o movimento.

Sendo assim, aqueles que lidavam com o comércio do livro, seja na legalidade ou o *underground*, só buscavam a maximização dos lucros provenientes da sua empreitada e no caso dos impressores ilegais, as atitudes supercontroladoras do Estado só fizeram essa atividade aumentar e tornou-se muito comum na França do século XVII, por exemplo, e os que atuavam nesse comércio levavam muito a sério a regra do lucro a qualquer custo conforme relata Darnton:

Lá embaixo, nenhuma legalidade constrangia a produção, e os livros eram fabricados segundo uma espécie de capitalismo desenfreado. Produzir novas obras fora da França, a custos menores e menor preço de venda, não foi a única consequência das equivocadas e ziguezagueantes políticas fiscais do Estado; graças a elas, os editores estrangeiros abocanharam um negócio desregrado, bárbaro e tremendamente lucrativo, lançando-se à pirataria de obras consagradas. Tão logo seus agentes informavam que um livro vendia bem em Paris, atiravam-se, sôfregos, à impressão de uma edição adulterada. [...]. Eram homens de negócios duros, que produziam qualquer coisa que

pudesse ser vendida. Assumiam riscos, quebravam tradições e maximizavam os lucros - em vez da produção qualitativa - através da quantidade. [...]; Foram esses os empresários que fizeram do Iluminismo um negócio. (DARNTON, *Ibidem*.)

Observa-se a partir da citação, não só o quão lucrativo poderia ser o negócio livreiro, mas a inimaginável importância que o livro adquiriu no curto espaço de dois séculos. Ele não só transformou a relação das pessoas com o conhecimento, como provocou mudanças de mentalidade e um considerável impacto na economia de vários países. Processos esses provocados não só pelos herdeiros da tradição de Gutemberg, os impressores, mas principalmente pela figura do mercador de livros, talvez uma das mais emblemáticas do circuito livreiro.

[...] É este quase sempre mais ou menos editor, e faz render os seus capitais publicando livros. Escolher os textos a serem editados, estar em contato com os autores (se publica livros novos), conseguir o papel necessário (pois é ele, e não o impressor que se encarrega disso), escolher um tipógrafo capaz e examinar seu trabalho são os vários aspectos do seu ofício. Mas, sobretudo, é preciso preparar a venda das edições que manda imprimir e fazer com que sua loja tenha todas as obras procuradas pela sua clientela. (FEBVRE; MARTIN, *Op. cit.* p. 191)

O mercador de livros então é o sujeito que mais participa de todo o circuito, desde a escolha das obras a serem publicadas à venda destas aos clientes. Essa figura, aliás, vai passar por várias transformações até se transformar no livreiro como sendo especificamente vendedor de livros tal como se conhece nos dias atuais, o mesmo acontecendo com a figura do editor, pois "Primeiro se é livreiro, primeiro se é impressor e, porque se é livreiro ou gráfico, se assume uma função editorial." (CHARTIER, 1998, p. 53.).

Essas funções estarão sempre se confundindo ao menos até a metade do século XIX quando aparece o editor propriamente dito. Para o Impressor - editor o centro é a tipografia, para o Livreiro-editor - que estará mais presente neste trabalho - o centro é a loja e para o Editor independente o centro é o escritório (BRAGANÇA, 2002).

Porém, independente do tipo de editor, daqueles que trabalham para levar o livro até as mãos do leitor, independente do mercado, se legal ou clandestino, há algo que é comum a todos e essencial para a existência de qualquer mercado livreiro: a tipografia. Desde sua efetiva criação atribuída a Gutemberg e passando pelos aperfeiçoamentos feitos tanto por seus contemporâneos como pelos que vieram nos séculos seguintes, a oficina tipográfica é o centro de irradiação da palavra impressa, seja em forma de panfleto, opúsculo, revista, jornal ou

livro. Foi nela ou a partir dela, que a impressão se fez arte, profissão, mercadoria e as transformações provocadas pela palavra impressa se iniciaram e se expandiram.

Tão revolucionário foi o invento da tipografia que poucas foram as inovações que o atingiram até finais do século XIX. Seu princípio permaneceu o mesmo, tudo o que se fez foi aprimorar a técnica para permitir maior produção e assim, um maior alcance dos produtos tipográficos. As oficinas passaram a ter lugar de destaque nos cenários industrial/comercial nas cidades e seus trabalhadores, os tipógrafos, a participar cada vez mais das atividades político-sociais do meio urbano. Tudo isso relacionado ao impacto tecnológico da tipografia.

3.1.1. A Técnica Tipográfica e os Tipógrafos: Aspectos Técnicos da Produção do Livro

Foi grande o impacto tecnológico causado pelo advento da tipografia. Além de ter sido a primeira atividade manual, artesanal a se mecanizar, surgiu no momento mais que propício para atender as necessidades daquele período histórico, foi a mecanização, o grande salto provocado pela tipografia já que diversas técnicas de impressão já existiam. O mérito de Gutenberg foi aperfeiçoá-las.

Printing certainly precedes the typography. The Romans, for instance, cut patterns on wooden blocks, with which they stamped designs in plaster and made printed textiles. At the thirteenth century the printer paper currency of the Mongol empire was both described by Marco Polo [...]. The Far East used block-printing also for playing-cards and religious charms. While there can be little doubt that the existence of printing in the East in Europe well before the fifteenth century, it is uncertain whether its technique also was known. (DERRY; WILLIAMS, 1961, p. 235)³⁴

Egípcios, romanos, povos do extremo oriente, todos possuíam suas próprias técnicas de impressão, seja em papiros, pergaminhos ou no papel. A xilogravura, por exemplo, é uma das que mais se aproxima da moderna tipografia. Mas foi o "revolucionário" método guttemberguiano que prevaleceu, embora precisasse ele mesmo ser aperfeiçoado, o que foi acontecendo com o passar dos séculos, primeiramente com os renascentistas que buscaram fazer do livro uma obra de arte e não só uma mercadoria. A prevalência desse sistema foi a vitória da prensa de tipos móveis.

³⁴ "A impressão certamente precede a tipografia. Os Romanos, por sua vez recortavam padrões em blocos de madeira com os quais eles carimbavam figuras em gesso e faziam impressões em tecido. No século XII a ocorrência da impressão em papel no Império Mongol foi descrita por Marco Polo. [...]. No Extremo Oriente se usava blocos de impressão para cartas de jogos e amuletos religiosos. Embora possa haver poucas dúvidas que a existência da impressão na Europa Ocidental é bem anterior ao século XV, é incerto se sua técnica era conhecida."

Figura 4. A prensa de Gutenberg. Gravura histórica.



Fonte: www.renato.sabbatini.com/correio/ciencia/cp99091.htm. Acesso em 29/07/2014. 22:41

A partir de sua criação então, a prensa de Gutemberg passou a ser utilizada nos mais diversos países, e seu processo de produção, multiplicado dezenas de milhões de vezes. A técnica dependia de alguns elementos básicos, como os tipos móveis, a caixa e claro, o papel, um processo que vai servir de base para a produção de impressos até a contemporaneidade.

A técnica da composição à mão, cada vez menos utilizada nos nossos dias após a invenção das máquinas de composição (monotipos e linotipos), em nada variou desde a invenção da imprensa. Os instrumentos são os mesmos: o compositor, colocado diante da **caixa**, grande tabuleiro plano subdividido numa série de pequenas casas, os **caixotins**, cada um afectado a um sinal tipográfico determinado, pega nos caracteres um a um e coloca-os no **componedor**, pequeno recipiente de forma alongada, outrora de madeira, hoje de metal; quando uma linha está composta, o compositor coloca-a na **galé**, pequena peça quadrangular onde se encaixam as linhas entre duas **entrelinhas**, que mantêm as letras direitas, depois agrupa-as em páginas e reúne estas páginas na **forma** onde são amparadas com pedaços de madeira e solidamente atadas. (FEBVRE; MARTIN, Op. cit., p. 78. Grifos dos autores.)

Na citação acima, explica-se como ocorre o processo da composição, ou seja, a preparação do que será impresso, talvez a tarefa mais complicada da impressão realizada pelo

compositor, que pode ser o próprio tipógrafo ou impressor.³⁵ Febvre e Martin também descrevem como se dava a impressão propriamente dita, cujo instrumento essencial é o prelo.

O seu princípio é muito simples: a **forma**, conjunto de várias páginas de caracteres solidamente unidas para não se poderem deslocar, é colocada sobre o **mármore**, - feito, inicialmente, de facto, de uma pedra de mármore polida e plana, mas substituída, no século XVIII, por uma placa de aço. A forma, assim colocada, é embuída de tinta com o auxílio da **bala**; finalmente, a folha é colocada sobre os caracteres. Põe-se, então, o prelo em ação: uma batida da barra põe em movimento uma rosca, em cuja extremidade existe um prato horizontal, a **platina**, colocada mesmo por cima do **mármore**. Deste modo, a folha, pressionada de encontro à forma pela platina, recebe a impressão do caractere. (Ibidem. p. 82-83. Grifos dos autores.)

Todos esses mecanismos e suas formas de funcionamento permaneceram como base da tipografia no decorrer dos séculos, no entanto, o prelo simples de madeira, observado na figura 4 acima, foi sendo aperfeiçoado e modernizado conforme eram desenvolvidos outros materiais e outras fontes de energia capazes de fazê-lo funcionar. A maioria das grandes inovações que afetaram o prelo veio no decorrer do século XIX.

Em 1847, Henry Bessener criou uma máquina a qual deu o nome de Pianotipo, no ano de 1856, surgiu a Alden Machine, muito utilizada na publicação de livros, em 1877 aparece a primeira máquina impulsionada por eletricidade, o Linotipo, uma das inovações mais marcantes para o campo tipográfico surgiu na década de 1880, já a década final dos oitocentos assistiu à ascensão da máquina que tornou essa indústria ainda mais eficaz, o Monotipo, que proporcionou maior qualidade e praticidade ao trabalho dos impressores.

The Monotype machine, producing a long strip of type matter on what is know as a galley, possessed a advantage over the Linotype that is necessary a single letter could be corrected at a time; given a satisfactory press, this would enable the book-printer to turn out by machine work as satisfactory as that produced by the older traditional methods. (DERRY; WILLIAMS, Op. cit., p. 641.)³⁶

A agilidade proporcionada pelo Monotipo, no entanto, não aboliu a utilização dos equipamentos anteriores. A maioria dos processos coexistiu e alguns existem ainda - o caso da

³⁵ Atualmente, muitos desses termos que se referem aos profissionais que trabalhavam nas tipografias têm outro sentido. Na sua origem, no entanto, pode-se dizer que o tipógrafo era o responsável pela conversão do texto em material a ser impresso, o compositor era o encarregado do que se chamaria hoje de design gráfico e o impressor - terminologia que permanece com o mesmo sentido hoje - é o responsável pela ativação do processo de transferência da imagem para o papel. Cf. NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 4ª ed. 1ª reimp. - Teresópolis: 2AB Editora, 2010.

³⁶ "O Monotipo, produzindo uma longa faixa de tipos sobre o que é conhecido como galera, possuía uma vantagem sobre o Linotipo, já que caso necessário uma única letra poderia ser corrigida de cada vez; dando uma impressão satisfatória, isso permitiria a impressão de livros feita pelo trabalho de uma máquina tão satisfatória quanto a produzida por métodos tradicionais antigos."

já citada xilogravura - e uma mesma tipografia podia se utilizar de vários deles, dependendo do tipo de trabalho a ser realizado. Mas independente do equipamento ou da técnica, o essencial para dar vida ao livro ou qualquer outro impresso é o trabalho daquele que mais representa a produção da palavra impressa: o tipógrafo.

A profissão de tipógrafo nasceu com a imprensa e com ela cresceu em quantidade e importância. Apesar de desempenharem um trabalho manual e exaustivo como vários outros trabalhadores, eles não eram operários comuns, pois podiam mais facilmente levar o pensamento à palavra impressa e fazer dela, arma a favor de suas causas e daqueles que não tinham acesso aos prelos.

[...] Trabalhando com as mãos, como qualquer outro operário, os tipógrafos são trabalhadores manuais, mas também 'intelectuais', pois sabem ler e conhecem frequente mente um pouco de latim. Vivendo entre os livros, em contato com os autores, estando a par, antes de qualquer pessoa, das novas ideias, gostam de argumentar e revoltam-se com frequência contra sua condição. A partir do século XVI, organizam greves de caráter moderno e escrevem, para defender suas reivindicações, dissertações que, como observou Henry Hauser, três séculos mais tarde alguns sindicalistas não teriam desaprovado. E, no século XIX, encontram-se encontram-se numerosos tipógrafos entre as fileiras dos primeiros socialistas.(FEBVRE; MARTIN, Op. cit., p. 179-180)

O papel desses homens não é apenas importante na cidade, na sociedade onde vivem, mas na História. Por estarem sempre ligados à palavra escrita, foram escrevendo, eles próprios a história de seu grupo, produziram as primeiras narrativas acerca da sua vida e do seu trabalho, "[...] eles estavam entre os poucos artesãos que podiam fazer seus próprios relatos sobre a vida das classes trabalhadoras há dois, três ou quatro séculos." (DARNTON, 1986, p. 107).

Apesar de serem operários da palavra, as condições de trabalho dos tipógrafos não eram muito diferentes daquelas dos demais trabalhadores e por isso revoltavam-se "com frequência". A profissão em seu início e por muito tempo depois era, como muitas outras, organizada em uma hierarquia que incluía mestres, oficiais e aprendizes que geralmente moravam no seu local de trabalho, e quanto mais abaixo na hierarquia, mais difíceis as condições de vida e trabalho. Na França do Antigo Regime, por exemplo, segundo Robert Darnton (Idem, p. 103) os aprendizes "levantavam-se antes do amanhecer para executar tarefas o dia inteiro, tentando furtar-se aos insultos dos oficiais (assalariados) e aos maus-tratos do patrão (mestre), e nada recebiam para comer, a não ser, as sobras".

Obviamente essas condições se modificaram, mas as ínfimas melhorias concedidas com o passar do tempo não foram suficientes para aplacar os ânimos revoltosos dos tipógrafos, que além das reivindicações comuns a todas as categorias de trabalhadores, ainda tinham uma própria que era a de serem reconhecidos também como artistas, já que acreditam que "[...] A tipografia não é uma profissão meramente mecânica. Não! Elevamo-la a categoria de arte (...) os tipógrafos entrincheirados nas colunas do jornal são esgrimistas de armas contra a tirania ou batem palmas para o progresso. O tipógrafo põe seu contingente na obra magna da civilização."³⁷

Era como artistas que se viam muitos tipógrafos como o que escreveu o trecho acima citado presente no jornal *O Operário*, publicado por tipógrafos fortalezenses no final do século XIX. Como não poderia ser diferente de outros centros urbanos, a capital do Ceará também era polo das práticas letradas, tendo isso se dado também pela presença das tipografias, que possibilitaram, como era seu papel, a ampliação da circulação da palavra impressa e vão adquirir grande importância não só no campo cultural, mas também para a economia da cidade de Fortaleza no citado período.

3.2. AS TIPOGRAFIAS EM FORTALEZA

Tendo em vista então, que as oficinas tipográficas desempenharam um importante papel no setor econômico da cidade cabe então um aprofundamento no que se refere à atuação desses estabelecimentos diante das transformações que a cidade sofria devido sua entrada no sistema de economia-mundo.

Entendendo o Capitalismo como um sistema que além de outros aspectos, foca em organizar sua produção para chegar a mercados cada vez mais distantes (DOBB, 1986), observa-se que uma série de inovações tecnológicas, seja no campo dos transportes ou das comunicações durante o século XIX, permitiu que a expansão do sistema se desse em escala global não só buscando por mercados, mas principalmente à procura de mão de obra mais barata (WALLERSTEIN, 2001). O modelo capitalista foi incorporado e prosperou (tornando-se inclusive dominante) em áreas onde algo semelhante jamais existira ou naquelas que já tinham passado pela experiência do Mercantilismo de séculos anteriores.

³⁷ *O Operário*. Ano I, nº 1, 28/02/1892. Apud. PEREIRA, Adelaide Gonçalves. **A imprensa dos trabalhadores no Ceará: de 1862 aos anos 1920**. 2001. Tese. (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2001.

É sabido que o processo de expansão do Capitalismo se fortaleceu nos oitocentos e que as economias chamadas periféricas passaram a ter grande importância no cenário comercial mundial. Conforme afirma Landes:

A relação histórica entre a procura e a oferta no decorrer do século XIX foi complexa. Já assinalamos a pressão da demanda interna e externa, em rápido crescimento, sobre o sistema industrial da Inglaterra no século XVIII; essa pressão originou pontos de estrangulamento e tensões, finalmente resolvidos por uma transformação dos meios e do modo de produção. Essa Revolução Industrial, por sua vez, alterou radicalmente o cenário econômico. De um lado, deslocou a ênfase do consumo para o investimento: havia necessidade de capital para construir fábricas e realizar as potencialidades das novas técnicas. De outro, tornou os mercados estrangeiros muito mais importantes, pois mesmo que a taxa de poupança do país não fosse muito alta, o mercado interno seria incapaz de acompanhar o rápido aumento da produção de artigos manufaturados. (2005, p. 251).

Nesse sentido é importante salientar os investimentos ingleses, dentre todos recebidos no Brasil. Acima de tudo, a presença da Inglaterra se fazia sentir pelo comércio e pela enorme presença de seus produtos no mercado local, desde os têxteis às máquinas que passaram a equipar a incipiente indústria no Brasil, apenas entre os anos de 1895 e 1899, mais de 38% das exportações britânicas para o Brasil foram de bens de produção (DOWBOR, 2009.). No entanto, diante da dinâmica do sistema capitalista, o interesse inglês estava também voltado para as matérias-primas brasileiras, dentre as quais o algodão, que terá o Ceará como grande fornecedor durante boa parte da segunda metade do século XIX.

A exportação do algodão colocou Fortaleza na rota dos negócios internacionais. Diante de sua inserção nesse processo internacional e do desenvolvimento comercial pelo qual a cidade passou, sobretudo a partir da 2ª metade do século XIX, era indispensável a circulação do objeto impresso, pois este era essencial para a atividade mercantil não só no que diz respeito à publicação de dados oficiais dessa atividade, mas também no que concerne aos anúncios de casas comerciais e mercadorias vindas de diversas partes do Brasil e do exterior.

Por outro lado, além da atividade comercial, o setor cultural, mais precisamente o letrado, também teve uma ampliação de suas atividades. A produção letrada local avança e as pequenas, mas valiosas ações voltadas para a instrução pública ajudam na formação de um público leitor que virá a favorecer o desenvolvimento do restrito mercado editorial da cidade.

Para que o impresso se tornasse objeto comum no cotidiano dos fortalezenses foi por demais importante a atuação das tipografias, ou como eram chamadas, Oficinas Tipográficas. Esses estabelecimentos tiveram importância não só para a popularização dos diversos tipos de textos impressos, mas também para o desenvolvimento do setor manufatureiro da cidade, com status de indústria, pois, no dizer de Geraldo Nobre a "[...] única atividade equipada com

máquinas, no Ceará, foi a tipográfica, aliás, a mais desenvolvida para as condições da época".(NOBRE, 1989, p. 21). Adelaide Gonçalves Pereira (2001, p. 53) corrobora as palavras de Nobre afirmando que "[...] Segundo os registros da época, a única atividade a empregar maquinaria e desenvolver uma produção regular é a de composição e impressão, nas tipografias".

Indústrias de fato não se pode dizer que existiam em Fortaleza ou mesmo no Ceará no período ao qual se refere Geraldo Nobre na citação acima, início da segunda metade do século XIX. Na década de 1860, por exemplo, as principais atividades tidas como industriais e que produzem bens ditos industrializados são as fábricas de couro, sola, charque, queijos, sabão, velas, calçados, chapéus, tecidos de algodão, redes, e produtos de palha (POMPEU, 1997). No entanto, esse quadro tem um pequeno avanço nos anos finais do século com a já citada ampliação de investimentos ingleses na indústria brasileira, sobretudo no setor têxtil o que irá atingir Fortaleza.

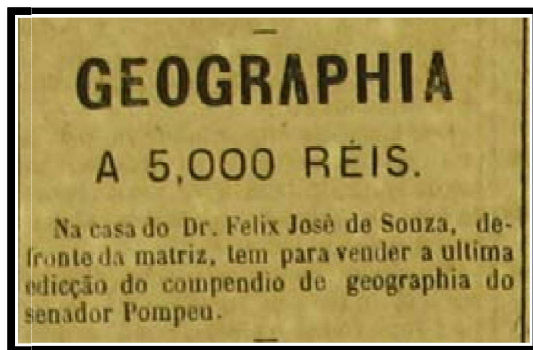
O chamado "primeiro surto industrial" no Ceará ou "primeiro surto de investimentos", datado dos fins do século XIX (1881-1895) guarda estreita relação com fatos da conjuntura internacional e nacional, com a intensificação da produção da produção algodoeira no plano local. Por isso, é o empreendimento fabril no setor têxtil que vai iniciar o processo de industrialização no Ceará, com a instalação da Fábrica de Tecidos Progresso, considerada a primeira unidade fabril de grande porte no Ceará, de propriedade de Antônio Tomás Pompeu Filho e Antônio Pinto Nogueira Acioli. Ao primeiro coube a iniciativa de deslocar-se à Europa para a aquisição de máquinas e equipamentos industriais, além de proceder a observação quanto ao funcionamento das grandes unidades fabris europeias no setor de fiação e tecelagem. (PEREIRA, Op. cit., p. 54)

Foi então a indústria têxtil a primeira de grande vulto em Fortaleza e que fortaleceu ainda mais os laços com o capital internacional. Todavia, as oficinas tipográficas constituíam uma atividade de referência no setor produtivo da cidade chegando ao 2º lugar em quantidade de estabelecimentos na cidade na década de 1890, perdendo apenas para as padarias, eram estabelecimentos especializados cujos proprietários gozavam de prestígio na sociedade. Com a expansão da produção livreira, as tipografias tiveram ainda maior destaque e outras oficinas do ramo se estabeleceram, como oficinas de encadernação.

Com as tentativas de melhorias dos serviços de instrução, as tipografias conheceram um novo papel, o de impressoras de livros didáticos. Muitos professores das escolas locais se propuseram a elaborar seu próprio material de ensino, o que proporcionou um novo produto para os impressores. Muitos eram os compêndios de matemática, gramática, história, explicadores, silabários, enfim, a maioria voltada para o ensino primário e secundário como os *Elementos de arithimética de acordo com o programa de 1º anno do curso normal pelo*

professor capitão A. Duarte, de A. Duarte Bezerra, publicado pela tipografia do Libertador em 1887.³⁸ E como a igreja também se utilizou dos tipos para a promoção do ensino religioso, imprimiu-se o *Catecismo bíblico para as classes infantis* publicado em 1883 também pela tipografia do Libertador.

Figura 5: Anúncio da venda do Compêndio de Geografia de Tomás Pompeu.



Fonte: *O Cearense*, 20/07/1870, p. 4.

O anúncio acima é o do Compêndio de Geografia de Tomás Pompeu impresso na Tipografia do Cearense, jornal do qual o próprio Pompeu era um dos redatores. No entanto, o mercado livreiro fortalezense, seja de obras literárias, seja de obras didáticas como o livro de Pompeu, ainda era incipiente. As tipografias procuravam manter-se também prestando outros serviços e oferecendo outros produtos, como folhas de calendário, papéis para procurações, letras de compra e venda, prestavam serviço aos governos imprimindo documentos oficiais, assim como as oficinas de encadernação também vendiam papel de parede, enfim, bem como as livrarias essas oficinas não viviam apenas do livro.

Muitas delas conseguiam se manter e permanecer ativas por mais tempo por terem os órgãos governamentais como alguns dos principais clientes, e como exemplo de um dos produtos feitos nas tipografias para uso do governo podem ser citados os cartões distribuídos pela Comissão de Socorros Públicos durante a seca de (1877-79), uma das mais terríveis enfrentadas pelos cearenses. No romance *A Fome*, Rodolfo Teófilo cita algumas das utilidades desses cartões durante o diálogo entre os personagens Freitas (retirante) e Simeão Arruda (funcionário da comissão):

- Como vai o Coronel?
- Assim, assim...
- Vim trazer-lhes dois cartões, um para receber fazendas, para vestir-se com a família, e outro para tirar semanalmente três mil-réis.
- É muita bondade, Sr. Arruda, disse Freitas.

³⁸ Esses compêndios foram catalogados de acordo com o **Catálogo das Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel**. Consultado na Biblioteca do Instituto do Ceará.

- Nada tem que agradecer-me, tudo deve ao seu merecimento e ao patriotismo de nosso governo.
- E, não é preciso trabalhar para ter direito aos socorros públicos?
- É, porém o coronel não se há de sujeitar à degradante condição de carregador de pedras. O Único interesse que temos nestas comissões é proteger nossos amigos. (TEÓFILO, 2002, p. 173)

O intento do autor com esse diálogo é não apenas demonstrar a utilização dos cartões, mas, conhecendo a trajetória de Rodolfo Teófilo, denunciar o uso dos recursos públicos para fins particulares, como era o caso de Arruda que queria através de benesses conquistar a filha de Freitas. O uso dos ditos cartões acabou por ser abolido em 1878, fato também tratado pelo autor, mas não antes de terem dado algum lucro às oficinas tipográficas em funcionamento na época, como pode ser observado na prestação de contas da Comissão de Socorros Públicos publicada no jornal *Pedro II*, na qual o secretário apresenta os gastos até aquela data e neles constam que foram encomendados para a Tipografia do *Cearense* um total de 21 mil bilhetes no valor de 252\$000 e mais 48 mil bilhetes encomendados à tipografia do Pedro II num valor de 48\$000.³⁹

Observa-se que as tipografias escolhidas pelo governo para esse serviço foram aquelas pertencentes aos dois maiores jornais em circulação na cidade no período, e decerto possuíam os melhores equipamentos e seus proprietários mantinham ou buscavam manter boas relações com os governantes. As oficinas dos jornais exerciam grande influência no setor, sendo as mais numerosas e as responsáveis pela maioria dos trabalhos de impressão na cidade, sejam os próprios jornais, livros, bilhetes etc.

De fato, eram os jornais o principal produto das tipografias e não foram poucos os impressos em Fortaleza, segundo estudo mais amplo realizado pelo Barão de Studart (1898) entre os anos de 1824 e 1898 totalizaram-se 384 periódicos impressos na capital, a maioria de curta duração, algumas vezes com apenas uma edição, mas os dados mostram que a imprensa cada vez mais passou a ser vista pelos diversos grupos atuantes na cidade como veículo indispensável para a propagação das ideias.

Dentre as tipografias de jornais, algumas tiveram mais destaque como a do *Pedro II* que além desse periódico de grande circulação, também foi responsável pela impressão de vários outros títulos como *A Cigarra*, *O Furão* e *Sempre Viva*. Outros jornais como o *Colossal*, o *Cearense* e o *Libertador* também tinham suas oficinas procuradas por aqueles que desejavam fazer circular suas publicações (STUDART, Op. cit.).

³⁹ *Pedro II*, 17/01/1878, p. 03.

O cotidiano da cidade circulava nas páginas dos jornais, desde as ações governamentais aos anúncios de animais desaparecidos, passando pelas notícias policiais e atividades sociais e literárias. A sessão de anúncios, importante para a sobrevivência do jornal, sobretudo para aqueles que não eram órgãos de divulgação de nenhuma corrente política ou religiosa, apresenta muito do dia-a-dia da cidade, pode-se perceber a quantas andava a instrução (com anúncios de escolas e professores particulares, vendas de compêndios didáticos ou requisição de professores para as escolas públicas); quais os principais ramos do comércio, através das propagandas de casas comerciais e seus produtos. Abaixo, um anúncio da máquina de costura Singer, à venda na loja de Conrado Cabral e Cia., um exemplo da inserção de Fortaleza no roteiro do comércio internacional, retirado do *Libertador*:

New-Home, machina de costura a pó. Proprias para modistas, costureiras, alfaiates, camizeiros, & &.

A New-Home está conhecida como a machina de costura melhor do mundo! Nunca se desconcerta e cose desde a mais fina cambraia ao mais rijo couro; é silenciosa, suave e ligeira. Podendo ser tangida até mesmo por uma creança de oito annos!!

Fornecemos preço e esboço dessas machinas a quem nos pedir e remettemos a qualquer parte pelo correio, com porte por nossa custa.⁴⁰

Com relação à política, era através dos periódicos que se travavam as principais disputas. A batalha entre Conservadores e Liberais no Império esteve muitas vezes em destaque nas páginas jornalísticas, até mesmo porque os próprios jornais eram partidários de um ou outro partido, como os já citados *Pedro II* de ideais conservadores e o *Cearense*, que defendia as ideias do partido Liberal. Com a proclamação da República, os dois ainda se mantiveram por algum tempo, logo encerrando suas atividades, tendo o *Pedro II* alterado seu nome para *Brazil*. Já o *Libertador* ganhou destaque por defender a causa abolicionista e posteriormente, a republicana, na década de 1890 fundiu-se ao *Estado do Ceará* constituindo-se assim, *A República* (STUDART, 1898).

Mas não era apenas de política e propaganda que as páginas dos jornais estavam recheadas. Elas acabaram por se tornar veículos de propagação das letras, pois durante um bom tempo ainda, ter um livro editado era algo bastante difícil para a maioria dos escritores, por isso muitos optaram por publicar suas obras em formato de folhetins (fato já tratado no capítulo anterior). De fato, vários autores, como José de Alencar, Joaquim Manuel de

⁴⁰ *Libertador*, 14/02/1891, p. 4.

Macedo, Machado de Assis, dentre outros, publicaram romances-folhetins. No Ceará, a iniciação de novos autores "por motivos óbvios teve nos jornais o instrumento principal, visto como os jovens não dispunham de meios para publicar livros" (NOBRE, 1974, p. 108.). Realmente não era fácil o início de carreira de um escritor no Ceará, bem como no restante do país, na maioria das vezes por motivos não tão ligados às questões literárias. Adolfo Caminha já afirmou que:

Há quase sempre, direi mesmo sempre, má vontade para os que ousam estreitar na literatura sem uma carta, um bilhete de apresentação, uma formalidadezinha diplomática, um pedido afetuoso, alguma coisa de oficial e solene. O poeta deve se mostrar humilde (...). Atualmente é de bom conselho dizer o que se pensa em matéria de política republicana. A política já vai penetrando nos domínios da literatura e das artes. (CAMINHA, 1999, p. 29)

Sendo assim, os periódicos eram também veículos da cultura, não só eram a porta de entrada de muitos autores no mundo da literatura, das práticas letradas, como também anunciavam e exaltavam os espetáculos teatrais e musicais realizados na cidade.

Assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento da arte tipográfica em Fortaleza proporcionou maior suporte às práticas letradas na cidade, englobando-se aí a atividade jornalística, a literatura, o ensino e inclusive os debates em áreas públicas ou privadas promovidos a partir da leitura de um periódico, folheto ou livro produzido em uma das tipografias locais.

Dentro dos estudos que envolvem as práticas letradas, os tipógrafos juntamente com os livreiros são considerados no entender de Robert Darnton (2010) como "intermediários" da literatura, ou seja, antes de chegar ao destino, ao leitor, o texto passa pelas mãos de outros sujeitos que darão vida ao livro impresso, no caso o impressor, e o colocarão ao alcance dos consumidores desse objeto do desejo, papel esse, dos livreiros.

Em Fortaleza foram intermediários de destaque Joaquim José de Oliveira, Odorico Colás, as firmas Paiva e Cia. e Cunha Ferro e Cia. e mais para o final do século XIX e início de século XX, Gualter Silva, o Barão de Studart e diversos outros que se dedicaram à produção do texto impresso.

Joaquim José de Oliveira foi um dos livreiros mais importantes da cidade, e como impressor foi responsável durante muitos anos pela impressão do *Pedro II*, dentre outros trabalhos; Odorico Colás, maranhense estabelecido em Fortaleza ainda em 1861, com sua Tipografia Social perpassou várias décadas desde 1860 como um dos principais impressores fortalezenses; já a firma Cunha Ferro e Cia. por meio da Tipografia Universal, destacou-se

por imprimir várias obras de autores locais, dentre eles os membros da Padaria Espiritual e do Centro Literário.

A Tipografia Studart, de propriedade do renomado Barão, além de livros e outros produtos tipográficos também passou a ser responsável pela publicação da Revista do Instituto do Ceará.

Já o livreiro Gualter Silva viu um grande negócio na edição de livros e constituiu também uma tipografia, uma das mais requisitadas de sua época. Tinha uma ótima rede de sociabilidades e editava as obras de alguns dos mais renomados autores cearenses como Rodolfo Teófilo.

Além dos estabelecimentos citados acima, várias outras oficinas se fizeram presentes desde o início da atividade tipográfica em Fortaleza. Mais uma vez recorrendo ao estudo feito pelo Barão de Studart acerca dos jornais publicados no Ceará, foi possível elencar as tipografias que atuavam em Fortaleza em diferentes décadas dos oitocentos editando esses jornais e outros impressos, algumas delas se mantendo ativas por mais de uma década como a Patriótica, a Brasileira, d'O Colossal, e a já citada oficina do Pedro II (STUDART, 1898), conforme tabela abaixo:

Tabela 2: Lista das Tipografias atuantes em Fortaleza no Século XIX.

Tipografias atuantes em Fortaleza durante o século XIX						
Década de 30	Década de 40	Década de 50	Década de 60	Década de 70	Década de 80	Década de 90
Nacional	Patriótica	Patriótica	Social	Social	Social	Social
Patriótica	Constitucional	Pedro II(J)	Pedro II(J)	Pedro II (J)	Pedro II (J)	Studart
	J. Antunes de Oliveira	Brazileira	Brazileira	Brazileira	Universal	Universal
	Paiva & Cia. (Brasileira)	Americana	Americana	Americana	Econômica	Econômica
	De Fco. Luiz de Vasconcelos	Brasiliense	União	União	O Diário do Ceará (J)	Minerva
		Fidelíssima	Industrial	Industrial	O Cearense (J)	Apollo
		Cearense Commercial	Cearense Commercial	Imperial Popular	A Gazeta do Norte (J)	Ceará Libertador
					A Greve (J)	Atelier Louis
		De Fco. Luiz de Vasconcelos	Jornal do Domingo (J)	O Colossal (J)	O Colossal (J)	Popular
			A Liberdade (J)	O Município (J)	Libertador (J)	Litografia Cearense
			A Constituição (J)	O Mercantil (J)		Costa Souza & Cia.

		Aurora Cearense(J)	Imparcial	Braziliense
		Liberdade	De Joaquim de Souza	De José Lino
		Castro e Silva		Moderna
				Rio Branco
		Nacional		
		De José Lino		O Norte (J)
		De Vicente Ernesto Ribeiro		O Figurino(J)
		De Fco. Luiz de Vasconcelos		Estado do Ceará (J)
		De José da Cunha Bezerra		Libertador (J)
				O Estado (J)
				O Independente (J)
				O Combate (J)
				O Rebate(J)
				O Operário(J)

Fonte: STUDART, Guilherme (Barão de). Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará.In: **Revista o Instituto do Ceará**. 1898; Obras consultadas nos institutos de pesquisa.

A tabela acima contempla as décadas de 1830 a 1890, não constando a década de 1820 pelo fato de nesta ter havido oficialmente apenas uma tipografia na cidade, a Tipografia Nacional⁴¹.Observando a tabela, pode-se perceber claramente terem sido as décadas de 1870 e 1890 as mais férteis para o aparecimento de oficinas, sendo os anos setenta aqueles em que mais se observou o aparecimentos de periódicos "[...]em sua maioria de pequeno formato e pequena circulação, mas vários deles dispoendo de oficinas próprias com capacidade de impressão de um conjunto diversificado de publicações." (PEREIRA, Op. cit. p. 62).

⁴¹ A Tipografia Nacional foi a primeira implantada no Ceará, ao menos oficialmente, por ocasião da Confederação do Equador, com o objetivo de fazer imprimir o Diário do Governo do Ceará, órgão da Confederação. Com a restauração imperial, o Diário passou a ser órgão do governo reestabelecido. Cf.: BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará**: origens da imprensa e da tipografia cearenses. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006.

Muitos são os estabelecimentos pertencentes aos jornais (indicados pela letra j), sendo apresentados na tabela, 21 oficinas ligadas a periódicos entre 1870 e o final do século, já que "Era sob a órbita do jornal que girava a vida de uma tipografia [...] não é sem motivos que a maioria recebeu o nome do periódico." (MOREIRA, 2004, p. 06). Era de fato, maioria, embora grande parte tenha tido uma existência efêmera. No entanto, várias oficinas prioritariamente ligadas ou não aos jornais subsistiram por muito tempo inclusive atravessando décadas, como é o caso da já citada Social, de propriedade de Odorico Colás, a Brasileira (que não é a mesma Brasileira de Paiva & Cia existente na década de 40, responsável pelas primeiras impressões do *Cearense*), a Americana, a Patriótica e a *D'o Pedro II*. Há aquelas que aparecem ao menos em duas décadas, como é o caso da Universal, a *D'o Colossal*, *D'o Libertador*, Industrial, Nacional, Econômica, De José Lino, União e Commercial.

A relação feita a partir do catálogo do Barão de Studart, obviamente não contempla a totalidade dos estabelecimentos existentes em Fortaleza, nem propicia o conhecimento acerca do período certo de atuação, tampouco fornece informações acerca da maioria dos proprietários, o que seria possível através da análise de dados passíveis de serem encontrados na Junta Comercial do Ceará, no entanto não se teve, até o presente momento, acesso aos arquivos da citada instituição.

Apesar disso, fica claro o considerável aumento no número de estabelecimentos tipográficos a partir de 1870, período que coincide com o aparecimento de agremiações literárias e filosóficas como a Academia Francesa, a consolidação da cidade como principal centro produtor de manufaturas e porto exportador/importador da Província. Transformações essas que influíram na demanda pela palavra impressa e impulsionou o setor tipográfico e editorial em Fortaleza, o que proporcionou uma influência cada vez maior dos sujeitos ligados a ele, como os trabalhadores gráficos, os editores e livreiros.

Fala-se em editores ao se referir aos donos das tipografias, mas, mais importante até que esses eram os trabalhadores dessas oficinas, os compositores, tipógrafos de fato, esses profissionais garantiam a fama de seus locais de trabalho e dos autores cujos livros faziam surgir. Eram em sua maioria aprendizes, e aqueles que se destacavam como referência em seus postos, chegavam a isso ainda muito jovens, como no caso exposto por Geraldo Nobre:

Daqueles mais jovens salientar-se-ia Manuel Félix Nogueira então com 22 anos, por imprimir o órgão liberal da província (O *Cearense*) e outros jornais e dirigir uma tipografia da qual saíram bons trabalhos gráficos não só para as repartições públicas (material de expediente) como para as escolas (obras

didáticas), de modo a credenciar-se como o primeiro impressor cearense de renome. (NOBRE, 1989, p.113)

No entanto, a maioria dos compositores mantinha-se anônima, porém, já no fim dos oitocentos e no alvorecer do século XX, os trabalhadores da já indústria gráfica terão grande importância na luta das classes operárias no Ceará, sobretudo no que diz respeito ao uso da imprensa na divulgação de ideias e pautas de mobilização. Os tipógrafos, por motivos óbvios foram uns dos primeiros a utilizar essa ferramenta, tendo publicado diversos jornais visando promover a união e a mobilização do grupo na luta por melhores condições de trabalho e mudanças sociais. Dentre esses jornais, podem ser citados *O Typografo* (1866), *O Colossal* (1878) e *A Greve* (1882), exemplos que mostram a coesão do grupo em diferentes décadas (PEREIRA, Op. cit.).

A cidade teve, além de Manuel Félix citado por Geraldo Nobre, outros tipógrafos de destaque, como o próprio Joaquim José de Oliveira, por muito tempo responsável pela impressão do *Pedro II* e Teotônio Esteves, proprietário da Americana, tipografia que imprimia *O Meirinho*, jornalzinho ao qual recorreu Antônio Sales para publicar seus primeiros escritos, "Recorda-se o autor de Retratos e Lembranças que essa tipografia ficava numa 'casinha de taipa muito baixa, mais funda dentro que a própria rua, onde havia umas velhas caixas de tipos, e um velhíssimo prelo, que imprimia por um verdadeiro milagre'." (BÓIA, Op. cit., p. 75).

Parece precária, mas a situação de funcionamento da Americana era comum a muitas outras tipografias que não tinham muitos recursos, nem equipamentos. Para se ter uma noção de como era equipada uma tipografia em Fortaleza no final dos oitocentos, pode-se recorrer ao inventário de Gualter Silva, pois no setor do documento referente à tipografia herdada por sua esposa, também constante dos bens do casal, é feito um levantamento dos objetos constantes na dita oficina, os quais, com seus respectivos valores, são apresentados abaixo:

1 Prelo e ascessorios (velhos)	275
1 Machina de cortar linhas (s/ valor)	
1 Machina de perfurar	45
7 Caixas para typos	25
1 Armario velho com [...] grandes e pequenas	35
2 Cavalletes para caixas	8
2 Armarios velhos	6
1 Maquina de tirar provas (?) (s/ valor)	
57 Papeis pós d'ouro, prata e bronze	50
7 Ks tintas pretas e de cores	14
2 Componedores	2
2 Costa-pás - um grande e um pequeno	2
Typos velhos	268
1 Prelo novo com duas peças inutilizadas	770

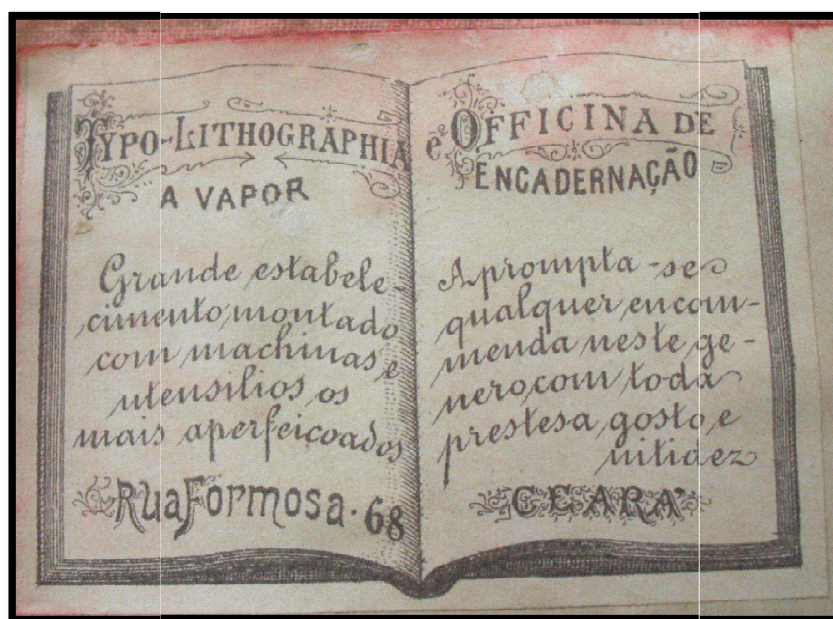
Factura de tipos

 $\frac{200}{1700^{42}}$

A leitura da lista acima permite concluir que mesmo uma tipografia com mais investimentos, como a Minerva, de Gualter Silva não era composta de equipamentos ditos "de ponta" para época, como linotipos ou monotipos e sim, ainda fazia seus trabalhos utilizando mecanismos tradicionais. A existência entre os itens de um prelo novo pode indicar o interesse do livreiro-editor em melhorar e ampliar seu negócio de impressão.

Apesar das dificuldades, algumas tipografias realizavam trabalhos de qualidade e se orgulhavam disso. É o caso do estabelecimento pertencente aos irmãos Costa Souza, composto de tipografia, encadernadora e litografia, responsável pela encadernação e arte de muitas obras publicadas em Fortaleza. Na figura abaixo, vê-se a propaganda da litografia presente em uma dessas obras, o *Floccos*, de Sabino Batista.

Figura 6: Anúncio da litografia de Costa Souza e Cia.



Fonte: BATISTA, Sabino. *Floccos*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1894.

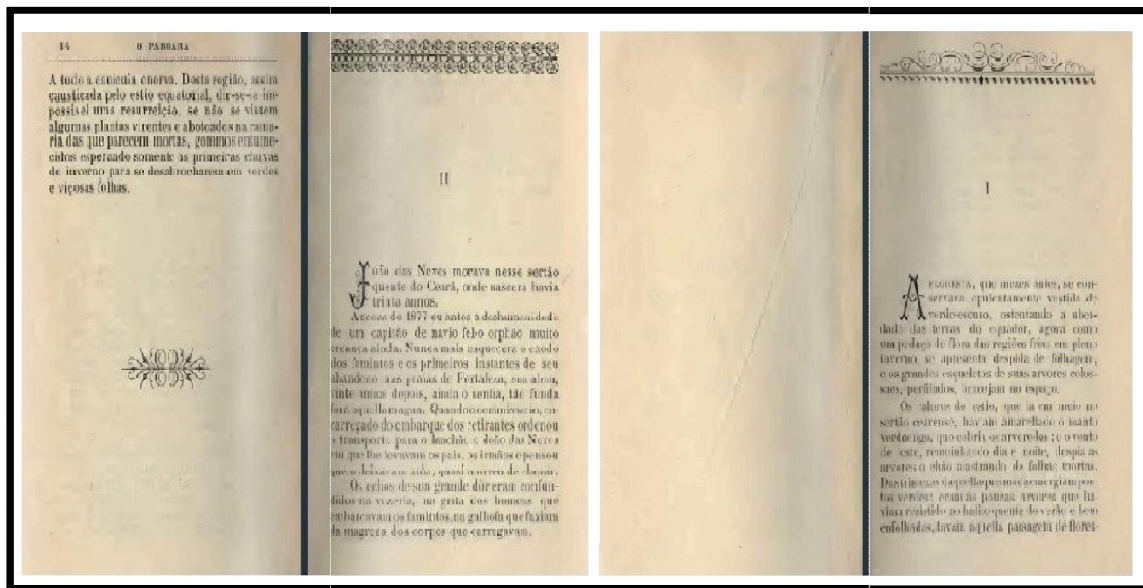
Através do anúncio estampado no verso da capa do livro - outro meio de propaganda além do periódico - permite perceber que a dita litografia estava um pouco à frente de muitas de suas concorrentes, pois utilizava equipamentos a vapor, algo já muito comum há várias décadas na Europa, mas nem tanto assim no Brasil, sobretudo nas regiões mais distantes da capital federal. Durante a pesquisa não se encontrou referência ao uso, pelas tipografias locais

⁴² Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC. Inventário de Gualter R. Silva. Fundo Cartório de Órfãos. Caixa 72. Data Crônica de 1892.

de equipamentos mais modernos como os monotipos. Embora a propaganda fale sobre "utensílios os mais aperfeiçoados", não se pode até o momento definir quais sejam eles.

Apesar disso é possível afirmar que a arte tipográfica em Fortaleza estava afinada com a das demais regiões produtoras do país. Percebe-se isso através da análise de algumas obras publicadas no período em questão, que apresentam boa qualidade gráfica, além de elementos que dão grande valor estético e mesmo elevam o valor de mercado da obra.

Figura 7: Páginas do livro *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo.



Fonte: TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara* Fortaleza, Moderna, 1899. p. 9, 14, 15.

A imagem acima apresenta páginas da obra *O Paroara*, livro de Rodolfo Teófilo publicado em 1899. É possível observar os detalhes de ornamentação, os *florões* presentes tanto no início quanto no final dos capítulos e as letras capitulares também ornamentadas. Outro aspecto também interessante é a posição de início dos capítulos, como pode ser visto, isso se dá sempre nas páginas do lado direito, mesmo quando o capítulo anterior se encerra numa página à direita, a seguinte fica vazia, sem texto, para que o novo capítulo se inicie no lado direito. Isso decorre tanto de uma orientação estética como de uma forma de organização que influencia na leitura da obra.

Outro aspecto observado é o grande espaço entre o *florão* do cabeçalho da página e o início do texto, traço bastante comum nos livros da época e em muitas obras atuais.

Os livros do renascimento, com seus títulos longos e suas margens grandes, não costumavam deixar nenhum espaço suplementar no topo dos capítulos. Já nos livros modernos, onde os títulos diminuíram e as margens foram engolidas pela pressão inflacionária, deixa-se às vezes um terço da página

vago apenas para celebrar o fato de que ali se inicia um capítulo. (BRINGHURST, 2005, p. 72.)

O fato do grande espaço antes do início do texto do capítulo, bem como as páginas deixadas totalmente em branco para que o mesmo se inicie do lado direito, permite supor que os livros que continham esses elementos eram obras de um valor mais elevado, as chamadas edições de luxo. Isso porque o papel, matéria-prima essencial do livro, tinha um custo elevado e um editor ou impressor não deixaria tanto espaço não utilizado numa obra se essa não fosse compensar os gastos com sua edição.

Algumas obras catalogadas, pertencentes à Biblioteca da Padaria Espiritual, puderam ter seus preços conhecidos. As obras *Vagas*, de Sabino Batista e *Chromos* de Xavier de Castro custavam 2\$000. O livro, *Os Brilhantes* de Rodolfo Teófilo, por ser uma obra mais extensa e também com mais elementos de ornamentação, custava 6\$000.⁴³

Assim, os tipos de edições - se de luxo ou populares - o formato dos livros, a encadernação, a disposição do texto nas páginas, enfim, esses aspectos que parecem ser apenas estéticos podem dizer muito acerca do mercado livreiro. Os autores mais renomados tinham direito a edições mais bem trabalhadas por serem, talvez garantia de bom retorno, enquanto os iniciantes podiam se contentar com as edições comuns, o que já garantia tornarem-se conhecidos num setor tão restrito.

Mesmo com restrições, o mercado do impresso crescia e a necessidade desse produto fez crescer o número de estabelecimentos dedicados a ele. Segundo o Almanaque do Ceará, no ano de 1899 Fortaleza contava com 9 tipografias⁴⁴, 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias, ou seja, a cidade estava completamente dotada de equipamentos que possibilitavam a expansão da produção e da comercialização do objeto impresso.

No que concerne à produção livreira, esta era acompanhada passo a passo pelos autores ou agremiações que incentivavam seus membros a publicar, visto ser muito árdua essa tarefa em terras cearenses, como já foi dito anteriormente. Mas o papel dos prelos de tornar a literatura um agente de comunicação (DARNTON, 2010) estava começando a ser cumprido em Fortaleza pelos seus intermediários.

⁴³ Informações contidas na contra capa do livro *Vagas*, de autoria de Sabino Batista, onde a Padaria Espiritual anunciava suas publicações.

⁴⁴ Os estabelecimentos são Odorico Colás, a Econômica, a Ceará Libertador, a Universal, a Apollo, a Minerva, a Studart, a Costa e Souza, o Atellier Louis (as duas últimas possuindo também oficinas de encadernação). Viu-se que esse número não reflete o real, já que o almanaque desconsidera as tipografias dos jornais.

3.3. LIVREIRO-EDITOR, EDITOR E LIVREIRO: A ATUAÇÃO DOS INTERMEDIÁRIOS DA LITERATURA EM FORTALEZA.

A História é perpassada por momentos de mudanças culturais significativas e o século XIX presenciou uma delas. O período da chamada *Belle Époque* foi marcado pelo predomínio de um modo de vida e organização sócio-espacial que virou referência para vários grupos e até mesmo, nações, e o grande diferencial desse período foi a rápida consolidação e propagação desse modelo de civilização baseado nas relações capitalistas (já tratado no primeiro capítulo deste estudo), o que foi possível graças ao grande desenvolvimento dos transportes e, sobretudo, das comunicações, principalmente da imprensa. Os impressos no geral foram indispensáveis para a expansão do projeto civilizador capitalista que teve como ponto de partida as nações europeias.

A revolução cultural ocorrida entre 1890 e 1914 abalou as estruturas mentais, resultando num indivíduo mais homogêneo, muito mais socializado, compartilhando com seus contemporâneos, ainda que espacialmente muito distantes, um horizonte de expectativa relativamente comparável. [...] O folhetim costurado à mão, a biblioteca popular - escolar, no princípio -, o jornal, o livro a preço baixo, a canção vendida nas ruas pelos mascates, os cartões-postais, os volantes, os cartazes, os prospectos, a publicidade, tudo contribuiu para provocar essa mudança capital que constitui o nascimento de uma cultura midiática, nacional e de vocação uniformizante. (MOLLIER, 2008, p. 184-185)

A constituição dessa cultura de massas, portanto, só foi possível devido ao sucesso da imprensa. Logo, o livro teve um papel preponderante nesse processo de uniformização de aspectos culturais, seja através de manuais de civilidade, romances de costumes ou apenas apresentando em seu conteúdo algo novo e atraente. E para ter desempenhado essa importante função, o livro precisou ser editado e chegar às mãos dos leitores e é nesse momento que ganham destaque seus principais intermediários, os editores, impressores e os livreiros.

Na década em foco na pesquisa (1890-1900), como já afirmado anteriormente, Fortaleza já contava com todos os processos necessários para a produção e comercialização do livro: tipografias, oficinas de litografia e encadernação e livrarias. No entanto, o mercado era restrito e aqueles que pretendiam viver do livro, deviam a mais de um dos negócios citados acima.

Mantendo boas relações com seus fornecedores, obrigado a procurar trabalho incessantemente para que os prelos não fiquem inativos, e a distribuir a obra com regularidade, fiscalizando o trabalho dos oficiais, retido sem cessar pela fastiosa e delicada tarefa da correção das provas, que devem ser entregues no prazo estabelecido para que a impressão possa prosseguir, ao mestre impressor, portanto, não lhe falta com que se ocupar.

Tanto mais que em geral, detém uma livraria instalada pero de sua oficina. Se consegue lucros suficientes se pode reunir algum capital, torna-se ele próprio editor, às vezes, associando-se, para suportar as despesas da publicação, a outro livreiro, que como ele partilha os riscos e os lucros da empresa, além de se encarrega de escoar uma parte da tiragem. Graças a este sistema, o impressor consegue, algumas vezes, tornar-se um grande editor. (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 191.)

Foi o caso de alguns livreiros da cidade que viram com bons olhos a possibilidade de aumentar seus ganhos fazendo também, às vezes, de editor de livros, e o nome que mais se destacou nesse processo em Fortaleza foi o de Gualter R. Silva. Já dono da Livraria Gualter⁴⁵, ele resolve montar uma tipografia e essa se torna uma das mais importantes e mais requisitadas da cidade, tendo em vista seu proprietário ter cumprido bem o papel de livreiro-editor, que em sua época dependia muito de se manter bem relacionado, primeiramente com os governos e depois com os autores, já que "[...] a partir da criação e aplicação das leis de direito autoral, e da liberdade de imprensa, seu êxito dependerá de suas boas relações com o mercado e com os autores". (BRAGANÇA, 2002, p. 64). Gualter, então, pode ser considerado um negociante bem relacionado, tanto com políticos como o Presidente da província, Caio Prado, como com escritores tais como Antônio Sales, Antônio Bezerra, Oliveira Paiva, o Maestro Alberto Nepomuceno, dentre outros (VENÂNCIO, 2004).

Ao se analisar o inventário do livreiro, vê-se que as relações sociais informais acabaram por fomentar laços comerciais. No setor que trata dos valores devidos a Gualter, constam reconhecidos nomes das letras cearenses como o já citado Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, que teve vários trabalhos impressos na oficina, Antônio Bezerra de Menezes, Álvaro Martins, além de constar também nomes de órgãos públicos como a Biblioteca Pública e a Estrada de Ferro de Baturité.⁴⁶

A atuação de Gualter Silva no mercado livreiro de Fortaleza foi marcada pelo suporte que este dava não só à atividade literária, como também o incentivo à leitura, materializado pela venda de edições baratas e ao mesmo tempo educativas, já que por se ver inserido dentro do círculo intelectual da cidade, acreditava também estar contribuindo para o processo

⁴⁵ Com a morte do livreiro (1891), a viúva, Izabel Rabello da Silva passou a conduzir os negócios do casal. Com a ajuda do filho, Cezar Silva, administrou a livraria até o final do século XIX e a tipografia Minerva durante alguns anos. Em 1892 um dos fundadores da Padaria Espiritual, o escritor Antônio Sales, exerceu o cargo de gerente da livraria já sob o comando da viúva Gualter. Em 1899 a família não era mais dona da tipografia que passara a ser representada por M. Bezerra, o qual deu continuidade aos trabalhos no mesmo endereço, na Rua d'Assembleia n. 4. A família, provavelmente, se desfez da livraria ainda em 1899, já que a partir de 1900 o estabelecimento passou a ser apresentado nos almanaques como propriedade de Militão Bivar, funcionando na Rua Major Facundo n. 74.

⁴⁶ APEC, inventário de Gualter R. Silva. Fundo Cartório de Órfãos. Caixa 72. Data Crônica de 1892.

civilizador que se operava na capital cearense. Nesse sentido, pôs-se à venda na livraria vários exemplares da coleção Biblioteca do Povo e das escolas que teve grande repercussão na Europa e no Brasil.

Os livros postos à venda seguiam uma tendência do mercado editorial europeu da época que buscava expandir o número de leitores através da criação de coleções populares. Instrumentos de vulgarização científica, esses livros inseriam-se no grande fenômeno editorial europeu, do século XIX: coleções voltadas principalmente para um público mais abrangente e menos erudito. (VENÂNCIO, Idem, p. 06).

Esses livros, mais modestos e de temas os mais variados, ajudaram a consolidar um público leitor e deram pequeno impulso ao comércio livreiro. A maioria dos livros de baixo valor era de coleções científicas ou obras clássicas já supostamente em domínio público, mas alguns editores passaram, então, a apostar em novos talentos e editar autores desconhecidos que podiam ter seus livros publicados com menores custos. O que poderia ser um grande ganho para os iniciantes, vinha acompanhado de um problema, a questão dos direitos autorais.

A questão ou mesmo a existência dos direitos autorais é relativamente recente, a própria figura do autor é recente, em comparação com a importância da obra literária⁴⁷. Antes da renascença uma obra praticamente caía em domínio público logo após sua publicação, após isso, e até o século XVII, o que se tinha era privilégio de edição, de venda e não de autoria. Esses privilégios podiam ser temporários ou perpétuos e muitas vezes recaíam também sobre as letras e os formatos dos livros. (MARTINS, 1996). Foram os ingleses os primeiros a criar uma legislação própria para os direitos autorais ainda no início dos setecentos.

[...] A partir do século XVII, parece, os livreiros aceitaram, por vezes, prometer ao autor que lhes cedia um manuscrito não reimprimi-lo sem sua anuência e, indubitavelmente, sem lhe pagar nova importância. [...] E, em 1710, novos estatutos outorgados pela rainha Ana vêm regulamentar a questão no plano jurídico: doravante, a posse do copyright é concedida ao autor e já não ao livreiro; é, portanto, a partir de então, o autor que manda

⁴⁷ "Socialmente, o autor é o último elemento que aparece na história do livro. Quando isso ocorre, já as grandes bibliotecas tinham inscrito a sua existência no enorme tombo da humanidade, os manuscritos tinham se transformado em impressos; os tipógrafos célebres tinham conduzido a sua arte a um ponto extraordinário de perfeição. [...] Com efeito, pode-se dizer que até o século XVII a sociedade não reconhece o autor como uma entidade definida: individualmente considerado e celebrizado, conforme o grau do seu sucesso, o autor não tem existência social, não é ainda uma das rodinhas da grande engrenagem. Ele existe como indivíduo, não como membro de uma corporação; não é um profissional nem tem problemas profissionais. Muitos, até, acreditavam até que seria vergonhoso ganhar dinheiro com a coisa escrita; mas não o era, contraditoriamente, o mecenato". (MARTINS, Op. cit, p. 392-393). A situação já é bem diferente no século XIX, marcado pelo triunfo do autor, pois segundo Darnton (2010, p. 308) "[...] Tendo sido palhaço na Idade Média, cavalheiro diletante na Renascença, curiosidade nos salões do Iluminismo, no século XIX ele granjeou respeito e, em alguns casos adoração. Hoje não se atravessa uma rua em Paris sem ver uma placa dedicada a algum homem de letras, não se percorre um parque sem encontrar um poeta num pedestal."

inscrever a sua obra no registro oficial e é considerado seu proprietário. (FEBVRE; MARTIN, Op. cit., p. 223-224.).

Muitas obras tinham um preço baixo no mercado, pois se pagava pouco ou nada aos seus autores, ou seja, um gasto a menos que possibilitava o barateamento do preço da edição. Isso foi motivo de muitas discussões no meio literário brasileiro durante todo o século XIX e além, tendo em vista a falta ou o descumprimento da legislação referente ao tema.

[...] Na verdade, até 1898, não houve, no Brasil, qualquer lei real de direitos autorais como tal. O artigo 261 do Código Criminal do Império, promulgado em dezembro de 1830, rezava que era crime 'imprimir, gravar, litographar ou introduzir quaesquer escriptos ou estampas que tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brasileiros enquanto estes viverem e dez annos depois de sua morte se deixaram herdeiros'; mas parece que isso permaneceu letra morta. (HALLEWELL, 2012, p. 268)

Nos princípios da República também não foram grandes as mudanças no tema, havia uma cláusula sobre direitos do autor na Constituição de 1891, no entanto, esta só foi de fato respaldada em 1898, e mesmo assim, sujeita a variações dependendo do Estado da Federação. Hallewell cita o exemplo do Rio Grande do Sul, onde várias editoras tinham como principal atividade publicar ilegalmente autores de outros Estados (Idem.). Ou seja, a falta de aplicação efetiva da legislação prejudicava não só os escritores, mas o próprio desenvolvimento da literatura nacional. Na opinião de Adolfo Caminha (1999, p. 119) é a ganância dos editores que obriga muitos autores "[...] ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos [...]". Para o autor d'*A Normalista*, é imprescindível a criação e a aplicação de leis que defendam os escritores e que lhes garantam o que é de direito sobre seu trabalho. Segundo ele "Devia existir um rigoroso tratado literário, em que os direitos do autor fossem claramente expressos, uma lei severa e positiva, estabelecendo medidas contra a especulação, o abuso e a improbidade comercial dos editores." (Idem, p. 122).

No entanto, não só o autor cearense como a grande maioria dos escritores brasileiros teve que se sujeitar às regras do mercado editorial e aos interesses dos editores, não só por questões financeiras, por terem alguns, apenas o talento literário para tentar garantir seu sustento, mas por uma questão de valorização pessoal, ao verem suas obras publicadas. Logo, "Premidos pelo desejo de dar visibilidade e concretude material para os seus escritos, os homens de letras se viam na situação constrangedora, mas bastante disseminada ao longo do século XIX, de solicitar subscrição para a futura obra. E não raro esses queixumes descambavam em apelos explícitos por práticas de proteção e mecenato oficial." (SCHAPOCHNIK, 2004, p.11).

Enfim, para aqueles que queriam viver da própria pena e não se curvavam aos apadrinhamentos, era bem dificultosa a tarefa de publicar, porém havia aqueles que obtinham sucesso em seu intento, mas mesmo assim, ainda enfrentavam outras batalhas com os editores. Muitos autores brasileiros do século XIX, das mais diversas regiões, queixavam-se da péssima qualidade dos serviços prestados na maioria das tipografias, devido à falta de estrutura e de mão de obra qualificada.

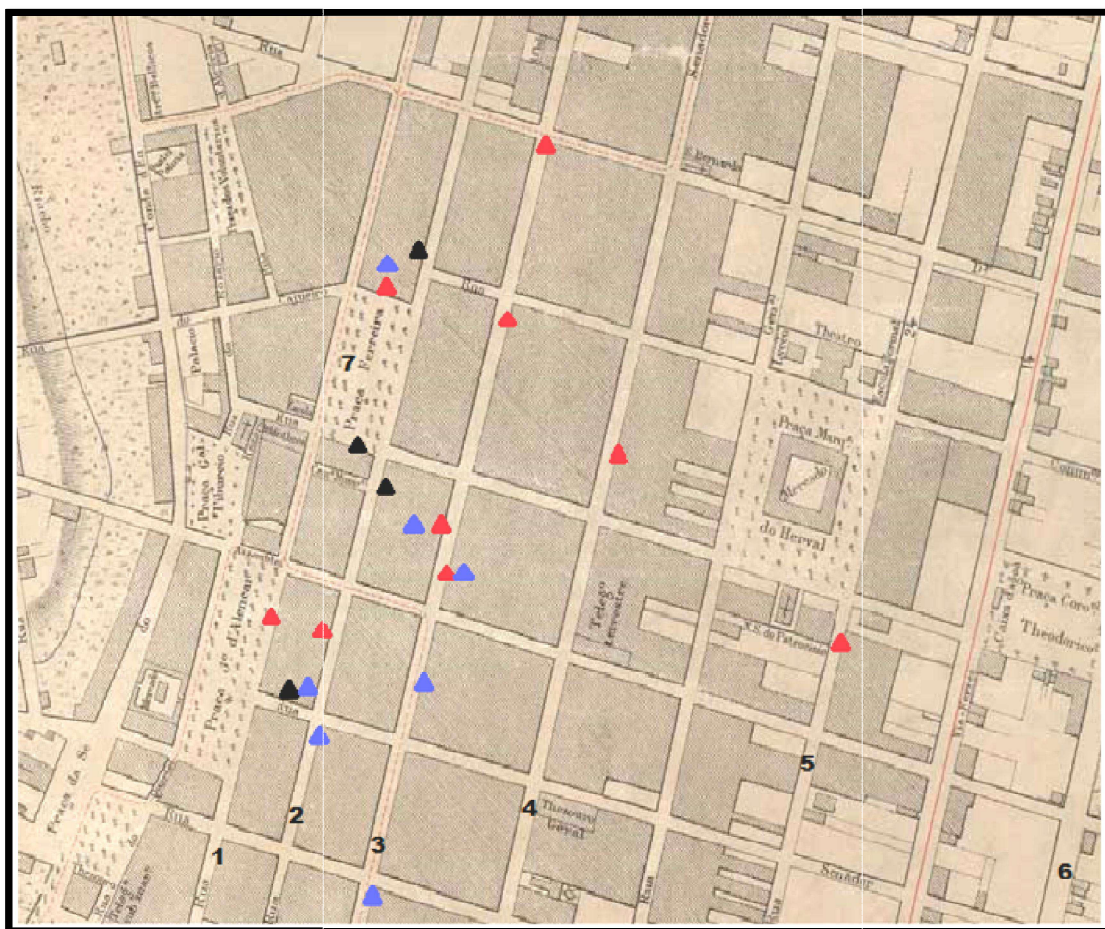
Aqueles escritores mais atentos à forma não deixavam de fiscalizar o trabalho nas oficinas. Para eles, os erros cometidos na impressão atrasavam e prejudicavam a venda dos livros, o que deixava passando por maus momentos os autores que não recebiam adiantado pelo manuscrito.

Dos autores cearenses parece ser Adolfo Caminha o que mais faz reclamações à atuação dos editores, sobretudo nas *Cartas Literárias*, lembrando que ele teve suas obras publicadas no Rio de Janeiro e não em Fortaleza (*A Normalista* e o *Bom Crioulo*, por exemplo). Por aqui, não foram encontrados nos documentos analisados, jornais, livros ou periódicos literários, quaisquer reclamações por parte dos letrados referentes aos trabalhos de editores ou de tipografias.

Essas, como já foi dito, realizavam todo tipo de serviços referentes ao impresso, incluindo a impressão de livros. No recorte temporal da pesquisa, conforme dados do Almanaque do Ceará e a tabela apresentada no tópico anterior, havia aproximadamente 24 estabelecimentos tipográficos, sendo 12 pertencentes a jornais e 12 independentes, além de 1 litografia, 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias.

A maioria desses estabelecimentos localizava-se na zona central da cidade, área mais beneficiada pelas intervenções urbanísticas realizadas a partir de meados do século, e onde era mais constante a presença e a circulação dos letrados, conforme descrito no primeiro capítulo deste estudo. As diversas oficinas e lojas ficavam bem próximas umas das outras, algumas por terem o mesmo dono, isso facilitava muitas vezes o contato entre seus proprietários criando assim, redes comerciais e de sociabilidades entre eles e também auxiliava a logística do livro, que para ficar pronto tinha que passar por várias oficinas diferentes - tipografia, litografia, encadernação, antes de chegar ao livreiro. Estavam localizadas bem próximas e muitas na mesma rua, como se pode comprovar no mapa a seguir:

Figura 8: Localização dos estabelecimentos na planta de Fortaleza



Fonte: Setor iconográfico da Biblioteca Nacional, disponível em <http://www.bn.br/portal/>

Legendas:

Tipografias ▲

Oficinas de Encadernação ▲

Livrarias ▲

1:Rua Floriano Peixoto; 2:Rua Major Facundo; 3:Rua Formosa; 4: Rua Senador Pompeu; 5: Rua 24 de Maio; 6:Avenida do Imperador; 7:Praça do Ferreira.

O mapa utilizado acima é a planta da cidade de Fortaleza em 1888. Apesar de representar cartograficamente a cidade na década anterior à deste estudo, admite-se que não ocorreram mudanças significativas, tendo sido mantidos os nomes das ruas e Avenidas. Não se pretendeu indicar no mapa a localização exata dos estabelecimentos, até porque, para tanto seriam necessários elementos cartográficos mais detalhados, procurou-se apenas dar uma localização aproximada das oficinas e livrarias nas ruas e/ou avenidas.

Foram indicados no mapa apenas os estabelecimentos cujo endereço se fez conhecer por meio do *Almanaque do Ceará* ou pela indicação em alguma obra, como foi o caso da Tipografia de José Lino cujo endereço apresentou-se na leitura da obra de Wilson Bóia. Já no caso das oficinas de encadernação, constam 8 no Almanaque, todavia apenas 6 possuem o endereço disponível.

Como pode ser observado, a Rua Formosa - atual Barão do Rio Branco - é a que possui maior quantidade de tipografias, sendo as que se localizam nessa rua a Estado, Costa e Souza e Cia., Universal, Atelier Louis e a Studart. Nessa rua também se encontram a encadernadora Costa Souza e Cia.(junto à tipografia), a de Miguel Rodrigues Carvalho e a de Louis Cholowiesçk (mesmo proprietário do Atelier Louis). A única litografia citada no Almanaque também se encontra nessa rua e é também pertencente à Costa Souza e Cia.

Na Praça do Ferreira localizam-se a tipografia Econômica, a encadernadora do Tenente Coronel Antônio Joaquim Guedes de Miranda e a livraria de Joaquim José de Oliveira. A tipografia Ceará-Libertador encontra-se na Floriano Peixoto. Já na Major Facundo eram encontradas a tipografia Minerva e as encadernadoras de Francisco Esteves e Satyro Verçosa. Ainda nessa rua concentravam-se 3 livrarias, a da Viúva Gaulter, a Evangélica de Lacy Wardlaw e a de Satyro Verçosa (contígua à encadernadora), observa-se assim, que desde essa época, tornou-se tradicional na rua Major Facundo a presença de locais dedicados ao comércio de livros, sendo conhecida até hoje como a "rua das livrarias", embora a maioria dos estabelecimentos atuais esteja voltada para o segmento escolar.

Nas ruas Senador Pompeu e 24 de maio encontram-se respectivamente as tipografias de José Lino e Apollo, estando essa última um pouco mais distante da área de concentração das demais oficinas, já quase no limite do centro demonstrado pela Avenida do Imperador.

Como já foi dito, o mapa contém apenas os estabelecimentos destacados no *Almanaque do Ceará* e são apresentados como forma de demonstração. A tabela contida no tópico anterior mostra a existência de um número bem maior, sobretudo de tipografias, isso ocorre pelo fato de o citado livro não apresentar as tipografias pertencentes aos jornais, que eram a maioria.

A proximidade entre os locais de produção e venda dos livros favorecia o funcionamento da cadeia produtiva do impresso. Alguns passos dela podem ser observados na seguinte nota do jornal *O Pão*, na qual se comunica a venda de um dos romances de Rodolfo

Teófilo *Os Brilhantes*. A nota informa o início da distribuição do livro e elogia as oficinas responsáveis pelo trabalho, quais sejam a tipografia Universal e a litografia Cearense consta no almanaque como a de Costa Souza e Cia., também elencado no mapa acima.

Começou a ser distribuído pelos subscriptores o primeiro volume deste romance de Rodolpho Teophilo.

A capa executada na Lytografia Cearense é um verdadeiro primor e a impressão, como tudo que sahe das officinas do Cunha Ferro, é esmerada.⁴⁸

Depois de passar pelo processo industrial chega a hora de o livro ir para os últimos intermediários, os livreiros. A citação acima, que na verdade trata-se do anúncio do livro de Rodolfo Teófilo por parte de seus companheiros padeiros, mostra uma das formas de negociação entre o livreiro e o autor, a subscrição, ou seja, "Promessa de tomar um ou mais exemplares de uma obra prestes a publicar-se ou em via de publicação por um preço convencionado; assinatura." (MICHAELIS, 2014). As livrarias também vendiam os livros por meio de assinaturas, os *Versos Diversos* de Antônio Sales, por exemplo, "as livrarias Oliveira e Gualter, as lojas Democrata e Torre Eiffel e o escritório do jornal Libertador acolhiam assinaturas, custando o exemplar a quantia de dois mil réis". (BÓIA, Op. cit., p. 93). Ou seja, o livro podia ser adquirido antes mesmo de chegar às livrarias, ou em lojas de variedades, já que assim como as livrarias não vendiam apenas livros, esses também eram encontrados em outros tipos de lojas.

Fazer o livro chegar às mãos do leitor era o intuito final de todo o circuito da comunicação, da escrita, passando pela impressão até a chegada à livraria ou qualquer que seja o lugar de venda. Comercializar o livro fazia parte do processo e talvez fosse o objetivo de todos os envolvidos na cadeia produtiva dele, afinal o livro é mercadoria e o leitor, consumidor.

Com efeito, ainda que o livro sumarie o mundo da cultura, ao qual se articula, independentemente do que possa conter, ele jamais perde sua dimensão de produto industrial que circula graças ao comércio que suscitou e que depende dele, inserindo-se, portanto, de forma integral nas diferentes economias em vigência no mundo moderno. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 159)

Assim sendo, cada livro de autor cearense publicado e comercializado em Fortaleza representava a materialização dos talentos locais e a certeza por parte dos letrados e dos editores de estarem cumprindo seu papel no âmbito das Práticas Letradas de proliferadores da literatura. Para auxiliar na percepção desse sentimento, lança-se mão aqui de um trecho um

⁴⁸ *O Pão*, 15/11/1895. p. 7

pouco longo da apresentação da obra de Juvenal Galeno, *Folhetins de Silvanus*, publicado pela Universal em 1891:

Em vista, pois, do grande merecimento dessas satyras, transcriptas em muitas folhas do paiz; na esperança, ou certesa de prestar um valioso serviço às pátrias letras, emprehendemos dar-lhes uma edição definitiva, com autorisação do autor, que generosamente prestou-se a auxiliar-nos nesse proposito.

Publicadas, como foram, em folha diária, difficillimo se torna já hoje o leitor compulsar colecções para re-le-as, ou ter dessas satyras uma ideia mais exata. Reunindo-as em volume remediaremos o inconveniente, e prestamos muito util serviço ao público leitor, a quem, de resto, nada temos a pedir em favor da obra do eminente poeta, pois estamos convencidos de occorrer a uma necessidade daqueles que felizmente ainda não desamam as boas coisas da inteligência.⁴⁹

Esses são os parágrafos finais da apresentação do livro que vem assinada como *Os Editores*. Observa-se que eles elogiam o autor, o já consagrado Juvenal Galeno, e a grandeza da obra para justificar a publicação em forma de coletânea das "satyras". Acreditam estar fazendo um real benefício às letras, tanto que o próprio autor os auxilia na execução da tarefa e que estão também prestando um grande favor aos leitores pondo os contos, antes espalhados em forma de volume único, que estão atendendo a uma "necessidade", cumprindo seu papel e que o lucro advindo com a obra, que custava 2\$000 cada exemplar, era apenas consequência do cumprimento do dever com as letras.

O livro de Galeno foi apenas uma das várias obras publicadas em Fortaleza durante a última década do século XIX, diversos autores tiveram seus livros impressos, seja diante do apoio das entidades literárias, através das práticas de mecenato ou por esforço próprio. O fato é que esse período foi fértil para as Práticas Letradas em geral e essa fertilidade pode ser representada, no que concerne à literatura, pela variedade de obras editadas.

Após um levantamento realizado em várias instituições da cidade, foi catalogada uma boa quantidade de obras, tendo em vista o período histórico em questão, são romances, novelas, contos, uma riqueza de formatos e temáticas. Puderam ser observados os autores com maior número de publicações e as tipografias que mais editavam os livros dos autores locais, que melhor cumpriram seu papel de intermediários da literatura. Foi possível ver também quais dentre as agremiações literárias teve maior quantidade de membros com obras

⁴⁹ GALENO, Juvenal. *Folhetins de Silvanus*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1891.

publicadas, já que o ideal de fortalecer as letras cearenses era ponto comum entre elas. O levantamento realizado proporcionou a elaboração de uma tabela que contempla os itens citados acima: autores, obras e tipografias.

Tabela 3: Listagem das obras publicadas em Fortaleza entre 1890 e 1900

Autor	Obra	Ano de publicação	Tipografia	Exemplares
Álvaro Martins	Pescadores da Thayba	1895	Typ. Universal	Não informado
Antônio de Castro	Versos	1894	Typ. Universal	Não informado
Antônio Sales	Versos Diversos	1890	Typ. De José Lino	Não informado
Antônio Sales	Trovas do Norte	1895	Typ. Universal	Não informado
Barbosa de Freitas	Poesias	1892	Typ. Universal	Não informado
Eduardo Saboya	Contos do Ceará	1894	Typ. Universal	1.000- 1º ed.
Emília de Freitas	A Rainha do Ignoto	1899	Typ. Universal	Não informado
Emília de Freitas	Canções do Lar	1891	Typ. Rio Branco	Não informado
Fernando Weyne	Miudinhos	1895	?	Não informado
José Carvalho	Perfis Sertanejos	1897	Typ. Universal	Não informado
Juvenal Galeno	Lendas e canções populares	1892	Gualter R. Silva -Editor	Não informado
Juvenal Galeno	Folhetins de Silvanus	1891	Typ. Universal	Não informado
Lívio Barreto	Dolentes	1897	Typ. Universal	Não informado
Lopes Filho	Phantos	1893	Typ. Universal	Não informado
Pedro Moniz	Versos de Hontem	1896	Typ. Studart	Não informado
Raimundo Ulisses Pennafort	Monochromo	1900	Moderna	Não informado
Rodolfo Teófilo	A Fome	1890	Typ. A.J Teixeira. Porto. Ed. Por Gualter Silva	Não informado
Rodolfo Teófilo	Maria Rita	1897	Typ. Universal	1.000- 1ª ed.
Rodolfo Teófilo	Ciências Naturais em Contos	1890	Typ. Universal	Não informado
Rodolfo Teófilo	Os Brilhantes	1895	Typ. Universal	Não informado
Rodolfo Teófilo	O Paroara	1899	Typ. Moderna	1.000- 1ª ed.
Rodolfo Teófilo	Violação	1898	Typ. Minerva	Não informado
Rodrigues de Carvalho	O Coração	1894	Typ. Universal	Não informado
Rodrigues de	Prismas	1896	Typ. Universal	Não

Carvalho				informado
Sabino Baptista	Floccos	1894	Typ. Universal	Não informado
Sabino Baptista	Vagas	1896	Padaria Espiritual Editora	Não informado
Themístocles Machado	A Esmola	1900	Typ. Atelier Louis	Não informado
Themístocles Machado	Mirtos	1897	Typ. Universal	Não informado
Ulisses Sarmiento	Clamydes	1894	Typ. Universal	Não informado
Xavier De Castro	Chromos	1895	Typ. Universal	Não informado

Fonte: As próprias obras disponíveis nas instituições de pesquisa; GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Bibliografia cearense: Séculos XIX e XX.** - Fortaleza; ABC Editora, 2001.

As obras presentes na tabela acima podem não representar a totalidade dos livros de literatura de autores cearenses publicados em Fortaleza, já algumas obras que foram possivelmente publicadas não foram encontradas, outras com publicação confirmada também não foram localizadas em nenhuma instituição de pesquisa.

A busca pelas obras teve como ponto de partida o primeiro volume da obra de Valdelice Girão, *Bibliografia Cearense*, no qual a autora faz um mapeamento das obras de autores cearenses publicadas entre os anos de 1825 e 1930. No entanto, apesar de ser um documento valiosíssimo para os estudiosos do livro no Ceará, e constituído a partir de extensa pesquisa realizada pela autora, só foram considerados para este trabalho as obras cujos exemplares foram encontrados nos institutos de pesquisa, com exceção da obra *Miudinhos* de Fernando Weyne que, embora não tenha sido encontrada durante a pesquisa teve sua publicação confirmada a partir da listagem de obras publicadas pelo Centro literário constante na contracapa do Livro de Pedro Moniz, *Versos de Ontem*. Não há indicação da tipografia responsável pela impressão da obra de Weyne (por isso a presença da interrogação no campo "Tipografia" na tabela), mas supõe-se também ter sido a Universal, já que todos os livros dos membros do Centro Literário catalogados foram impressos por essa tipografia.

Houve casos de livros encontrados que não constavam do estudo de Girão, como é o caso de *Maria Rita*, de Rodolfo Teófilo, além de obras cuja autora não identifica a cidade da publicação e a tipografia responsável e que no levantamento deste trabalho foram encontradas

com todas as informações na *imprenta*⁵⁰, como é o caso das obras *A Rainha do Ignoto* de Emília de Freitas e *Versos Diversos* de Antônio Sales.

E por falar no autor d'*A Fome*, ele é o líder no *ranking* dos autores que mais publicaram, com 5 obras confirmadas⁵¹. Em seguida, com 2 obras cada aparecem Antônio Sales, Juvenal Galeno, Rodrigues de Carvalho, Sabino Batista e Temístocles Machado. Dos demais autores, figuram apenas uma obra, destaque para Emília de Freitas que juntamente com Francisca Clotilde obteve destaque no meio letrado à época dominado pelos homens.

Convém destacar também a tiragem das obras, um aspecto importante, mas que infelizmente não foi possível levantar em todas as obras pelo fato de não haver essa informação nas mesmas e nem um outro documento que contenha essa informação foi encontrado. Todavia, 3 obras destacavam sua tiragem, talvez por ter sido de fato, algo singular para o período, pois *Contos do Ceará*, de Eduardo Saboya, *O Paroara* e *Maria Rita*, ambos de Rodolfo Teófilo, tiveram suas primeiras edições constando de 1.000 exemplares, uma grande aposta dos editores convencidos do talento dos autores para criar histórias de venda certa.

Com relação às tipografias, é visível a superioridade da Universal em número de publicações. De propriedade da firma Cunha Ferro e Cia., suas oficinas foram responsáveis pela maioria das publicações de agremiações como a Padaria Espiritual e o Centro Literário. Gualter Silva aparece como editor d'*A Fome* de Rodolfo Teófilo e das *Lendas e Canções Populares* de Juvenal Galeno. No caso do livro de Teófilo, este foi impresso em Portugal, mas todo o processo de edição e preparação para venda foi feito por Gualter Silva.

A Studart também aparece publicando obras de autores locais, essa tipografia ganhou destaque, principalmente na segunda metade da década de 1890. Além de livros, imprimia também documentos governamentais e jornais, tendo impresso vários números d'*O Pão* e a partir de 1894 ficou responsável pela impressão da *Revista do Instituto do Ceará* que antes era de responsabilidade da Econômica, fato que não causa estranheza sendo a Studart de propriedade do Barão de Studart, sócio fundador do supracitado instituto.

⁵⁰ Entende-se por imprenta toda a parte inferior do título de um livro, compreendendo o nome da cidade em que foi impresso ou editado, o nome do impressor ou editor, seu endereço e a data ou milésimo do aparecimento do volume. Cf.: MARTINS, Op. cit., p. 285.

⁵¹ Lembrando que neste trabalho são consideradas apenas as obras de cunho literário. Rodolfo Teófilo é dono de uma extensa produção que além das obras de literatura também conta com as publicações científicas, tais como *Monografia da Mucunã e Variola e vacinação no Ceará*.

Na grande maioria das *imprentas* analisadas consta apenas o nome da tipografia responsável pela impressão, apenas algumas, especialmente aquelas ligadas à Padaria Espiritual vêm com indicação de editor, no caso *Padaria Espiritual Editora*. Sabe-se, no entanto, que muito do trabalho realizado com os originais das obras e a preparação anterior à impressão também eram realizadas pelos próprios sócios das tipografias que exerciam o papel de editor - impressor, como era o caso de Gualter Silva e dos proprietários da Cunha Ferro e Cia. firma proprietária da Universal.

A leitura da tabela acima permite perceber então, que as maiores tipografias da cidade imprimiram ao menos uma obra cada e que os autores não eram tão fiéis a uma ou outra oficina, mesmo se a agremiação da qual fizesse parte tivesse preferência por alguma oficina.

Observa-se que embora haja uma maior presença de livros de poesia, também se encontram outras variedades como romances e contos. Nesse momento optou-se por fazer uma análise mais quantitativa dessa produção livreira apresentando sobretudo, as tipografias mais requisitadas pelos autores para executar a impressão de suas obras.

Faz-se necessário também analisar o impacto da entrada dessas obras no campo literário fortalezense, de que maneira foram recebidas pelos letrados, que críticas receberam, o quanto foram anunciadas. É importante destacar também os assuntos mais presentes nos livros, as fórmulas editoriais de sucesso, que faziam um livro ter mais destaque que outro e tornar-se uma grande aposta dos editores. Esses aspectos serão abordados no próximo capítulo deste estudo.





"Não me assusta a crítica sincera dos que, sem prevenções malévolas, pautadas pela justiça, me fizeram enxergar defeitos reais que minha ignorância, ou meu descuido, não pôde ver: mas, embora receie a rivalidade imprópria das almas grandes, do verdadeiro talento, não recuarei. De ouvidos cerrados, seguirei desassombrada no dificultoso caminho da Literatura Pátria."

Emília de Freitas

4 BIBLIOTECA VISITADA: A RECEPÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS NOS MEIOS LETRADOS

Este terceiro e último capítulo abordará a recepção de algumas das obras apresentadas no levantamento realizado no capítulo anterior, bem como os temas mais presentes nas obras catalogadas. Para a primeira parte do capítulo, observou-se a repercussão às publicações no meio literário de Fortaleza através da análise da crítica e propaganda presentes em periódicos, sendo esses literários ou não, e da observação dos prefácios e outros textos auxiliares das próprias obras, ricos em comentários de autores de destaque local e nacional. Para a realização do segundo intento do capítulo, fez-se necessária a análise de algumas obras selecionadas, buscando apresentar os temas que mais deram destaque aos autores, seja por sua estranheza ou serem por demais comuns, procurou-se ver também a relação entre alguns dos aspectos abordados nas obras e a realidade social vivida pelo autor. Para esse segundo momento diversas obras foram selecionadas, no entanto cada uma por um motivo diferente: quantidade de exemplares publicados, relevância de seus autores e outras também foram escolhidas devido ao tema ser inédito ou polêmico para o período em questão.

4.1 "LI DE UM FÔLEGO SÓ": OS LETRADOS JULGAM SEUS PARES.

No capítulo anterior foi apresentado o levantamento das obras publicadas em Fortaleza por meio da catalogação das mesmas nos institutos de pesquisa. A partir desse momento, buscar-se-á verificar a receptividade destes livros no meio letrado local, sobretudo as críticas às obras e seus autores feitas por seus pares e que estão presentes nas revistas e jornais literários em circulação no período.

Cabe destacar que ter uma ou mais obras publicadas era o desejo maior daqueles que almejavam um lugar de importância no meio literário local, era importante ser reconhecido pelo trabalho com as letras, reconhecimento que na maioria das vezes não vinha acompanhado de recompensa financeira, mas já era satisfatório mediante a consideração do valor literário daquilo que foi escrito.

Vários dos autores cujos trabalhos foram citados anteriormente obtiveram reconhecimento tanto de outros autores como da sociedade em geral e desfrutaram de certo prestígio social, já outros, embora com obras de boa repercussão não tiveram a chance de se verem prestigiados. Tais foram os casos de Lívio Barreto e Xavier de Castro respectivamente, com seus livros *Dolentes* e *Chromos*, publicados postumamente. Esses autores não viveram para ver seu sucesso, mas viveram para sempre em suas obras, o que não deixa de ser um dos grandes objetivos de quem se dedica à literatura, viver para sempre em seus livros, não antes, no entanto, de ser conhecido por multidões em vida.

Não é inteiramente evidente por si mesmo, hoje em dia que a tipografia iria ser, ao mesmo tempo, o instrumento e a oportunidade para o individualismo e a auto-expressão pessoal na sociedade.[...] Mais óbvio, entretanto, é o fato de ser a publicação impressa o meio direto para conduzir á fama e à perpetuação do nome. Pois, até o advento do filme moderno, não havia no mundo nenhum meio que se comparasse ao livro impresso. A cultura manuscrita não alimentou grandes ideias nesse setor. O livro impresso alimentou. (MCLUHAN, 1972, p. 184)

Sendo então o livro, além de mercadoria, objeto para a promoção social do autor, era mais que pertinente que seu livro fosse aprovado por seus pares, que fosse considerado de qualidade e propagandeado em todos os meios possíveis na cidade e além, e o meio possível para essa promoção na década em estudo é o impresso, a imprensa escrita, sobretudo a literária.

Convém lembrar, no entanto, que muitos livros foram publicados e muitos autores reconhecidos devido à ação das agremiações literárias existentes na cidade no final dos oitocentos, já que é sabido que elas tinham como um de seus objetivos principais a propagação das letras tendo por base a publicação de livros dos seus membros. Tendo as agremiações cumprido seu intento, observou-se que uma delas obteve um destaque maior, inclusive constituindo substancial biblioteca com as obras publicadas por seus membros, trata-se da Padaria Espiritual.

O supracitado grêmio cujas informações acerca de sua fundação, membros e funcionamento já foram dados acima, destacou-se ao publicar mais de uma dezena de obras

dos seus membros, tendo seus esforços nesse setor sido reconhecidos além das fronteiras do Estado do Ceará, conforme indica a fala do poeta Raimundo Correa n'*O Pão*:

Quem conhece as dificuldades com que ainda se luta n'este paiz para dar a publicidade um livro, pode avaliar quanto é audacioso o commettimento que se propoz a *Padaria Espiritual* de editar tantas obras em tão curto espaço de tempo.

[...]

Ora, confessemos que editar livros na província e, mormente livros de litteratura, que não tem cotação no mercado local, é o que se pode chamar verdadeiramente uma empreza de loucos. Por parte dos moços da *Padaria Espiritual*, que se abalançam a tanto, é preciso de certo essa rara coragem que só uma forte fé será capaz de sustentar, um nobre desinteresse e ao mesmo tempo uma grande confiança no futuro, que só o coração da própria mocidade será capaz de nutrir. O caso é que a *Padaria Espiritual* já começou a desempenhar a promessa feita, publicando as *Trovas do Norte*, cento e cinquenta e tantas páginas de esplendidos versos de Antônio Salles e, como todo o prometido é devido, os outros livros anunciados não se farão esperar muito.⁵²

Essas palavras de um dos maiores representantes do "parnasos brasileiro" confirmam a importância da atitude dos "padeiros espirituais" diante da realidade ao que marcava a publicação de obras literárias no Brasil. Os próprios membros do grêmio viam o incentivo à publicação como um fator representativo do grupo, tanto que o citam quando respondem à ideia noticiada por Magalhães Lima (colaborador da *Mala da Europa*) de que a Padaria estava entrando em decadência.

A Padaria Espiritual é ainda bastante jovem para já ter chegado à phase da decadência e, a despeito das perdas que tem soffrido por morte de alguns de seus obreiros, continúa a trilhar corajosamente a senda que traçou no dia de sua fundação.

No primeiro semestre desse anno editou duas obras - *Os Brilhantes* e as *Vagas*, tem a sahir do prélo nestes dias os *Dolentes*, de Lívio Barreto, e, si Deus não nos faltar com a sua boa vontade, ainda este anno entrará em composição algum dos diversos trabalhos que estão soffrendo os últimos retoques em mão de seus respectivos autores, companheiros nossos.

Ha de concordar Magalhães Lima que uma decadência tão fecunda como esta vale bem a florescencia das mais activas associações congeneres.⁵³

Observa-se então que a prova de que a agremiação estava trabalhando com afinco era que cumpria sua "senda", sua missão de publicar livros. Mas os padeiros não só se esforçavam para promover a publicação de obras como também comentavam e criticavam textos de autores, contemporâneos seus, fazendo eles ou não parte de seus quadros. Essas análises literárias também eram realizadas pelos membros do Centro Literário e da Academia

⁵² CORREA, Raimundo. *Padaria Espiritual* In: *O Pão*. 15/08/1895, p. 6

⁵³ Recados. In: *O Pão*. 15/08/1896, p. 5.

Com a leitura da propaganda acima é possível perceber que o romance era aguardado e que após a publicação que favoreceria a leitura mais profunda o livro mereceria outra crítica, seria melhor avaliado se pudesse "mais devagar dizer sobre seu merecimento". O anúncio, ao conter já uma pré- avaliação da obra busca despertar a curiosidade do leitor enaltecendo as qualidades da escrita científica do autor, sobretudo ao apresentar as cenas mais cruéis da vivência dos migrantes ao dizer que o leitor "hade muitas vezes deixar cair o livro das mãos sacudidas pelo horror daquelas cenas", compararam também o livro de Teófilo às obras de um autor referência nos contos de terror dizendo que para prever do que se tratava *A Fome* era só imaginar os contos de Edgar Allan Poe "ligados logicamente para formar uma história única", enfim, cria uma grande expectativa em torno da obra.

Essa expectativa e o grande entusiasmo em torno da obra foram vistos como exagerados por alguns contemporâneos, como é o caso de Adolfo Caminha. O agora ex-membro da Padaria Espiritual julga o livro do conterrâneo valoroso para a literatura nacional, mas sem grandes qualidades que justifiquem o alarde em torno dele, para Caminha, Rodolfo Teófilo:

[...] que é nortista e sempre residiu em sua terra, que assistiu *de visu* todas aquelas cenas canibalescas e incríveis de miséria e de fome, não conseguiu dar senão páginas sem estilo, sem arte, sem verdade às vezes, e eu diria sem interesse, se a grandeza do assunto, a própria essência da obra não nos obrigasse a ler todo o livro, pondo de parte sua feição literária. (CAMINHA, 1999, p. 114)

A forte crítica feita pelo autor de *A Normalista*, se foi feita com o intuito de atingir profundamente os brios literários do colega autor, parece que obteve sucesso, pois tão logo o volume contendo as críticas de Caminha foi publicado em 1895, o padeiro respondeu-lhe por meio do periódico da Padaria Espiritual:

De todas as injustiças que o Sr. Caminha faz a *Fome* a que mais me doeu e me revoltou mesmo foi a *falta de verdade* nas cenas que descrevo.

Tenho consciência do contrário; percorri os abarracamentos, ouvi com grande atenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter fotografado no meu livro não todos os episódios dessa angustiosa época, porém os que julguei mais extraordinários sob o ponto de vista das misérias humanas.⁵⁴

Como se vê, o autor não admite ter julgada como falsa a verossimilhança das situações descritas em seu livro com a realidade pesquisada por ele baseados em procedimentos que

⁵⁴ TEÓFILO, Rodolfo. Cartas Literárias. In: *O Pão*. 15/10/1895, p. 4.

podem ser até mesmo científicos, tendo por base sua formação médica. No entanto, não foi só Caminha que referiu à falta de verossimilhança de Teófilo em suas obras. Rodrigues de Carvalho em crítica publicada na *Revista da Academia Cearense* também atenta para essa falha, porém em outro romance, *Maria Ritta*, que foi possivelmente uma das grandes apostas dos editores que veio a lume com a tiragem de 1000 exemplares. Todavia, para o crítico da Academia Cearense, apesar de ser um bom romance e representar o talento do autor para as letras, o livro possui vários problemas tais como "[...] o descuido da linguagem, a despreocupação do estilo e muita inverossimilhança, observação e análise"⁵⁵, o que para ele é comum às obras do médico, mas esse não é o único ponto negativo do livro, para Carvalho:

O "*Maria Ritta*" (porque não *Maria Rita*?) é, talvez, o que mais accentuadamente vem mostrar os dons de imaginação do fecundo escriptor cearense, e ao mesmo tempo o abuse desses dons, que muitas vezes tocam ao ridículo.

Rodolfo não compenetra-se no verdadeiro papel do romancista, que é observação exacta, analyse sem exaggeros, simplicidade no entrecho, tudo coma a resultante de uma epocha, que no romance deve ficar estudada e perpetuada. O *Maria Ritta* está fora dos moldes dos romances de analyse, é destituído de todos os requisitos próprios do romance atual que é a psychologia das sociedades; e, se bem tenha pretensões a estudar "episódios do Ceará Colonial", não prima por este lado, pois a falta de côr local, de contemporaneidade de factos e individuos desfiguram a cada passo o intuito do operoso escriptor.⁵⁶

O crítico acusa o autor de não atender os moldes "próprios do romance atual", ou seja, não estar dentro da estética do Realismo ou mais marcadamente do Naturalismo⁵⁷, escolas marcadas pela intensa análise psicológica e social das personagens, além dessa falha, são citados também erros de caráter histórico, gramaticais e a falta de estilo do autor. As críticas e, sobretudo, o ato de rebatê-las, bem como a tentativa de descredenciar um colega autor, indicam os embates presentes no campo literário (BOURDIEU, 1996), são exemplos destas disputas, as críticas feitas ao autor de *Maria Rita*.

⁵⁵ CARVALHO, Rodrigues de. *Maria Ritta*. In: *Revista da Academia Cearense*. T.3. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, p. 243

⁵⁶ Idem, Ibidem, p. 244.

⁵⁷ "No quadro geral da ficção produzida nessa época, impõe-se diferenciar a tendência realista da naturalista, partindo da observação de que se distinguem mais em grau e acidente que em substância, dado que se fundamentam nas mesmas bases científicas e filosóficas, mas discrepam no modo como as exploram." (MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. II. 2ª ed. - São Paulo: Cultrix, 2004, p. 25.). Embora Rodrigues de Carvalho afirme estar Rodolfo Teófilo, fora dos padrões das escolas citadas, Massaud Moisés na obra citada acima o inclui, juntamente com Adolfo Caminha, Oliveira Paiva, Papi Jr., Domingos Olímpio e Antônio Sales entre os principais representantes do Realismo/Naturalismo brasileiro, o que demonstra a riqueza e o destaque da literatura cearense nessas Escolas.

Por outro lado, elogios não faltam por parte dos seus colegas da Padaria Espiritual que não deixaram de salientar o talento de Rodolfo Teófilo e propagandear suas obras mesmo antes de publicadas, como se pode perceber nos excertos abaixo:

I

O nosso estimado consórcio Rodolpho Teophilo acaba de contratar com os Srs. Cunha Ferro & C^a. a publicação do seu importante romance *Os Brilhantes* ha muito anciosamente esperado e discutido em nosso meio literário.

É o caso de darmos parabéns não só aos leitores como às letras cearenses pela aquisição de mais essa joia brotada da penna fecunda de Rodolpho.⁵⁸

II

Entraram também para o prelo *Os Brilhantes*, romance do nosso presado consocio Rodolpho Teophilo.

Os Brilhantes são a impressionante e sanguinolenta historia do celebre assassino Jesuíno Brilhante, sua família e seus sequazes.

Tendo estudado profundamente o assumpto, poude Rodolpho Teophilo traçar com mão firme a psicologia do Jesuino e tirar magníficos efeitos dos lances tragicos da sua vida.⁵⁹

III

Acha-se concluida a impressão do 1º volume d'este romance de Rodolfo Teophilo.

O livro terá uma bella capa desenhada pelo Sr. Paulo César, intelligente artista da Litographia Cearense.

Vae muito adiantada a impressão do 2º volume.⁶⁰

Observa-se nos trechos acima que os padeiros propagandeavam da maneira mais positiva a obra do colega, inclusive referindo-se de maneira contrária ao critico anterior com relação ao apreço dado pelo autor à verossimilhança em suas obras. Outro ponto que se pode observar é o fato de a Padaria Espiritual acompanhar de perto o processo de publicação das obras de seus membros, desde o início da escrita, da entrega dos originais à chegada do livro nos pontos de venda. Isso foi comum com várias obras, além d'*Os Brilhantes* pode se dar o exemplo do livro *Chromos* de Xavier de Castro.

I

Entraram para o prélo os formosos versos do nosso malogrado collega X. de Castro, esses encantadores Chromos que tanto realce davam á nossa revista.

As listas para assignaturas expostas nas livrarias e outros logares foram cheias promptamente e com a maior espontaneidade, podendo considerar-se esgotada a edição que se pretendia tirar.⁶¹

⁵⁸ Carteira. In: *O Pão*. 15/05/1895, p. 6.

⁵⁹ Idem, ibidem. 15/06/1895, p. 6.

⁶⁰ Idem, ibidem. 01/11/1895, p.7

II

Este livro do nosso inolvidavel Xavier de Castro, o idolatrado companheiro cuja perda nunca lamentaremos bastante, acaba de ser posto à venda e distribuido pelos assignantes.

Dirigiu os trabalhos da edição o nosso chefe José Carlos Junior, que não poupou esforços para que os *Chromos* tivessem o extraordinário sucesso que tiveram, esgotando-se em três ou quatro dias toda a edição e tornando-se por isso necessário tirar uma segunda, que já está começada.

Este facto, virgem em nossa terra e raríssimo em qualquer outra parte de Brasil, denota claramente a extrema sympathia e popularidades de que gosava Xavier de Castro.⁶²

Tendo sido uma edição póstuma, a publicação do *Chromos* era mais que uma obrigação para os padeiros, uma dívida para com o colega, uma homenagem, por isso talvez tamanha empolgação com a venda e o surpreendente fato de ter a edição esgotada antes da venda física. Não é possível saber, no entanto qual o verdadeiro impacto do esgotamento da edição dentro da realidade das letras cearenses, tendo em vista não ter sido possível determinar a quantidade de exemplares impressos, ou seja, a obra pode ter esgotado rapidamente por terem sido poucos exemplares impressos, mas esse fato pode ter causado euforia nos padeiros, pelo simples fato de o pouco ser o comum diante do quadro das letras em Fortaleza.

Outro autor cujas obras tiveram boa recepção foi, com certeza, Antônio Sales. Os primeiros livros por ele publicados vieram a lume na última década do século XIX e também foram analisados e anunciados por seus contemporâneos, como foi o caso da obra *Versos Diversos*, que aparece sendo deveras elogiada em crítica publicada no *Cearense*:

Li de um folego, sem enfado, os "Versos Diversos": encantam os embates da musa do poeta, tumidos de imagens de cristalinidade stalactítica, tratadas com uma dicção espontanea, natural, agradável.

[...]

A alma do livro é toda feita de sentimentos amorosos mesclada levemente por algum thema que lhe proporciona a natureza na agudeza de que podem se revistir seus quadros e que o poeta envolve numa fórmula toda ressentida de comparações, ora frágeis, ora valiosas enriquecidas de uma terminologia toda franca e thecnica.⁶³

⁶¹ Carteira. In: O Pão, 15/07/1895. p. 6

⁶² Idem, ibidem. 15/09/1895. p. 7

⁶³ Sciencias e Lettras. In: O Cearense, 25/12/1890. p. 2

As palavras escritas por Thiago Ribas⁶⁴ demonstram grande admiração por Sales e sua literatura afirmando estar o Ceará, desde Alencar, esperando por obra de tal inspiração, no entanto também, critica sonetos que claramente foram não só inspirados, mas também copiados, não em conteúdo, mas em forma e estilo de obras de escritores como o português Guerra Junqueiro⁶⁵, autor bastante conhecido à época. No entanto, o que prevalece são os elogios ao autor.

Convém salientar que tão importante quanto sua qualidade, a boa recepção da obra também depende do seu autor, mais precisamente da sua atuação no campo literário, das redes de sociabilidade que conseguiu formar, e nesse sentido Antônio Sales foi indiscutivelmente bem sucedido, atuando e mantendo boas relações nos círculos sociais que frequentou tanto em Fortaleza quanto no Rio de Janeiro.⁶⁶ As boas relações de Sales podem ser visualizadas no trecho abaixo referentes à publicação do livro *Trovas do Norte* retirado d'*O Pão*:

Vae enfim a saciedade publica ser satisfeita com o apparecimento do primoroso livro de poesias do nosso caro collega Antônio Salles. Amanhã (2) será o volume das Trovas do Norte exposto á venda em todas as livrarias desta capital e distribuido pelos subscriptores aqui residentes.

A Padaria Espiritual celebra este jubiloso acontecimento com um jantar de 25 talheres, offerecido ao poeta, no qual serão representadas a imprensa e as diversas corporações literárias desta capital.⁶⁷

Em edição seguinte, o jornal se reporta a realização do dito jantar e às personalidades que a ele compareceram:

Com um modesto mas scintilante e jovialissimo banquete festejou a Padaria Espiritual, no dia 2 do corrente, o apparecimento das *Trovas do Norte* de Antônio Salles.

Estiveram presentes o Dr. Justiniano de Serpa, pelo Diário do Ceará, Dr. Farias Brito, pela Academia Cearense, Padua Mamede, pelo Centro Literário, e quasi todos os padeiros residentes nesta capital.

Trocaram-se amistosas saudações, tornando-se notável o brinde erguido por J. de Serpa à mãe do poeta.⁶⁸

⁶⁴ Supõe-se tratar-se de Thiago Ribas, cearense de Granja que seguiu carreira como militar, mas também atuou como jornalista. Morreu em missão no Pará em 1895. Cf.: STUDART, Barão de. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. Ed. Fac-símile-Fortaleza UFC, 1980.

⁶⁵ Guerra Junqueiro (1850-1923) foi um dos grandes representantes da literatura portuguesa. Formado em Direito em Coimbra, também colaborou com a causa republicana em Portugal. É mais conhecido como poeta, embora tenha algumas publicações em prosa. Dentre algumas de suas obras estão *A Morte de São João*, *A Musa em Férias*, *Pátria*, *Contos para a infância* e *Os Simples*. Cf.: MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. - São Paulo: Cultrix, 2008.

⁶⁶ Além de ter sido um dos fundadores da Padaria Espiritual e do Centro Republicano, Sales também foi caixeiro e funcionário público e no funcionalismo esteve em vários cargos como intendente de socorros públicos, diretor da Secretaria da Assembleia, Secretário de Estado dos Negócios do Interior entre outros, atuou em Fortaleza, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Cf.: STUDART. Op. Cit.

⁶⁷ Carteira In: *O Pão*, 01/04/1895. p.6

É possível perceber na leitura dos trechos acima, que Sales conseguiu reunir em torno de si diversos nomes importantes das letras da cidade, percebe-se também a interação entre os grupos letrados tendo ao menos os mais destacados na época, Centro Literário e Academia Cearense, enviado representantes para prestigiar o momento do colega autor, além da presença da imprensa representada pelo *Diário do Ceará*.

Essa interação entre as agremiações também se relacionava com as obras publicadas por seus membros. Rodrigues de Carvalho, membro do Centro Literário, o mesmo que teceu comentários sobre as obras de Rodolfo Teófilo também teve seus livros comentados por seus pares, tanto por um padreiro como por um membro da Academia Cearense.

O livro resenhado n'*O Pão* foi *O Coração* de 1894. Abaixo a crítica constante na sessão Bibliografia:

Acaba de sahir à luz este traballho literário cujo producto é destinado a auxiliar nas obras do monumento a J. de Alencar.

Foi boa a impressão que nos causou a leitura d'*O Coração*, onde ha formosos alexandrinos e brilhantes imagens.

Notamos, entretanto, que o poemeto não tem plano definido, ressentindo-se de uma certa heterogeneidade de concepção.

[...]

Quanto ao mais, é *O Coração* uma bonita amostra do talento poético do Sr. Rodrigues de Carvalho, com o qual nos congratulamos.⁶⁸

Além d'*O Coração*, outro livro de Carvalho que teve boa repercussão foi o *Prismas*, o qual, juntamente com seu autor, foi avaliado por uma comissão da Academia Cearense. Àquele tempo, tal como hoje, era comum um letrado fazer parte de mais de uma agremiação, havia nomes que compunham os quadros da Padaria Espiritual e do Centro Literário concomitantemente, como era o caso de Rodolfo Teófilo. Assim sendo, Rodrigues de Carvalho, que já era membro do Centro Literário, pleiteou uma vaga entre os participantes efetivos da Academia Cearense e para consegui-la tinha que passar pelo crivo dos demais membros, conforme previsto nos estatutos da agremiação, ou seja, o autor tinha que comprovar ter escrito algo e de qualidade. Logo, o *Prismas* foi a obra posta para avaliação conjunta com seu autor sobre os quais foi dito:

A Comissão de litteratura e artes da "Academia Cearense"— em o cumprimento de dever—vem gostosamente dar opinião sobre os Prismas—

⁶⁸ Idem, Ibidem.15/04/1895, p.6

⁶⁹ Bibliografia In: *O Pão*, 01/02/1895. p. 5

livro com que o Sr. Rodrigues de Carvalho se apresenta candidato á vaga na mesma sociedade.

[...] O Sr. Rodrigues de Carvalho devota-se todo âteiro ás letras. As suas horas úteis — o tempo para o pão — são a ellas consagradas — é o trabalho do offício, a ellas são também destinadas as horas do lazer — é o trabalho da diversão. Absorvem-no as letras de cambio e as bellas letras. Ao labor mercantil allia as locubrações litterarias.

[...]

Rodrigues de Carvalho — ao enveredar-se na difficil teia da vida, escravizado aos "diversos a diversos", emmaranhado nas cifras do "Caixa" — não sente a imaginação esvaecer-se, pelo contrario ou por isto mesmo— tem-na aprimorado pela regra, disciplinado pela correccão.

A comissão leu cuidadosamente os *Prismas* e opina que são prismados de elevação de idéas, de poesia sadia.,do pathos—que faz o poeta.

A sua poesia intima, a sua poesia do lar é captivante e sentida, singela e commovida. Os versos a sua Mãe, e a seu filho, a sua filha morta, brotam espontâneos da alma do poeta.

Pelo que fica exarado conclue a comissão — que os *Prismas* do Sr. Rodrigues de Carvalho preenchem as exigencias do artigo 6º da Lei Organica da Academia Cearense.⁷⁰

Após ser aceito como membro da Academia Cearense, Rodrigues de Carvalho será atuante no grupo e produzirá vários artigos para sua revista incluindo os de crítica literária, um dos quais, referente a obras de Rodolfo Teófilo foram apresentados acima. O autor do *Prismas*, também compôs críticas aos livros de Pedro Moniz e Themistocles Machado, ambos seus colegas no Centro Literário.

A respeito dos *Versos de Ontem* e seu autor Pedro Moniz Carvalho tece as seguintes considerações:

[...] tratando-se de um moço de talento, com vocação poética, seriam as nossas palavras em outro tom, seriam palavras de estímulo, se existisse ainda o auctor do livrinho em questão; em quanto que, com o seu fallecimento, só podemos render um preito á sua memória de litterato esperançoso e trabalhador.

Ô livro de Pedro Moniz tem defeitos próprios de uma estreia, mas tem sentimento, abundância de rimas e algum esmero de forma.⁷¹

Já acerca do companheiro Themistocles Machado e seu *Myrtos*, essas foram as palavras do crítico:

⁷⁰ Parecer nº 4. *Revista da Academia Cearense*. T.2. - Fortaleza; Tipografia Studart, 1897.p. 35-37.

⁷¹ CARVALHO, Rodrigues de. Versos de Hontem. In: *Revista da Academia Cearense*. T.3. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, p. 247.

O Sr Themistocles Machado tem sabido recomendar-se aos que neste paiz occupam-se de, estudando o meio litterario Brasileiro erguer do anonymato talentos que ficarião ignorados sem a mão protectora dos competentes.

O "Myrtos" é uma brochura de 113 paginas, enfeixando versos harmoniosos e sentidos, e com um prefacio do conhecido litterato Sr. Valentim Magalhães.

O escarneo da múmia, rebellado, viatico, e visita ao lar são jóias de fino quilate, onde a idéia allia-se com perfeição a forma.

Produções ha, porem, que a forma foi descuidada ocorrendo uma certa monotonia pela uniformidade das rimas, vocábulos muito repetidos, e falta de observancia no preceito que manda evitar as rimas de adjectivo com outro adjectivo, identidade de tempos dos verbos, etc.⁷²

As duas críticas acima, embora apontem falhas primárias cometidas por seus autores, acabam por simplesmente elogiar e indicar as obras como boa leitura, tornando ainda mais conhecidos seus autores, para além da cidade de Fortaleza, tendo em vista o costume das associações literárias de enviar seus periódicos para suas congêneres espalhadas pelo Brasil.

Finalizando este momento de dialogo com as críticas dispostas em periódicos apresenta-se a análise feita por Antônio Sales, sob seu pseudônimo de padeiro, Moacir Jurema, da obra do já ex-padeiro espiritual Álvaro Martins, *Pescadores da Thaiba*:

Foi com verdadeira ansiedade que folheamos este livro de Álvaro Martins, conhecido poeta cearense.

[...]

Conquanto não seja um artista impecável do verso, o autor dos Pescadores verseja com rara facilidade e sabe tirar bellos efeitos da linguagem das Musas.

[...]

Ha trechos encantadores no poema, muito embora ao par de descabidas que o talento do autor poderia ter evitado.

[...]

Temos ainda a observar que a imaginação do poeta trabalhou bastante para fazer da Tahyba o "lindo povoado" que nos descreve.

[...]

Tahyba, repetimos, é um simples rancho, e visto que o poeta estava disposto a fantasiar e não a copiar do natural, seria melhor que inventasse também um nome para o theatro do seu poema, que nem por isto deixa de ser um trabalho digno dos applausos que francamente aqui lhe damos.⁷³

Mais uma vez o que se observa é a parcimônia nos comentários do crítico, no mesmo parágrafo desfere as palavras bruscas apontando o que, a seu ver é um sério problema do livro

⁷² CARVALHO, Rodrigues de. Myrtos. Op. cit. p. 248.

⁷³ Bibliografia. In.: *O Pão*, 01/07/1895. p. 5

- no caso a total falta de verossimilhança com relação à localidade, foco do livro - e considera a obra "digna de aplausos". Nota-se que os defeitos, sejam eles estilísticos ou gramaticais, apontados nas críticas, acabam por serem considerados ínfimos ante o valor maior da obra publicada. Os críticos, em sua maioria membros das sociedades literárias que tinham como mote principal a propagação das letras, não deixariam que erros facilmente sanáveis diminuíssem o valor do esforço do autor e das próprias agremiações em conseguir publicar suas obras, sem, no entanto descuidar da forma, já que se observa o apreço pela qualidade da literatura produzida em Fortaleza.

O papel de crítico não é de todo fácil, sobretudo quando se está também do outro lado, o do escritos. Foi visto que a maioria daqueles que davam sua opinião sobre a obra de outrem, também tinha a sua sob o crivo de alguém. E esse processo de análise literária é por demais singular, já que a própria literatura é única, assim como cada leitor, sendo sua análise cheia de subjetividade.

Se não é possível ver a literatura como uma categoria "objetiva", descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízo de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem em última análise, não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros. (EAGLETON, 2006, p. 24)

A literatura e o que se escreve a partir dela e em sua referência estão relacionados com as experiências de grupo vivenciadas na sociedade e, sobretudo no campo literário. Os comentários, as críticas e as opiniões acerca de determinada obra e seu autor estão ligados às características inerentes ao campo literário e aos discursos propagados. Nele, os autores, por compartilharem vivências e valores acabam muitas das vezes uniformizando seus discursos visto que "[...] é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca." (FOUCAULT, 2008, p. 42).

Por pertencerem ao mesmo grupo e compartilharem por vezes as mesmas experiências, os escritores cearenses, tendo em vista as críticas apresentadas, tendem, mesmo desferindo comentários às vezes negativos, a enaltecer o esforço de seus pares e esse trabalho de enaltecimento não se dá apenas nas páginas dos periódicos, as próprias obras trazem

impressos os elogios, as apresentações formais ao público. São os prefácios grandes auxiliares na tarefa de observar a avaliação de um livro.

Além do texto propriamente dito, o livro contém uma série de outras informações que visa auxiliar ou complementar a leitura. E essas informações estão contidas no que Gérard Genette chamou de paratextos.

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2006, p. 9-10)

Mais que apenas simples acessórios editoriais, os paratextos são essenciais para a compreensão de uma obra e os prefácios, por exemplo, são ricos em dados que permitem não só ter uma prévia da obra a ser lida como contém em si uma relação de *hipertextualidade*, ou seja, toda relação que une um texto a outros, como no caso dos prefácios e das críticas, quando um texto se refere a outro pré-existente (GENETTE, Op. cit).

Assim, achou-se pertinente também analisar os prefácios de algumas das obras catalogadas com o intuito de, através deles, conseguir perceber o grau de recepção atingido pelo livro. Como primeiro exemplo, cita-se a obra de Juvenal Galeno *Folhetins de Silvanus*, publicada em 1891.

Todo mundo se recorda da impressão que, no público desta capital, produziram os folhetins de Silvanus. Todos se lembram daquela fina crítica dos nossos costumes, dos nossos hábitos, tão habilmente observados, tão espiritualmente descriptos.

[...]

E o mais notavel e que o feiticeiro, o diabolico Mephysto, que de tudo se ria, continuava occulto, n'uma ironia immensa, por detraz de um nome que era, por si só, uma philosophia inteira - Silvanus.

[...]

Soube-se afinal d'onde provinham estes folhetins: eram irmãos das Lendas e Canções Populares, da Lyra Cearense, das Scenas Populares; vinham da mesma fonte d'onde nasceram aquelas saudosas canções, assimiladas, com tanto talento e sentir dos singellos cantares do povo cearense.

O nome de Juvenal Galeno, do mais festejado poeta do norte, vinha confundir-se com o de Silvanus; e este facto era a confirmação de que aquella privilegiada intelligencia tinha o dom peregrino de assumir todas as formas da poesia, desde a lenda ingenua do sertanejo rude e do pesado

mesteiral, até os mais enaltecidos assomos da grande arte, de que só são capazes as mais valentes envergaduras.⁷⁴

Essa apresentação escrita pelos editores pretende apresentar o autor misterioso que anos antes havia agradado a muitos leitores com seus escritos no jornal *Constituição*, como sendo o já consagrado Juvenal Galeno, enaltecendo ainda mais sua figura e apresentando o livro como um presente aos leitores que agora terão reunidas em volume alguns dos melhores escritos do autor. Ao citar o nome de obras anteriores e de grande sucesso pretende-se alavancar as vendas do novo livro usando a reputação do escritor.

Essa reputação deu a Galeno reconhecimento nacional e por conta disso será preciso sair um pouco do meio letrado local para apresentar mais uma colocação acerca de uma de suas obras. Trata-se de um comentário feito por Machado de Assis publicado no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, transcrito para a apresentação da segunda edição de *Lendas e Canções Populares*, publicadas por sua vez em 1892.

As *Canções Populares* do sr. Juvenal Galeno são um ensaio feliz em muitos pontos; o autor mostra ter qualidade especial do genero; algumas das canções são bem escriptas, e todas originaes; o que o autor não parece cuidar com zelo e rigor é a versificação e a lingua; e se muitas das suas canções primam pela ingenuidade e verdade da expressão, outras ha que, postas na bocca d'um typo imaginado, exprimem apenas os sentimentos do auctor. Tal é, por exemplo, a canção do *Deputado*. O senador de Béranger devia estar presente aos olhos do autor do *Deputado*. Não sabemos se o genero poetico escolhido pelo sr. Juvenal Galeno terá muitos imitadores; a *canção* é um genero especial; para alcançar uma conveniente superioridade torna-se preciso ao sr. Juvenal Galeno estudar mais profundamente a lingua, e a versificação, e os modelos: o seu talento é um filho da natureza: cumpre à arte desenvolvê-lo e educá-lo. Taes são os nossos sentimentos; applauduindo a tentativa presente, aguardamo-nos para louvar-lhe as suas obras futuras.⁷⁵

Para a apresentação deste livro de Juvenal Galeno, o editor achou que seria interessante abrir a obra citando diversas opiniões acerca do livro feitas por aqueles que leram a 1ª edição, e assim suscitar o interesse dos novos leitores pela obra. O que se observa nas palavras do autor de *Dom Casmurro* é o mesmo que nas opiniões anteriores, apresentam-se os defeitos da obra, porém exaltando o trabalho do autor.

A maioria dos prefácios - que podem ter outras denominações como Cavaco, Algumas Palavras ou Duas Palavras, Ouvertura etc. - foram escritos por amigos próximos dos escritores, colegas de agremiação, o que faz com que nesses casos se observe apenas

⁷⁴ Cavaco. In.: GALENO, Juvenal. *Folhetins de Silvanus*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1891, p. 3-4.

⁷⁵ Juízos Críticos. In: GALENO, Juvenal. *Lendas e Canções Populares*. 2ª ed. - Fortaleza: Gualter R. Silva Editor, 1892, p. 26-27.

considerações positivas sobre os autores e suas respectivas obras. É o caso do livro *Versos* de Antônio de Castro prefaciado por Antônio Sales:

O meu amigo Antônio de Castro entrou-me ha dias, pelo gabinete sobraçando os autographos do seu livro de versos na obsequiosa porem embaraçosa intenção de pedir-me um prefacio para elles.

[...]

A amizade que me liga à presente geração litteraria do Ceará, a esses bravos rapazes que commigo fundaram a "Padaria Espiritual" faz com que eles exagerem o meu merecimento e me inhibe de recusar-lhes a minha companhia, que talvez lhes seja prejudicial, ou, pelo menos, nulla.

Sim, porque os Versos não precisam de guia para correr mundo e conquistar applausos eguaes aos que coroaram os "Phantos" de Lopes Filho, os "Floccos" de Sabino Baptista e os "Contos do Ceará" de Eduardo Saboya.

Os "Versos" são um livro melancolico e é por isto mesmo que se parecem extremamente com o autor. Antônio de Castro é um rapaz de uma intensa delicadeza de nervos e de uma certa bisonhice alias sem travo de pessimismo.

[...]

Longe de mim os poetas que não choram e as mulheres que não coram...

E o poeta que tenho a honra de apresentar ao público, além de saber chorar bonito, conhece as regras com que se tece a trama subtil e luminosa do verso moderno.⁷⁶

No caso acima, Antônio Sales é mais uma vez escolhido para prefaciar um livro de um dos seus colegas de agremiação e, embora o autor dos *Versos Diversos* afirme, num excesso de humildade que sua companhia para esses rapazes possa ser "prejudicial, ou, pelo menos, nula", seus jovens confrades sabem da sua influência e de quão importante é para suas carreiras de escritores uma palavra ou indicação positiva. Ainda no prefácio, Sales não perde a oportunidade de dar a conhecer ainda mais obras de outros padeiros, levando sempre em conta o papel da Padaria Espiritual como incentivadora de publicações.

Um dos livros citados por Sales são os *Contos do Ceará* de Eduardo Saboya, obra cujo prefácio também é de sua autoria e no qual se lê:

Eduardo Saboya tem qualidades innatas de artista a revelarem-se a cada instante na sua palestra, nos seus contos, n'um brinde de perpetre, nas meias duzias de linhas que tenha o constrangimento de escrever para albuns e polyanthéas, em tudo enfim que escreve ou diz.

E si querem saber melhor, leiam as folhas que se seguem incontestavelmente os indecisos cotyledones de uma intelligencia promettedora de excellentes fructos.⁷⁷

⁷⁶ Ouvertura. In: CASTRO, Antônio de. *Versos*. - Fortaleza; Typografia Universal, 1894, p. 5-7.

⁷⁷ In: SABOIA, Eduardo. *Contos do Ceará*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1894, p. 9.

O livro de Saboia parece de fato ter agradado a muitos, começando pelos editores. Já que sua primeira edição teve a tiragem de mil exemplares. Fato não tão comum para a época, tendo em vista também a pouca idade do escritor que contava apenas 18 anos quando da publicação de sua citada obra.

Sabino Batista também teve uma de suas obras prefaciada por um de seus colegas padeiros, no caso José Carlos Junior, que faz uma apresentação exaltando o esforço do amigo que, embora sem recursos e com quase todo seu tempo tomado pelo trabalho conseguiu materializar seus sentimentos poéticos, além de também exercitar um pouco do bom humor sempre relacionado com a Padaria Espiritual.

[...] sem ter frequentado aulas nem cursos, consagrando aos estudos e à cultura das letras os momentos que lhe sobram do labor quotidiano, aos seus próprios esforços deve tudo o que sabe e o que é, - eis o que posso acrescentar a seu respeito, mais um título à sympathia que os FLOCCOS lhe hão de granjear, e que ulteriores produções, mais firmes, mais reflectidas, mais eruditas, virão robustecer.

*

* *

... E faço votos para que, acabada a leitura dos FLOCCOS, diga o leitor fechando o volume:

– Este livro só tem uma coisa ruim - o prólogo.

É também esta minha opinião.⁷⁸

Ainda levando em consideração a importância dos paratextos, há em algumas das obras mensagens deixadas pelos editores ou pelos próprios autores, agradecimentos ou dedicatórias. Um dos escritos mais comuns encontrados nos livros são os pedidos de envio para o autor ou para os editores de quaisquer textos escritos acerca da obra publicada, como pode ser visto no exemplo do livro de Temístocles Machado que ao seu final, em seu nome e dos editores pede "a seus collegas da imprensa o obsequio de remetter-lhes o jornal ou revista que tratar do *Myrtos*⁷⁹. Esse tipo de pedido reflete o desejo desses autores de saber se obtiveram êxito em seu propósito de tornarem-se escritores reconhecidos.

Outra prática corrente nos prefácios escritos pelos próprios autores é do agradecimento ou das dedicatórias, como esta, presente na obra de Álvaro Martins:

Á PHENIX CAIXEIRAL, - à gloriosa falange de moços intrepidos e preverantes que, nas horas que lhes sobram aos pesados labores da vida mercantil dedicam-se quasi que exclusivamente ao cultivo das bellas letras e das bellas artes; a eles, pois, que se offereceram expontaneamente para

⁷⁸ In: BATISTA, Sabino. *Flocos*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1894, p. 12.

⁷⁹ CASTRO, Temístocles de. *Mirtos*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1897, p. 113.

auxiliar a publicação desta obra, offereço-a, como uma prova de amizade e gratidão, desejando-lhes ao futuro todo o engrandecimento de que são dignos, pelo seu constante esforço e trabalho.⁸⁰

Na citação acima, o autor agradece aos amigos que o ajudaram a publicar a obra, tendo em vista que a mesma deve ter sido publicada às expensas do autor que, tal como a maioria de seus pares não possuía condições financeiras de bancar uma publicação e por isso contavam com o auxílio das agremiações e, como no caso de Martins, dos amigos membros da sociedade dos caixeiros.

O exame das críticas e dos paratextos permitiu a obtenção de informações acerca das relações estabelecidas entre os letrados da cidade, sejam essas de amizade ou apenas de admiração. Foi possível também observar de que forma esses mesmos letrados recepcionavam as obras de seus pares e de que maneira as críticas eram expostas e podiam ser, algumas vezes, desconstruídas por aqueles que as sofreram.

Muitas das obras que foram objeto de críticas, resenhas, análises ou ganharam prefácios com calorosas apresentações não chegaram a ter grande quantidade de exemplares publicados ou podem não ter atravessado as fronteiras do Estado, outras, porém obtiveram maior destaque, talvez pelo tema abordado ou apenas pelo grande prestígio de seu autor.

Diante da quantidade de obras catalogadas e da gama de autores, achou-se por bem analisar também as temáticas mais abordadas nesses livros, escolhendo aquelas que por um motivo ou outro tiveram grande repercussão, sendo essa inclusive por causa de sua temática. A análise dessas narrativas urdirá a escrita do próximo tópico deste estudo.

4.2. O QUE DIZEM OS QUE AQUI ESCRIVEM: OS TEMAS DAS OBRAS.

É possível afirmar que na década final do século XIX a literatura no Brasil já estava plenamente amadurecida, tendo em vista a crescente e intensa atividade literária desenvolvida nas mais diversas regiões do país, materializada na profusão de obras publicadas dos mais diversos gêneros e com autores pertencentes às mais diversas escolas literárias.

A cidade de Fortaleza também se insere nesse processo de enriquecimento literário não só com a presença em seus espaços de letrados e suas instituições, como também pela circulação das obras publicadas por esses em sua própria terra, diante da existência de todo

⁸⁰ MARTINS, Álvaro. *Pescadores da Taíba*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1895

um circuito de produção, distribuição e consumo de bens culturais conforme visto no capítulo anterior.

Os livros foram escritos, impressos, comercializados e passaram pelo crivo dos letrados locais. Todavia, cabe questionar: o que escreviam os autores que publicavam em Fortaleza no final dos oitocentos? Que temas eram mais abordados? Quais histórias contavam os livros que tiveram muitos exemplares publicados e duas ou mais edições em curto período de tempo? Para responder essas questões será necessária uma análise das obras e, além disso, e tão importante quanto, saber qual o momento da literatura na época em questão e em que medida questões de diversas ordens - política, científica etc. - influenciaram a produção literária e estão presentes nas obras dos autores cearenses.

Desta feita, as obras serão analisadas tendo por base seus aspectos *extrínsecos*, ou seja, seu contexto, suas relações com a História, a Política, a ciência, enfim, uma análise macroscópica, para além do texto. Pretende-se ser um historiador que faz uso da literatura e não um historiador literário, ou seja, aquele que ordena os textos, os relaciona de forma linear, criando vínculo entre eles (MOISES, 2007, p. 15). Será uma análise mais voltada para o pano de fundo das obras, o contexto social, político e científico no qual estão inseridas, buscando assim, compreender a presença de determinados temas.

A década de 1890 presenciou transformações das mais diversas, a maioria da população ainda se acostumava às duas grandes novidades emergidas no final da década anterior: a abolição da escravidão e a implantação da República. O novo Regime ainda estava em processo de afirmação e passava ora por acertos e ora por retrocessos, no entanto sua ascensão favoreceu sobremaneira a entrada e a disseminação dos mais diversos ideários. Segundo José Murilo de Carvalho:

A República não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Mas, por um momento, houve um abrir de janelas, por onde circularam mais livremente ideias que antes se continham no recato do mundo imperial. Criou-se um ambiente que Evaristo de Moraes chamou com felicidade de porre ideológico, e que poderíamos também chamar, sob a inspiração de Sérgio Porto de maxixe do republicano doido. Nesse porre, nesse maxixe, misturavam-se, sem muita preocupação lógica ou substantiva, várias vertentes do pensamento europeu. Algumas delas já tinham sido incorporadas durante o império, como o liberalismo e o positivismo; outras foram impulsionadas, como o socialismo; outras ainda foram somente então importadas, como o anarquismo. (CARVALHO, 1987, p. 24)

A presença dessas correntes de ideias pouco ou jamais desenvolvidos em terras brasileiras durante o período imperial, agora influenciavam seus pensadores que nas mais

diversas categorias de textos, literários ou não, pregavam os pressupostos dessa ou daquela corrente de pensamento.

Cientificismo, determinismo, evolucionismo e positivismo eram algumas das correntes científicas e filosóficas em voga no período e que vieram a influenciar os escritores. Era o tempo da ciência, não se via mais representação no modelo romântico de idealizações, apenas a experiência científica traria respostas para as questões que inquietavam e soluções para os problemas, pois "[...] A crença no mito novecentista da ciência - intensificado na *Belle Époque* - consagrava-a como o único meio prático e seguro de reduzir a realidade, leis, conceitos e informações objetivas, as quais, instrumentalizadas pelo cientista, permitiriam o seu perfeito domínio." (SEVCENKO, 2003, p. 105).

Essa crença no científico, no poder da ciência e do método fez com que fossem absorvidas diversas teorias, no entanto pode-se dizer que o positivismo de Comte e o Evolucionismo/Determinismo representados por Spencer e Ratzel e até mesmo o socialismo foram as que mais reverberaram entre os intelectuais locais.

As ideias filosófico/religiosas do Positivismo chegaram ao Brasil ainda na década de 1850, mas apenas em 1876 fundou-se a primeira sociedade positivista no Brasil. Essa filosofia era vista como meio racional de assegurar a ordem e o progresso, assim sendo prosperou dentro do exército servindo de suporte ideológico para o grupo militar que concretizou a proclamação da República. Para Comte, todo o conhecimento humano está sujeito a uma lei fundamental.

Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro, o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo. (COMTE, 1978, p. 3)

Destarte, o Positivismo seria então a culminância do pensamento, aquele que enseja em si toda a evolução da ciência e do método, e as sociedades ocidentais já teriam atingido seu estado positivo. Comte assenta as bases do que veio a ser a Sociologia e talvez por isso classificou a ciência social como sendo a mais importante, a suprema, daí tanta importância dada ao social pelos escritores do auge do Positivismo.

Esse modelo de pensamento que separava as sociedades por nível de desenvolvimento, seja ele científico ou cultural, tornou-se um dos mais aceitos no período que compreende o fim dos oitocentos e até mesmo o início dos novecentos. O modelo evolucionista serviu de base para diversas teorias acerca do avanço ou do atraso de determinada sociedade ou do sucesso ou fracasso de determinada espécie, nesse caso tendo bebido na fonte do Darwinismo que também ganhou sua vertente social.

Para Spencer, maior representante da corrente evolucionista, evolução remete ao progresso que é observado em todos os ramos científicos, inclusive o social. Para ele, tudo parte do simples, do homogêneo para o mais complexo ou heterogêneo, "haja vista a multiplicação das raças humanas, a transição do cérebro relativamente não desenvolvido dos bárbaros à capacidade mental superior do europeu civilizado." (LUCAS, 2000, p.5). De fato, embora considerasse o progresso inerente a qualquer segmento, Spencer acreditava ser o progresso social o mais importante e que o mesmo consiste na transformação da estrutura do organismo social e não na produção de bens para a satisfação das necessidades humanas. (SPENCER, 1939, p. 13).

A teoria evolucionista teve grande influência nos diversos ramos das ciências, inclusive nas recém - surgidas ciências sociais e humanas e juntamente com o Determinismo, Darwinismo, Socialismo e outras correntes, também constituiu arcabouço teórico e metodológico para aquela que era/é uma das maiores construções do intelecto humano: a Literatura.

As escolas literárias do Realismo e do Naturalismo foram as mais afetadas pelas reverberações das correntes citadas e combateram ardentemente o modelo romântico que antes prevalecia. Surgidas na França no início da segunda metade dos oitocentos, essas escolas têm como figuras centrais Gustave Flaubert e Émile Zola que marcaram sua produção por obras voltadas para o social, mais precisamente para a crítica - bem representada em *Madame Bovary*, por exemplo - aos valores que imperavam na sociedade capitalista em expansão. Mudou-se o foco, do indivíduo romântico para a sociedade no realismo.

Do sujeito transcendental de Kant passa-se para o sujeito social de Marx. O romance passa a ser "romance social": Balzac, Stendhal, Flaubert, Dickens, Tolstoi e Dostoievski, os escritores críticos da sociedade. [...] O homem virou história, o personagem só existe, agora, em relação com a sociedade. Os romancistas passam a "historiadores" modernos. Os romances estão cheios de personagens políticos, banqueiros, especuladores. O romancista é quase um jornalista. [...] descobre-se a estrutura dialética da história, o materialismo histórico, já que o capitalismo não esconde seu jogo, como o

feudalismo (que se camuflava sob o véu da religião). (SAMUEL, 2007, p. 110.)

As marcantes características do capitalismo se apresentam e os autores se veem na obrigação de denunciá-las, de usar a pena como espada e lutar contra esse mal que afligia a sociedade, eram arautos do real, apresentavam, ou supunham apresentar a sociedade em sua essência e assim clamar pelas mudanças embasadas nos mesmos métodos científicos de observação do social, e usavam as palavras como meio de combate.

[...] a obra literária passou a ser considerada utensílio, arma de combate, voltada para a transformação do corpo social, tendo em vista um limite de perfeição calcado nas conquistas da Ciência. Repelindo a "arte pela arte", desinteressada e egocêntrica, os adeptos do Realismo, sobretudo os mais ortodoxos, pregavam a arte compromissada ou engajada. Os poetas, endeusando a Ciência como veículo apropriado à solução dos males sociais decorrentes dos valores burgueses, acreditavam que seus poemas deveriam estar a serviço das causas redentoras e não da confissão estéril de vagos estados d'alma; em suma, entendiam que deviam produzir poesia científica, revolucionária, polêmica, erguida em nome da modificação completa das estruturas sociais. (MOISÉS, 2004, p. 16)

Era na observação dessas "estruturas sociais" e na busca de sua "modificação completa" que se concentravam os escritores realistas e, sobretudo naturalistas. Seu foco era uma análise sociológica e psicológica das personagens, levando em consideração os preceitos das teorias científicas já citadas, buscando encontrar explicações para os diversos tipos de patologias sociais descritas por eles. O Realismo e o Naturalismo no Brasil têm como obras fundadoras *O mulato* de Aluísio Azevedo e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. Depois delas, foram incontáveis as obras e os autores voltados para essas tendências.

Não obstante esse caráter científico apresentado por grande parte da produção literária dos anos 90 do século XIX havia uma corrente que seguia contra esse movimento, recobrando ideais românticos e produzindo uma literatura não tão ligada aos combates travados pelas duas escolas anteriores, trata-se da escola simbolista que tem suas origens remontando á meados do século, com o aparecimento da obra *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire.

Os simbolistas, em sua origem chamados decadentistas, produziam uma literatura de viés subjetivo, egocêntrico, o símbolo era uma forma de representar o eu do poeta (MOISÉS, Idem.). Essa escola recebia a influência filosófica, sobretudo schopenhauniana, havia uma grande ligação com a espiritualidade, o oculto, o vago, o simbolista sentia-se afastado da sociedade e muitas vezes utilizava a escrita como forma de fugir a essa realidade. (LIMA, 2008). A estreia do simbolismo no Brasil é datada de 1893 com a publicação de *Missal* e

Broquéis de Cruz e Souza, embora alguns estudiosos da literatura cearense concedam essa primazia ao *Phantos* de Lopes Filho que teria sido publicado no mesmo ano, mas em mês anterior à obra de Cruz e Souza.

Como dito anteriormente, a instauração da República no Brasil permitiu a circulação de maneira mais livre e o amplo desenvolvimento dentro dos círculos intelectuais e letrados das diversas correntes filosóficas, científicas ou literárias. Em Fortaleza não foi diferente e eram frequentes as discussões da intelectualidade local em torno das ideias de Spencer, Buckle, Darwim, Comte e das leituras das obras de Zola, Baudelaire, Antônio Nobre e Guerra Junqueiro, desde a Academia Francesa até as associações e grêmios surgidos na década de 1890, todos estavam embasados no ideário em voga no seu tempo.

Assim sendo, as obras literárias publicadas nesse período estavam marcadas pela presença de diversas características pertencentes as mais variadas escolas científicas e literárias. Não se pode esquecer também a influência da experiência social dos autores, afinal, as obras são filhas de seu tempo e as vivências do escritor, seus valores sociais reverberam em seus escritos.

[...] Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?(SEVCENKO, Op. cit., p. 29)

As "raízes" da árvore literária são os fatos cotidianos, as disputas sociais, políticas e econômicas, os confrontos pelo espaço da cidade, os enlances e desenlaces amorosos, os crimes e as penas, o progresso material e intelectual, são várias as fontes que podem inspirar a imaginação de um autor. As experiências vividas e observadas e as influências das correntes de pensamento predominantes em seu tempo são os elementos importantes da construção da obra literária.

Nesse sentido, torna-se importante para esse trabalho que busca conhecer um pouco do rico universo do livro fortalezense, examinar algumas obras com o objetivo de identificar alguns dos temas mais recorrentes e ainda aqueles considerados diferentes ou inovadores para o período, bem como aqueles que se referem a alguma característica do momento histórico da publicação do livro. Para tanto e diante da impossibilidade de abarcar uma grande quantidade de obras, foram selecionados livros que mediante observação durante a catalogação

apresentaram aspectos de destaque, tais como a impressão de grande número de exemplares, por apresentarem temas que podem ser considerados polêmicos ou exóticos, ou ainda por representarem com maior fidelidade as escolas literárias em destaque no final dos oitocentos.

Considerando esse último aspecto foi notável o desenvolvimento da estética simbolista, tanto em prosa como em poesia, sendo esta última em quantidade notadamente superior. De fato, os livros em poesia, independente da escola - romântica, parnasiana, ou simbolista - eram os que predominavam no período, sendo seu número bem maior que o das publicações em prosa.

No que se refere ao simbolismo, este deve seu desenvolvimento em Fortaleza a alguns dos membros da Padaria Espiritual, embora o grupo se posicionasse contrário às tendências desta escola, foram marcantes as influências de simbolistas europeus, sobretudo portugueses como Antônio Nobre, entre seus membros, fazendo com que o simbolismo cearense se desenvolvesse em concomitância ao restante do país.

O fato de o Simbolismo cearense haver sido contemporâneo do movimento no Sul do país resultou num fenômeno talvez único na história literária brasileira: ao contrário do que aconteceu em outros Estados, o Simbolismo do Ceará foi anterior ao Parnasianismo [...], os poetas que em Fortaleza se julgavam seguidores da escola parnasiana estavam longe da dicção da corrente, que só chegaria ao ceará em todo seu vigor no início do século XX, ao passo que os simbolistas, estes já produziam uma poesia puramente ligada à nova estética, sob o influxo do movimento lusitano. (AZEVEDO, 1983, p. 47-48)

Esse ineditismo na concomitância do desenvolvimento de uma corrente literária no Ceará e no restante do Brasil pode ser explicado, dentre outros fatores, pelo fato de a influência portuguesa ter chegado diretamente da Europa em Fortaleza devido ao grande fluxo comercial entre essas duas praças, ou seja, os cearenses receberam o simbolismo ao mesmo tempo em que os escritores das demais regiões, e assim sendo, revelou autores bastante identificados com a escola de Mallarmé.

Dentre esses autores podem ser citados Cabral de Alencar, Lívio Barreto e Lopes Filho, todos membros da Padaria Espiritual. Não foram encontradas obras publicadas por Cabral de Alencar, vários de seus escritos figuraram no jornal *O Pão*. Já Lívio e Lopes Filho tiveram suas obras figurando entre as pertencentes à Biblioteca da Padaria, sendo elas respectivamente, *Dolentes* e *Phantos*.

Ao se efetuar a leitura da obra de Lívio Barreto observa-se a presença de um sentimento de frustração comum a vários membros das camadas letradas no Brasil pós-proclamação da República, já que muitos que antes eram verdadeiros entusiastas do Regime perderam muito desse entusiasmo ao ver que quase nada havia mudado e suas aspirações pareciam cada vez mais longe de se realizarem, sobretudo o sonho máximo de poder viver apenas da literatura.

Afastados do mundo político e das esferas de prestígio social, esses autores não possuíam igualmente uma base material segura em que pudessem sustentar a sua pretendida independência. A tibieza da estrutura de produção, circulação e consumo literário sabotava na raiz seus projetos de resistência, enfraquecendo ainda mais a sua posição [...]. (SEVCENKO, Op. cit., p.115)

E foi com base nesse sentimento de frustração e de pesar por não poder, devido as suas condições materiais, dedicar-se exclusivamente à poesia que Lívio encontrou na estética simbolista a que melhor se adequava a seus desejos de externar suas penas, sendo a maior delas ter que trabalhar, "mourejar" dia e noite em busca do sustento, tendo que se adaptar a duras penas ao compasso violento da sociedade capitalista, cujo objetivo máximo é dar lucro ao burguês à custa do trabalho da maioria sem recursos. Isso faz com que os burgueses também sejam alvo da pena do poeta:

Estou burguesificado!
Falta-me apenas a pança;
Sou como uma ovelha mansa.

Sybarítico conforto!
Cheguei ao porto alvejado,
Cheguei ao sagrado porto

Da burguesia!
Quebrei com a clava da prática
Os cornos da Poesia.

Da minha vida enigmática,
Bhoemia, nervosa e louca,
Passei á lucta sympathica
Somente do pão p'ra bocca!

.....

Ora quem diria que eu
Nihilista da hypocrisia,
Ser atheu,
Havia de ir para o seio
Fluidicamente pacato

Da burgueza sociedade,
Como um morginho que veio
De muito boa vontade

Cahir na bocca de um gato.⁸¹

No poema acima, observa-se que mesmo considerado um simbolista de fato, o poeta não deixava de compartilhar das ideias abraçadas pelo grêmio do qual fazia parte, é sabido o grande destaque dados às críticas feitas aos burgueses por parte dos padeiros, haja vista os ataques proferidos por Adolfo Caminha em algumas edições d'*O Pão* na coluna *Sabbatina*, portanto, incide sobre o poema a convivência do poeta com seus colegas de agremiação.

Para Lívio Barreto era difícil a adaptação ao modo de vida citadino marcado pela pressão do relógio⁸², pela agilidade das trocas, ao intenso movimento das paisagens urbanas. Ele não se via como parte do processo de modernização da cidade "ao contrário de Baudelaire, por exemplo, que se achava participante desse mesmo processo que ocorria em sua Paris do período Haussmann, no entanto, assim como o poeta das *Flores do Mal*, Lívio era um espectador, mas aquilo a que assistia o fazia querer se afastar da sua realidade por demais confusa." (LIMA, OP. cit., p. 39), por isso o desejo de fugir desse meio.

Árvores velhas, árvores amigas,
Venho doente à vossa sombra orar,
Longe das tramas, longe das intrigas.
Ajoelhar-me sob o vosso altar.

Tendes pássaros, sombras, harmonia,
Perfume, flores, que feliz de sois!
Hoje acolhei minha melancolia
Que as minhas mágoas curarei depois...

.....
Eu não vos contarei a minha história,
— Não quero envenenar vossa alegria!
A vossa fica e a minha é transitória
E soluçada como uma elegia.

.....
Ao passo que em nós outros, desgraçados!
Mal balbuciam nossos corações,
Vamos morrendo aos poucos arrastados
No turbilhão medonho das paixões!

⁸¹ Esse poema não foi publicado n' *O Pão*, nem nos *Dolentes*. Tendo sido enviado por Lívio juntamente com uma carta ao amigo Ulisses Bezerra. Foi encontrado e publicado por Sânzio Azevedo no ensaio "Lívio Barreto e o verso humorístico". In: **Novos ensaios de literatura cearense**. – Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar 1992. p.85-86.

⁸² Segundo Maria Stella Bresciani, o avanço das relações de produção fez com que se perdesse a medida do tempo natural. "Perda que implica a imposição de uma nova concepção de tempo: abstrato, linear, uniformemente dividido a partir de uma convenção entre os homens, medida de valor relacionada à atividade do comerciante e às longas distâncias. [...] Delineia-se uma primeira exterioridade substantivada no relógio, concomitantemente artefato e mercadoria." (BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: as Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)*. **Revista Brasileira de História**. - São Paulo, v. 5, n.8/9, p. 35-68, set. 1984/abr.1985, p. 38.

Enquanto o mundo, vórtice medonho,
Tudo reduz a pó no embate rude,
A nossa paz, a vossa angelitude!

Ó flores eternas vossa alegria,
Sarai com ela minhas negras penas,
Curai-me d'alma esta melancolia
Com junquinhos suaves de açucenas.

Ó árvores viris, cheias de vida,
Com vossa sombra e protetora essência,
Cobri, — ave sem pouso e sem guarida, —
Minha pálida e triste adolescência.⁸³

A poesia acima ilustra bem a vontade do poeta de se livrar do "vórtice medonho" no qual o mundo se transformou, do "turbilhão de paixões" para o qual foi arrastado, e acaba por querer voltar às suas origens, o campo, representado pelas árvores, suas confidentes e parte da memória de sua infância. A cidade é para o poeta um lugar de onde se deseja fugir, mesmo que um dia ela tenha sido o lugar onde se desejava ir em busca de melhor sorte, de maior crescimento a partir das letras. A grande urbe, lugar da cultura, da civilização, se apresentou com outra face, diante da corrupção, do progresso que excluía a maioria e do desprezo com os mais pobres, sobretudo àqueles que para ela migravam fugindo das duras condições impostas pela seca. O urbano tinha seus dois lados.

[...] Ora, uma metrópole propicia aos seus habitantes representações contraditórias do espaço e das sociabilidades que aí tem lugar. Ela é, por um lado, luz, sedução, meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. (PESAVENTO, 1999, p. 19)

Essa visão mais pessimista da cidade provocava uma valorização do campo, do sertão, presente em muitas obras. Talvez por esse período ter sido repleto de transformações, de mudanças nos hábitos e costumes e na própria estrutura urbana, e pelo fato de muitos dos escritores que atuavam em Fortaleza serem oriundos de outras regiões do Estado, percebe-se uma nota nostálgica com relação ao campo. Enquanto a cidade é vista como local de progresso e por isso mesmo berço de corrupção, desonra e ser capaz de desencadear nos homens, inclusive no mais ingênuo, os sentimentos mais infames, o campo é lugar de paz, de ajuda mútua e o sertanejo é visto sempre como ideal de honra e virtude. É do campo que se sente falta, é para lá que se quer retornar, é por ele que se trocaria toda a agitação da vida urbana. E não são apenas os simbolistas como Lívio Barreto que desejam fugir da cidade,

⁸³ BARRETO, Lívio. "Sob as árvores". in: *Dolentes*. - Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.71-73.

representantes de outras escolas literárias também demonstraram em seus escritos a preferência pelo campo, conforme se lê nesse poema do parnasiano Antônio Sales:

Eis me caro amigo meu,
Na serra, fugindo ao Forte;
Estou mais longe da morte,
Estou mais perto do céu.

Imagino-me a cem léguas
dessa horrível Capital
Onde a luta colossal
Da vida não deixa tréguas.

.....

Venho, fugindo aos ruído
Das carroças e dos bondes,
Ouvir o doce gemido
Da brisa nas verdes frondes.

Venho a tremer de cansaço,
Cheio de *spleen* e tristeza,
Dormitar sôbre o regaço
Materno da natureza.⁸⁴

O campo, os sertões são lugares de cura, de alívio das atribulações da vida urbana. A cidade exerce uma forte atração, não são poucos os que se encantam com suas novidades e possibilidades, sobretudo nas épocas mais calamitosas nos sertões, o urbano exerce "[...] Fascínio e medo; a cidade configura o espaço por excelência da transformação, ou seja, do progresso e da história; ela representa a expressão maior do domínio da natureza pelo homem e das condições artificiais (fabricadas) de vida." (BRESCIANI, 1985, p. 39). Ao mesmo tempo em que fascina, a cidade assusta e as tensões do cotidiano citadino fazem com que aqueles que um dia a procuraram se sintam nostálgicos de suas origens.

Lembra-me bem – com que saudade! a aldeia
De largas ruas, de áurea luz vestida,
Com suas grandes árvores e a ermida
A cuja frente a grande cruz se alteia.

.....

Julgo estar vendo os brônzeos pescadores,
As jangadas, as conchas multicores
Cravejando da praia a ebúrnea veste.
E ali... Foi nessa casa cuja frente
Se volta para as bandas do ocidente
Que eu nasci, minha irmã, que tu nasceste.⁸⁵

⁸⁴ SALES, Antônio. No Campo, das Trovas do Norte. In.: *Obra Poética*. - Fortaleza: secretaria da Cultura do Ceará, 1968. p 135.

⁸⁵ SALES, Antônio. Reminiscências, dos Versos Diversos. Op. cit., p. 34.

Nesses versos, o autor de *Aves de Arribação* remete ao seu torrão natal, Paracuru, e relembra as paisagens de sua infância, tão diferentes das que seus olhos veem na Capital, tomada de alvenarias e parecendo tão distante da natureza. Convém lembrar que muitos daqueles que tentavam destacar-se através das letras em Fortaleza vieram de cidades do interior, eram filhos de pequenos agricultores ou comerciantes, pescadores. "A possibilidade de mérito intelectual, prestígio público e ascensão econômica nos centros urbanos alimentaram os desejos de muitos jovens de modesta origem social do período que depositaram seus sonhos de realização na cultura letrada." (CARDOSO, 2009. p. 122.).

Portanto, aqueles que foram à cidade em busca de melhores condições de vida, passaram a fazer parte de seus quadros urbanos, tornando-se juntamente com aqueles que nela já habitavam, leitores do urbano, pois passaram a observar a cidade e a partir disso construir uma opinião e demonstrar em seus escritos que cidade era aquela que observavam, pois "[...] A literatura, ao "dizer a cidade", condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto."(PESAVENTO, Op. cit., p. 10). O sentimento feito texto pôde ser observado no poema de Antônio Sales que tratava do campo. O autor expressou no texto o atordoamento que lhe provocava a vida na Capital.

Os olhares sobre a cidade e os diversos aspectos de seu cotidiano também foram temas recorrentes nas obras, mesmo naquelas em que o urbano não era o cenário principal. Nessas obras se observam tanto críticas aos hábitos dos seus habitantes, como elogios aos seus contornos ou suas potencialidades. Veja-se o exemplo do excerto abaixo:

– Quem pode comparar a Fortaleza a Manaus? Tornou Angelina Dulce.

– Pode-se, volveu a Rainha do Ignoto, e não fica devendo nada uma a outra, porque cada qual tem o seu valor próprio: Manaus é camponesa nutrida e bonita, de faces coradas, olhos buliçosos, riso franco e semblante alegre [...],caminha segura pelas desigualdades do solo ubérrimo com ares de rainha da selva.

A Fortaleza é moça pálida e romântica de olhar cismador e languido, riso ideal, fronte divina e cândida; veste-se de azul celeste, põe um diadema de estrelas, num manto de luar prateado e ergue na destra um fanal e um ramo de oliveira. Ela contempla do alto os nevoeiros do céu e com os lábios secos deixa rolar pela face a pérola de uma lágrima, gota de orvalho no cálice de um lírio

[...]

[...] Manaus é a riqueza, a força, a seiva da vida; Fortaleza é a formosura, a graça, a poesia, a ciência, o amor.⁸⁶

⁸⁶ FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto*. 3ª ed. - Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 285-286.

Esse trecho da obra de Emília de Freitas, *A Rainha do Ignoto*, traz uma visão poética das cidades, no caso Manaus e Fortaleza, duas das várias que se fazem de cenário para as ações do romance publicado em 1899. As cidades são retratadas como humanas e assim personificadas, são elogiadas de acordo com suas características geográficas, selva ou mar.

Convém reparar na forma como Fortaleza é descrita, sempre relacionada com a arte, com as musas, tomando assim ares mais civilizados, mais polidos. Talvez isso se deva ao fato de a autora estar distante da terra natal durante o período de escrita do livro e essa descrição, portanto estaria embasada no sentimento nostálgico com relação às redes de sociabilidades deixadas na capital cearense.⁸⁷ Com relação à capital do Amazonas, esta era motivo de muita curiosidade no Ceará, por motivos que virão a ser tratados em momento mais oportuno.

Ainda tratando da visão acerca da cidade e de seus costumes, também eram comuns as críticas aos novos hábitos importados, que são vistos como necessários para que a sociedade esteja próxima do ideal de civilidade apresentado pelas nações europeias. Nesse sentido, toma-se como exemplo a poesia O Luxo, presente na obra *Folhetins de Silvanus* de Juvenal Galeno:

O luxo, o luxo!... Eis a lepra
Que lavra pela cidade,
Com tamanha intensidade
Que mata ricos e pobres
Sem trégua... sem piedade!...
Por tôda parte os bazares,
Armazens de borundangas,
Os fiteiros de missangas,
Trapalhadas do bom-tom;
E tudo caro... bem caro...
Ninguém pergunta se é bom.

Aqui mobilha européia,
À Luís quatorze talvez...
Cadeiras de assento fôfo,
Ou de outro modo francês;
Sofás de esquisito encôsto
Consolos de mármore!... e gôsto,
Bidets de nova invenção!...
Que bonitos guarda-roupas,

⁸⁷ Emília de Freitas nasceu em Aracati em 1855, mas por ocasião da morte de seu pai mudou-se para Fortaleza em 1869. Na capital a jovem pode estudar e teve contato com línguas, história, geografia e várias outras disciplinas que auxiliarão na confecção de suas obras. Ainda muito jovem começou a participar da vida literária da cidade publicando poemas em jornais como *O Libertador* e participou ativamente do movimento abolicionista. Publicou *As canções do Lar* em 1891 e logo após e devido ao falecimento da mãe, muda-se para Manaus onde lecionou em escolas e colaborou também na imprensa e foi durante essa primeira temporada em Manaus que escreveu *A Rainha do Ignoto*. Cf.: DUARTE, Constância Lima. *A rainha do Ignoto ou a impossibilidade de uma autopia* In.: FREITAS, Op. cit.

Que terrinas para sôpas,
De espelhos que profusão!
.....
Falemos mais sério: – Oh luxo,
De quanto infortúnio és pai!
Muitas vêzes que vilezas...
Crimes até!...Nas torpezas
Se aquele penetra e vai...
– Ai, de ti, mulher vaidosa!–
Aquele tropeça... e cai!

Vaidades... quantas vaidades!
Não vedes, loucas deidades,
Que vosso pai, vosso espôso,
Já trabalham sem repouso
P'ra tantas levandades!...
Quanto suar e cansaço
Não custou a fita, o laço...
Êsse enfeite que te faz rir?
[...]

E dando tantos cuidados
Aos supérfluos e escusados,
Não deixais anbandonados
O necessário... e o porvir?!⁸⁸

Nessa obra, publicada em 1891, foram reunidas diversas poesias publicadas em jornais pelo autor ainda na década de 1860, todas faziam algum tipo de comentário ou crítica a pessoas ou costumes da sociedade fortalezense. Nos versos acima, observa-se que Galeno critica o novo costume dos habitantes da cidade de se adaptarem à moda europeia, seja no mobiliário ou na vestimenta, tudo tinha que estar de acordo com as últimas tendências apresentadas nos anúncios de jornais e nas vitrines das lojas.

O que o autor observa nesse caso específico é o fato de que para manter o luxo as pessoas abrem mão de recursos valiosos, que para o rico poderiam ser investidos em mais cultura e educação e para o pobre fazem grande falta para a manutenção das necessidades mais básicas, ou seja, para manter um determinado padrão, para se distinguirem dentro da sociedade, arriscam a própria segurança financeira e alimentar.

Um elemento de distinção mais valorizado durante a década final dos oitocentos em Fortaleza foi a moda, sobretudo a feminina. O século XIX viu a transformação da condição feminina como um todo, ou seja, do seu papel na família, na sociedade, na economia. A mulher deixou de cumprir apenas o papel de esposa e mãe zelosa e passou a atuar em esferas

⁸⁸ GALENO, Juvenal. O luxo. In.: *Folhetins de Silvanus*. - Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969. p.25-30.

antes preenchidas apenas pela presença masculina, e o desenvolvimento das estruturas de produção exigidas pelo Capitalismo, principalmente nas décadas finais do século, foi um dos favorecedores desse processo.

Tanto as mulheres da classe operária como as da classe média viram sua posição começar a mudar, substancialmente nessas décadas, por motivos econômicos. Em primeiro lugar, as transformações estruturais e a tecnologia agora alteravam e aumentavam consideravelmente a perspectiva feminina de emprego assalariado. A mudança mais notável, à parte o declínio do emprego doméstico, foi o aumento das ocupações que hoje são primordialmente femininas: empregos em lojas e escritórios. (HOBBSAWM, 1998, p. 283).

Além das exigências do mercado pela mão de obra feminina, Hobsbawm cita outro fator que contribuiu para o processo de emancipação.

[...] certo grau de emancipação feminina era, provavelmente, *necessário* para os pais da classe média, pois nem todas as famílias dessa classe e praticamente nenhuma da classe média baixa era, sob qualquer aspecto, suficientemente rica para manter suas filhas com todo o conforto, quando elas não casavam nem trabalhavam. Isto talvez explique o entusiasmo de tantos homens da classe média (que jamais admitiriam mulheres em seus clubes e associações profissionais) pela educação de suas filhas, no sentido de elas alcançarem uma certa independência. (Idem, ibidem, p. 285)

Esse processo de profissionalização e gradual aquisição de independência da mulher, fez com que se ampliassem os investimentos do mercado nos setores voltados ao belo sexo, pois, se antes as mulheres tinham que usar de vários artifícios para convencer o marido ou o pai a comprar algo que desejavam. Agora muitas delas podiam não depender mais deles para satisfazer seus desejos de consumo sendo donas de seu próprio capital.

Assim, a moda e a questão que as mulheres faziam de segui-la também estavam presente nas obras literárias, como perceptível fator de distinção, seus usos também eram captados pelos letrados como pode ser observado nos trechos abaixo:

I

–Sim senhor! bonita e boa! a primeira cá da terra. o pai é arranjado, tem uma boa fazenda na mata, e depois a mãe também tem seu ordenado, e traz a menina que é um gosto vê-la. Quando aparece uma moda é a primeira a botá-la. e aqui para nós, é a mais jeitosa; as outras são umas empanturradas, que lhes não acho sal.⁸⁹

II

O que eu desejo senhoras,
É que se cumpra o rifão:
– Cada terra com seu uso,

⁸⁹ FREITAS. Op. cit., p. 43.

Cada roca com seu fuso: –
 Eis a minha opinião!
 Mas, vestir-se o brasileiro
 Como lhe ordena o francês...
 Não acho isso direito!
 Viver o povo sujeito
 Aos figurinos do mês!

.....

E que roupagem ridícula
 Nos impõe o tal Paris!
 Que não levem... rabos tais!
 Às damas puseram rabo! –
 Pois não é um menoscabo
 A esta terra infeliz? –

.....

E dizem que somos livres...
 Nós?! Escravos de Paris!
 Cativos do figurino. De um capricho libertino,
 Que assim governa o país!
 Que transforma as cabecinhas
 Dos anjos de nosso amor!
 Que nos arranca sem pena
 A economia pequena...
 Basta chegar o vapor.⁹⁰

Nos trechos, pode ser percebida a importância dada à moda nesse período de maior expansão do processo civilizador capitalista. No primeiro trecho, retirado do livro *A Rainha do Ignoto*, no qual a personagem Carlotinha é descrita por uma cozinheira, vê-se tanto a questão da independência financeira da mulher, percebida na frase "e depois a mãe também tem seu ordenado", bem como a questão da moda e a importância de manter as moças bem apresentadas, - "traz a menina que é um gosto vê-la. Quando aparece uma moda é a primeira a botá-la" - já que um possível pretendente pode aparecer quando menos se espera, ou seja, era desejo também dos pais manter suas filhas na moda, movimentando assim esse mercado cada vez mais lucrativo.

É justamente o dinheiro gasto com a vestimenta o mote do segundo trecho apresentado, mais uma crônica em forma de poema escrita por Juvenal Galeno. O mestre das *Lendas e Canções Populares* desfere contra a prática de se vestir à europeia em pleno Brasil, de clima tão diverso do europeu, apenas pelas aparências, chegando a considerar ridículos alguns trajes adotados - "Às damas puseram rabo!" - e igualando à escravidão, regra de seguir o jeito estrangeiro de vestir.

⁹⁰ GALENO. A Moda. Op. cit., p. 72-75.

Os modos de vestir, de se relacionar em sociedade, as formas de apreensão das ciências e das artes, tudo isso é particular de cada povo, os sujeitos de cada uma das cidades da periferia do mundo capitalista teve seu modo de interpretar a cultura que recebia, "traduzia" a seu modo as ideias e costumes recebidos, tudo isso com o intuito de tornarem-se civilizados, nos moldes da civilização capitalista.

O conceito de civilização é amplo e diverso e para os escritores do fim do século dezenove estavam sempre na pauta das discussões, no sentido de que eles se consideravam também como agentes civilizadores e promovedores do progresso senão material, ao menos intelectual da sociedade em que estavam inseridos. Destarte os debates e as interpretações sobre o que se entendia por civilização ou civilizado estava também presente nas obras. Serão usados como exemplos novamente as obras de Juvenal Galeno e Emília de Freitas, respectivamente:

I
 Bem-vinda sejam, bem-vinda,
 Formosa Civ'lização!
 Quanta tardança, senhora...
 Mas, chegaste ao meu torrão!
 Chegaste enfim, Viajando
 Em vapor de terra ou mar,
 Ora nos fios elétricos,
 Ora em balões pelo ar!
 Deves estar fatigada...
 Te senta p'ra descansar;
 E dá-me a honra, princesa,
 De contigo palestrar.

.....
 E eis-te enfim! E os teus alvares
 Des'pareceram negreiros,
 levando muitos horrores...
 Morre o resto ao teu clarão!
 Que mudança surpreendente...
 Que imensa transformação!
 Nasce a escola... de repente...

Em toda parte a instrução:
 De artes, ciências, indústrias
 As flôres juncando o chão;
 E o astro da liberdade
 Cintila sobre a cidade
 A serra, a praia, o sertão!⁹¹

II
 –Então Henriqueta, julga você que a boa educação consiste somente em
 saber botar um espartilho, atacar um cinto, fazer um bonito penteado, cobrir

⁹¹ GALENO, A Civilização. Op. cit., p. 87-89.

as faces de pó-de-arroz, os lábios de carmim, calçar umas luvas, conhecer os artigos da moda, tocar um pouco de piano e dançar quadrilhas e valsas? Há outros conhecimentos muito mais necessários.

[...]

– Eu falo no geral minha prima, não me refiro a neguem [sic.]; quero dizer qua a boa educação nem sempre tem a felicidade de sentar-se nas cadeiras estufadas dos ricos salões, Muitas [sic.] vezes vamos encontrá-la na salinha caiada de branco, costurando à luz do candeeiro de querosene.⁹²

Nos dois casos, embora no segundo não apareça tão abertamente, a civilização é o foco. Para Galeno, civilização é progresso material, avanço representado pelas tecnologias dos transportes - "Viajando Em vapor de terra ou mar" -, das fontes de energia - "Ora nos fios elétricos" -, mas também é o progresso do espírito humano, no dizer de Spencer, é evidente a valorização da educação/instrução como marcas de civilização ou civilidade. Para Emília de Freitas, a civilização nem sempre vem acompanhada da educação, pode-se estar ciente de todos os elementos da moda e da etiqueta sem, no entanto ter educação, não no sentido de instrução, mas de bom trato, de polidez.

Nesse sentido lembra o pensamento de Starobinski, quando este afirma ser a civilidade a parte apresentada da polidez, que a civilização do mesmo modo como é entendido também por Elias, de redução dos impulsos, só se atinge mediante atingir o estado de polido, "[...] A lima, o polidor são instrumentos que, figuradamente, asseguram a transformação da grosseria, da rusticidade em civilidade, urbanidade, cultura." (STAROBINSKI, 2001, p. 26).

As palavras de Starobinsk remetem então à civilização tida como avanço cultural, o progresso do espírito humano. Mas sendo espiritual ou material, o fato é que para grande parte da intelectualidade do final dos oitocentos, um elevado grau de civilização só pode ser alcançado com o progresso e esse só se atinge com o desenvolvimento da ciência.

Como dito anteriormente, foram várias as correntes de pensamento científico que reverberaram no Brasil no período em destaque neste estudo, e em terras cearenses elas também se fizeram presentes e foram estudadas, analisadas, discutidas e adotadas pela intelectualidade local, sobretudo pela geração chamada "Mocidade Cearense" representada, principalmente pelos membros da Academia Francesa cujas influências no meio intelectual e letrado de Fortaleza ultrapassaram sua existência e a própria barreira do século, seus membros "[...] alardeavam os princípios do trabalho disciplinado, do ajustamento social à ordem industrial-civilizatória e a importância do conhecimento científico como forças transformadoras da realidade." (CARDOSO, 2006, p. 18.). A fé na ciência e nos seus

⁹² FREITAS. OP. cit., p. 70-71.

princípios também estavam presentes na literatura, e para exemplificar a interação dos letrados com as principais correntes científicas em voga na época, recorre-se mais uma vez à pena de Juvenal Galeno:

.....
 Não acreditem, leitores,
 Na história destas mulheres
 Contra os livres pensadores!
 Os nossos materialistas,
 Quer sejam positivistas,
 Ou se chamem panteístas,
 Ou macacais darvinistas,
 São da ciência esplendores!
 Talentos superiores,
 Que, pregando ideias suas,
 Iluminam nossas ruas
 Servindo de combustores.⁹³

Os versos retiram qualquer dúvida quanto ao conhecimento por parte de Galeno das correntes científicas e filosóficas que permearam sua época, embora no poema citado o autor faça uma crítica ao que ele chama de novos sábios, pregando à luz da ciência muitas vezes sem o necessário embasamento e diminuindo a importância da religião em suas vidas e nas dos cidadãos como um todo.

Os avanços do pensamento científico, bem como a consolidação das escolas literárias do Realismo/Naturalismo permitiram a existência de obras que tivessem como temas assuntos pouco conhecidos do grande público ou polêmicos demais para serem abordados por autores de viés mais romântico, por exemplo. Em Fortaleza, baseado no levantamento das obras publicadas no final do século, foi possível encontrar duas obras que tratam de temas que de forma mais destacada se encaixam nessas características. São elas, *Violação*, de Rodolfo Teófilo e *A Rainha do Ignoto*, obra já citada de autoria de Emília de Freitas.

A obra merece destaque primeiramente por isso, por ser de uma "autora" e não de um "autor". Já não era novidade a presença de mulheres nos meios letrados cearenses, no entanto Emília se destaca por ter escrito uma obra extensa, de grande erudição e com um tema inteiramente novo para o público da época.

O romance, que pode ser caracterizado como sendo literatura fantástica, conta a história de uma mulher, a Rainha do Ignoto, e suas paladinhas. Elas vivem numa misteriosa ilha na costa cearense chamada Ilha do Nevoeiro e além dela, possuem diversos pontos de

⁹³ GALENO. Os novos sábios. Op. cit., p. 50.

apoio em várias cidades do país como Manaus, Belém e Recife. A Rainha e suas seguidoras - além de seus fiéis guardiões, um cão terra-nova e um orangotango - viajam pelas regiões do ainda Império com o intuito de salvar pessoas que estejam sendo vítimas de injustiças e usam dos mais diversos meios para isso, como ofertas em dinheiro, disfarces e até mesmo hipnose, que faz com que essas mulheres sejam vistas até como homens por aqueles a quem desejam enganar. A Rainha é uma heroína, salva vidas de naufragos, liberta escravos e mulheres que sofrem por amor, só não pode salvar a si própria da grande solidão que a consome e acaba por cometer o suicídio, deixando o mistério em torno de sua real identidade até mesmo para suas paladinas.

Apesar de o romance ter as suas mais de quatrocentas páginas recheadas de aventuras, salvamentos fantásticos, experiências científicas e espirituais (a Rainha era seguidora da doutrina espírita e dos ensinamentos de Kardec) e muito mistério, observa-se que no fim, a grande questão era tratar do sofrimento, principalmente das mulheres que têm suas vidas destruídas por amores fracassados ou não concretizados, o que parece ser o caso da própria Rainha.

Emília de Freitas, assim como seus contemporâneos também estava a par do ideário científico de sua época e como seu livro trata de diversos assuntos, este não poderia deixar de constar, conforme se lê no trecho abaixo que apresenta um diálogo entre a Rainha e sua médica Clara Benício:

- Respeito muito os conhecimentos de Vossa Bondade, mas também tenho estudado o caráter e as faculdades intelectuais por meio do crânio e...
- Os meus argumentos não se baseiam na craniomância, interrompeu a Rainha do Ignoto.
- Por obséquio não dê esse nome irrisório à craniologia! Ela não é uma arte de adivinhar as disposições morais pela inspeção do crânio como a primeira; é uma ciência, um sistema como o de Gall.⁹⁴

No diálogo, as personagens discorrem sobre um método muito famoso no final do século XIX e início do seguinte. Surgido primeiramente como Frenologia e depois chamado Craniologia, esse método consistia em analisar o crânio de uma pessoa em busca de

⁹⁴ FREITAS. Op. cit., p 236. Gall, personagem ao qual se refere Clara Benício é Franz Joseph Gall, criador da Frenologia.

características que pudessem determinar um temperamento criminoso ou a inteligência. Foi muito utilizado para justificar tendências racistas, sobretudo pelas nações imperialistas.⁹⁵

No entanto, o aparato da ciência é apenas um dentre os vários temas tratados em *A Rainha do Ignoto*. Ocorre justamente o contrário na segunda obra citada, *Violação*. O livro de Rodolfo Teófilo trata da epidemia de cólera em uma vila do interior do Ceará e não obstante possui um pouco de autobiografia - de fato, o autor quando criança enfrentou uma epidemia de cólera tendo sido o único que restara saudável para cuidar do restante da família - tem como ponto principal, embora só se faça saber disso ao final da novela, um tema que ainda nos dias atuais é considerado polêmico, a necrofilia.

A pequena novela narra a história de um menino, filho do médico do lugarejo, cuja família fora atingida pela epidemia de cólera que atingiu o Ceará nos anos de 1862-63. O menino, por não ter se contaminado teve que assumir o dever de cuidar da família enferma tendo inclusive, que enterrar a irmã natimorta. Após o restabelecimento dos familiares, o menino presencia um homem confidenciando algo para seu pai em grande estado de desolação e fica curioso para saber do que se trata. A descoberta só vem anos depois quando ao retornar à terra natal, já adulto, encontra com o dito homem e este lhe conta sua história. Este, tendo sido vítima de um episódio cataléptico, após sofrer com o cólera, fora dado como morto e ao ser levado ao cemitério dá com o cadáver de sua noiva também vítima da doença, que durante a noite acaba por ser violado pelos dois criminosos responsáveis pelo enterramento das vítimas da moléstia.

O livro apresenta uma linguagem científica, embora em menor grau que em outros livros do autor, mas mesmo assim, bem presente nas descrições feitas.

Era a primeira vez que o mortífero filho do Ganges nos visitava; que a legião desses infinitamente pequenos deixava sua terra, para vir empestar a nossa tenda.

[...]

A posição topográfica da localidade, longe de nos dar uma certa imunidade, pelo contrário, favorecia a procriação dos micróbios do mal, pois que a vila estava edificada num estreito vale, cercada de montanhas. O vento que é o veículo do cólera, o deixaria ali, e o bacilo da peste se desenvolveria e mataria a vontade.⁹⁶

⁹⁵ Acerca dessa e de mais tendências voltadas ao estudo das características raciais ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

⁹⁶ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome/Violação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.p. 236-237.

Observa-se a quantidade de assuntos dominados pelo autor. Rodolfo Teófilo externava em suas obras sua erudição, tanto ligada aos estudos da medicina quanto das ciências em geral. Essa linguagem científica não era uma característica apenas ligada ao autor d'*A Fome*, era algo comum à escola literária à qual estava ligado, são inerentes ao naturalismo as análises das diversas patologias que atacavam os seres humanos e podiam comprometer sua vivência em sociedade.

Essa característica de apego ao patológico na escrita do autor foi percebida por Pedro de Queiroz, seu contemporâneo, que escreveu uma crítica de *Violação* para a *Revista da Academia Cearense*, ao se referir à escrita do autor, escreve:

Em uma palavra—como o medico, Rodolpho aprecia mais o estudo da pathologia do organismo de preferencia à sua physiologia. O caso pathologico desperta-lhe mais interesse.

Em a vida espiritual cearense— é R. Theophilo — uma das figuras mais em foco. Escreve nervosamente, com emoção, sem rebuscamentos, espontaneamente.⁹⁷

Escrita emocionada e ao mesmo tempo sem rebuscamentos, esse era o estilo de Rodolfo Teófilo, mais em algumas obras, menos em outras. No entanto, foi sua escritura, sua relação com seu meio que fortaleceu sua imagem como escritor. Acerca dessa importância da escritura concorda-se com Barthes quando este diz que:

[...] Língua e estilo são dados antecedentes a toda problemática da linguagem, língua e estilo constituem o produto natural do Tempo e da pessoa biológica; mas a identidade formal do escritor só se estabelece realmente fora da instalação das normas da gramática e das constantes do estilo [...] Língua e estilo são forças cegas; a escritura é um ato de solidariedade histórica. Língua e estilo são objetos; a escritura é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma apreendida na sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História. (BARTHES, 1986, p. 124.)

Portanto, mais que o tipo de linguagem ou o estilo do escritor, o importante é a relação de sua escrita com o corpo social que o cerca, e nisso, Rodolfo Teófilo fez com maestria. Sendo um daqueles cujas obras mais reverberam as tensões históricas de seu tempo. Uma das obras em que mais se destaca essa característica é *O Paroara*, considerada a obra em que o autor atinge sua maturidade literária (PINHEIRO, 2011).

⁹⁷ QUEIROZ, Pedro. *Violação*. *Revista da Academia Cearense*. T.3. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, p. 237.

Neste romance, publicado em 1899, o autor pratica uma literatura naturalista, mas acima de tudo de caráter essencialmente regionalista, levando-se em conta tratar-se de uma história que narra a vida de habitantes do sertão do Ceará, bem como dos seringais do Amazonas, embora nunca tivesse visitado o Estado nortista e tenha se baseado apenas em escritos ou histórias que ouviu daqueles que lá estiveram.

A história de João das Neves, sertanejo cearense que resolve tentar fortuna nos seringais após perder várias colheitas devido às secas coroou o autor - preocupado em denunciar as mazelas da migração - e seus editores que apostaram na curiosidade dos cearenses com relação ao Amazonas e obtiveram sucesso em sua empresa, tendo em vista que:

[...] Todo texto literário é construído a partir de um público potencial, e inclui uma imagem daqueles a quem se destina: toda obra encerra em si mesma aquilo que Iser chama de um "leitor implícito"; inclui em todas as suas atitudes o tipo de público que prevê. O "consumo", tanto na produção literária como em qualquer outra, é parte do processo de produção. (EAGLETON, Op. cit., p. 127)

Pode se dizer que o romance fez sucesso entre o público da época baseado no fato de a primeira edição ter tido de saída a impressão de mil exemplares (apenas dois outros livros catalogados tiveram essa mesma tiragem, *Maria Rita*, também de Teófilo e *Contos do Ceará* de Eduardo Sabóia) que devem ter se esgotado rapidamente, visto que durante o processo de pesquisa foi encontrado um exemplar pertencente ao quarto milheiro de cópias impresso no mesmo ano do lançamento do livro.

É possível afirmar então que *O Paroara* foi um *Best Seller* de seu tempo? Para isso seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, buscando saber a real quantidade de exemplares vendidos, o que se torna por demais complicado em virtude da dificuldade de se encontrar fontes que possibilitem tal análise. Porém, a quantidade de exemplares impressos já fornece uma dica do destaque que o livro obteve no cenário editorial de Fortaleza à época.

Os elementos que fizeram dele um livro tão ímpar são aqueles que atraem vários leitores: expectativas e sonhos frustrados, a busca de um eldorado, uma viagem cheia de perigos e aventuras, um mocinho que passa por vários percalços. Além de tudo isso, a história de Rodolfo Teófilo, como dito acima, pode satisfazer em parte a curiosidade que as pessoas tinham quanto à região amazônica. A falta de perspectivas diante das pouco confiáveis condições climáticas do Ceará, bem como a crença em um enriquecimento rápido levou milhares de cearenses a embarcar para o Amazonas para trabalhar na extração da borracha.

Em consequência da grande seca no interior nordestino que durou de 1877 a 1880, estabelece-se uma forte corrente migratória daí para o Amazonas. Ela se empregará na extração da borracha cuja exportação se eleva em 1887 para mais de 17.000 toneladas. O crescimento ininterrompido durante mais de vinte anos, de uma parte estimulada pelo crescente alargamento do consumo mundial e ascensão de preços, e facultado doutra pelo afluxo constante de trabalhadores nordestinos impelidos pelas contingências naturais desfavoráveis de sua região nativa, ou pelas precárias condições de vida numa terra empobrecida e em decadência. (PRADO JR., 1998, p. 236.)

Alguns desses migrantes, por sorte ou por saber mais que os demais se adaptarem às condições físicas e sociais do Amazonas, realmente voltavam ricos, mas a imensa maioria que retornava, ou melhor, conseguia retornar, trazia pouco dinheiro e ainda as doenças adquiridas na floresta.

Aqueles *paroaras* (esse era o nome dado àqueles que retornavam do Amazonas ao Ceará) que traziam alguma riqueza faziam questão de esbanjá-la, sem pensar em poupar, negligenciando às vezes o próprio futuro, conforme narra Rodolfo Teófilo:

Exploravam de todos os lados a vaidade fôfa dos *paroaras*, que despendiam até o último vintém com tanto que não fizessem figura triste em sua terra. Alguns gastavam largamente, como se aquele dinheiro não fosse ganho a custa dos mais arduos sacrifícios, sem pátria e sem família, em uma terra de selvagens onde a própria vida estava sempre no mais iminente perigo. Não pensavam nisso. Esbanjavam, com sua imprevidência nativa, embora dias depois vendessem a roupa do corpo para comprar passagem de regresso à Amazonia.⁹⁸

Era justamente a vista da prodigiosa quantidade de dinheiro exposta pelos *paroaras* que criava as grandes expectativas, espalhava a ilusão de que apenas a riqueza esperava os que iam para as selvas do Norte. E era com a reprodução dessa ilusão que muito agenciadores buscavam atrair mais pessoas para os seringais.

A fartura do Amazonas debaixo do ponto de vista da alimentação e mais ainda a diária de vinte mil reis aos maiores preguiçosos, teve um poder sugestivo tal sobre os homens que ouviam o *paroara*, que este ao terminar a narrativa, sem lhes dirigir o menor convite já os tinha prontos para seguirem para o Amazonas.⁹⁹

É bem recorrente na obra essas colocações acerca do caráter ilusório da migração, transformando-a quase em um documento de repúdio contra esse ato. Para o autor, a busca pela sobrevivência não devia afastar o homem de sua terra, e caberia aos governos garantir as condições de permanência do homem no sertão, dando o auxílio necessário para se viver durante as secas, assim, garantindo mão de obra para o Ceará.

⁹⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*. - Fortaleza: Moderna, 1899, p. 245

⁹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 204-205

Uma das preocupações do autor eram as condições de trabalho nos seringais, principalmente as relacionadas à saúde e ao pagamento dos trabalhadores, já que era sabido por ele, ser o trabalho naquele lugar muitas vezes análogo à escravidão, devido ao grande endividamento dos trabalhadores. Quanto a isso escreve o autor:

José Simão sacou seu caderno de notas e começou a operação. O primeiro inscripto foi João das Neves cujo titulo se abria com um debito de oitocentos e tantos mil réis até aquela data. Esta quantia representava todas as quantias de viagem agravadas com 50% em favor do barracão e mais a commissão de cinquenta mil réis a José Simão. Inscripto este, foram depois os outros e do mesmo modo.¹⁰⁰

Essa era a forma como os donos de seringais e ainda nos dias atuais, muitos donos de fazendas lucraram com o trabalho de muitos que fogem da falta de trabalho em suas regiões. É novamente Caio Prado Júnior que explana como se lucrava com este tipo de "contrato":

Este pronto reembolso do salário faz parte do sistema de exploração da borracha; é preciso impedir que o trabalhador acumule reservas e faça economias que o tornem independente. Nesta região semideserta de escassa mão de obra, a estabilidade do trabalho tem sua maior garantia no endividamento do empregado. As dívidas começam logo ao ser contratado: ele adquire a crédito os instrumentos que utilizará, e que embora muito rudimentares (o machado, a faca, as tigelas onde recolhe a goma), estão acima de sua posses, em regra nulas. Frequentemente estará anda devendo as despesas de passagem desde sua terra nativa até o seringal. Estas dívidas iniciais nunca se saldarão porque sempre haverá meios de fazer as despesas do trabalhador ultrapassarem seus magros salários. Gêneros caros (somente o proprietário pode fornecê-los porque os centros urbanos estão longe), a aguardente... E quando isto ainda não basta, um hábil jogo de contas que a ignorância do seringueiro analfabeto não pode perceber, completará a manobra. (PRADO JR., Op. cit., p. 238)

Logo, sabendo dos tipos de exploração e sofrimento pelos quais seus conterrâneos iriam se sujeitar em tão longes paragens, o autor de *Violação* se viu com a missão de alertar aos diversos setores da sociedade, àqueles que podiam ou deviam fazer algo a respeito, tendo em vista também que muito provavelmente nenhum ou quase nenhum desses que daqui partiam para o Amazonas teria acesso a seu livro, ou ao menos à leitura no geral, já que se tratavam quase que totalmente de futuros "seringueiros analfabetos".

É visível também na obra, o tema recorrente da valorização do sertão, não só das qualidades naturais, da fartura que se pode obter quando o bom inverno permite, das belas paisagens e da fauna encantadora, mas valoriza principalmente o sertanejo, sempre tido como

¹⁰⁰Idem, Ibidem, p.293.

de melhor caráter que o homem da cidade, embora mais suscetível, segundo ele, aos desígnios da raça.

Encontram-se aí elementos fortemente tensionados e ambíguos da visão de Rodolfo Teófilo sobre o sertão. Ele estava entre o ideal e a raça. Se o sertanejo, ao contrário do citadino, é ingênuo, simples, solitário e honesto, ele é também, devido a uma origem em raças inferiores, propenso à barbárie. Mas vinculado ao cientificismo do século, com suas explicações deterministas em termos de raça e clima, Rodolfo Teófilo passa a acreditar que fenômenos visivelmente sociais fossem na verdade naturais. (ALENCAR, 2002, p. 108)

Nesse sentido, torna-se ainda mais claro a presença em suas obras dos elementos constituintes das correntes científicas das quais o autor era adepto, como se pode perceber na passagem abaixo:

As qualidades affectivas que o faziam entristecer perante as ruínas dos logares onde passara a infância eram completamente desconhecidas da raça vermelha da qual elle quasi exclusivamente descendia. Um caboclo com tão apurada sensibilidade moral, com nervos para sentir uma saudade (sic), para chorar a separação de um amigo, seria um salto da natureza que jamais viola suas leis. Quem com alguns conhecimentos de anthropologia observasse detidamente o typo de João das Neves havia de descobrir nelle, embora meio apagados vestígios de uma outra raça que não era a que predominava em suas formas e feições.

[...]

A estas manifestações da raça branca comprovando a lei do atavismo, se juntavam outras psychicas de mesmo valor. João das Neves tinha a alma affectiva, era capaz de amar.¹⁰¹

A passagem apresenta a crença do autor no determinismo da raça, no caso o caboclo João das Neves é tratado como uma rara exceção à regra de brutalidade referente aos descendentes indígenas, por conter em si elementos herdados de uma raça tida como mais civilizada, no caso a branca. Assim, o autor exemplifica em sua obra tanto a teoria da hereditariedade quanto a do atavismo, ambas discutidas por Spencer.

Além das questões científicas, a obra traz também vários dos temas que já foram citados anteriormente como sendo comuns ao período, como o apego ao sertão ou à terra natal, questões relacionadas à posição das mulheres, as cidades (nesse caso analisadas através da maneira como atraíam ou repeliam os que buscavam fortuna) e as tradições populares.

O Paroara, portanto, é uma obra bastante representativa das temáticas presentes na produção literária em Fortaleza no final do século e é importante, sobretudo por poder ser

¹⁰¹ Idem, Ibidem, p. 19-21

considerada uma obra de denúncia, na qual o autor expõe os perigos da migração em massa, tanto para os que vão, como para os que ficam e para o Estado que perde quantidade significativa de mão de obra. Nesse caso, o livro representa um pouco das ideologias do autor, levando-se em conta que a literatura pode ser considerada uma ideologia, "[...] Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social." (EAGLETON, Op. cit., p. 33).

Assim sendo, não só as obras de Rodolfo Teófilo, como as demais apresentadas ou não aqui, são reflexos do social, sejam em prosa ou poesia, elas apresentam a visão do seu autor, detém em si um pouco da vivência dele, de suas experiências enquanto sujeito histórico. Daí a razão de a literatura ser necessária e por que não dizer, indispensável ao historiador do social ou do cultural.

As obras escolhidas para análise neste tópico são apenas representativas do universo literário fortalezense e da quantidade de temáticas abordadas pelos autores locais. A escolha das obras de Antônio Sales e Juvenal Galeno se deu pelo seu grande destaque no meio literário de Fortaleza e por se considerar de grande importância conhecer um pouco de seu pensamento acerca dos temas, como a valorização do campo e os benefícios ou malefícios da civilização.

A obra de Emília de Freitas foi selecionada por possuir um tema singular, talvez inédito nas letras cearenses. Uma história fantástica onde são abordados temas das mais diversas naturezas, tais como experiências espirituais, situação feminina e utilização de novos métodos científicos, além de ter sido uma das poucas obras publicadas por mulheres nesse período. A singularidade do tema também foi o motivo da escolha da obra *Violação*, de Rodolfo Teófilo. A necrofilia já havia sido abordada em outras obras de outros autores ao redor do mundo, no entanto era um tema bastante intrigante para leitores até certo ponto alheios a esse tipo de situação. Outra razão para a escolha dessa obra é a presença dos aspectos científicos abordados pelo autor e a busca pela melhor representação da realidade que a deixam ainda mais ligado às características do Naturalismo.

A presença dessas características, o caráter de denúncia presente na obra, bem como a grande quantidade de exemplares impressos, foram as razões para ter selecionado para este estudo de temáticas o livro *O Paroara*, também de Rodolfo Teófilo. O tema da migração para a Amazônia foi uma aposta que deu certo e o livro parece ter cumprido sua missão de satisfazer a curiosidade dos cearenses com relação ao Estado do norte e ao trabalho nos

seringais, bem como em demonstrar a indignação do próprio autor com a migração desenfreada e prejudicial à terra e ao povo do Ceará.

Lívio Barreto está presente na seleção realizada pelo fato de ser um dos mais destacados representantes da estética simbolista no Ceará, e o Simbolismo foi a Escola escolhida pelo fato de ter tido um significativo desenvolvimento em Fortaleza e este ter se dado em concomitância com as demais regiões do Brasil. Essas são as razões da escolha da escola simbolista em detrimento das demais também desenvolvidas aqui, como o Parnasianismo.

Portanto, as obras selecionadas dão uma visão geral das temáticas mais observadas durante a leitura de vários livros publicados em Fortaleza na última década dos oitocentos. Civilização, desenvolvimento científico, valorização do campo em detrimento da cidade, a tradução de costumes europeus, a migração para a Amazônia, a valorização de determinadas escolas literárias, enfim, temáticas que estão presentes nas obras em virtude de estas terem sido produzidas em um contexto histórico específico e de serem produtos de mentes moldadas a partir de convivências e de leituras realizadas isoladamente - em bibliotecas ou quartos de dormir - ou coletivas, em gabinetes de leitura e associações literárias. Ou seja, as obras são produtos da experiência de seus autores e tem que ser imaginadas e analisadas no contexto de sua produção e da atuação dos escritores na sociedade na qual são produzidas.

Compreende-se que o desenvolvimento do setor voltado para a publicação de livros na Capital cearense foi importante tanto para o engrandecimento das Práticas Letradas, do setor editorial local e também para auxiliar na transformação da cidade em lugar de leitura, de disseminação de ideias através dos livros.

A análise da repercussão geral dessas obras, de sua circulação pela cidade, depende de um estudo acerca do público leitor e das práticas de leitura dos fortalezenses do final dos oitocentos, trabalho esse impossibilitado de ser realizado dentro dos limites desta dissertação, mas que poderá ser realizado em inserções futuras no campo da inter-relação entre História e Literatura, principalmente no campo específico da História do Livro e da Leitura.





5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XIX foi marcado por transformações que se fizeram sentir em escala mundial, isso em decorrência, sobretudo a partir de sua segunda metade, da rápida expansão do Processo Civilizador Capitalista que se deu pela busca de novas áreas de comércio, de matérias primas e de mão de obra e que proporcionou a entrada das regiões periféricas no mapa dos negócios internacionais.

Foi nesse contexto que a Capital do Ceará acabou por se tornar importante porto, voltado tanto para importação como para exportação. Tendo por base o comércio algodoeiro, a cidade passou a contar com diversos equipamentos para a otimização do comércio e dos serviços a ele ligados. A instalação na praça da Capital de firmas exportadoras estrangeiras como a Boris Frères intensificou ainda mais as relações com a praça europeia.

Essa relação permitia o desembarque em Fortaleza não só das mercadorias vindas do Velho mundo, mas também de todo um ideário científico, político, filosófico e literário que passou a influenciar o pensamento da nascente intelectualidade fortalezense. Todas essas ideias irão reverberar nos círculos formados pelos letrados da cidade, tendo como representantes principais a Academia Francesa, o *Reform Club* e mais para o final do século a Padaria Espiritual, O Centro Literário e a Academia Cearense.

Esses homens estavam imbuídos de um ideal civilizador e se viam como capazes de promover a modernização e a civilização da sociedade através de ações próprias ou trabalhando junto às elites locais para que essas promovesse as mudanças necessárias à adequação da cidade ao modelo de civilização desejado qual seja, o modelo capitalista presente nos grandes centros europeus e irradiado para as demais áreas de influência desse sistema.

Sem descuidar das mudanças estruturas necessárias para o desenvolvimento urbano da Capital, os homens de letras acreditavam que o progresso da sociedade só se faria por completo com o avanço intelectual da população, necessário para se atingir o progresso do espírito humano. Assim sendo foi sobremaneira importante o papel das práticas letradas na

inclusão de Fortaleza no Processo Civilizador, tendo por base as ações de instrução promovidas pelos diversos grupos letrados instalados na cidade no citado período.

As Práticas Letradas continuaram evoluindo na cidade e na última década dos oitocentos, com a proclamação da República e a maior liberdade de circulação de ideias, atingiu um grau de amadurecimento que pôde ser comprovado com o estabelecimento de fortes entidades literárias, o aumento do número de jornais em circulação, o pequeno, mas nem por isso negligenciado aumento nos níveis de instrução e letramento e o considerável aumento no número de publicações de livros de autores locais, desde os manuais escolares aos livros de literatura.

Observou-se que na década de 1890, Fortaleza já contava com todo um aparato necessário para o pleno desenvolvimento de seu mercado editorial, desde a tipografia à livraria, passando pelas litografias e oficinas de encadernação, sendo que todos esses estabelecimentos utilizavam as técnicas mais atuais em seus ofícios, promovendo a existência de livros tais quais os encontrados em quaisquer outras cidades do Brasil e do mundo, desde publicações mais simples às edições de luxo.

As Tipografias eram as oficinas encontradas em maior número na cidade, tendo em vista a grande quantidade de jornais que possuíam tipografia própria. A maioria era de pequeno porte, mas havia aquelas mais bem aparelhadas e capazes de atender pedidos maiores e de clientes mais exigentes, como exemplos dessas, podem ser citadas a Universal, a Studart e a Moderna, bem como a tipografia montada por Gualter Silva que de livreiro passou a livreiro editor. A atuação dos chamados "intermediários da literatura" foi determinante para o sucesso da experiência editorial local: os tipógrafos, os encadernadores, editores e livreiros tiveram papel fundamental para a ampliação do número de obras em circulação na cidade.

As associações literárias também tiveram papel fundamental nesse processo. O impulso dado por elas para a produção literária estava diretamente ligado às suas criações, ou seja, nasceram para incentivar as letras e por isso era indispensável à produção por parte dos seus membros. A Padaria Espiritual foi aquela que mais entregou à cidade livros escritos por seus membros, seguida pelo Centro Literário, já a Academia Cearense teve como foco de sua produção a revista da associação, tendo em vista que muitos de seus membros também compunham os quadros de outras associações literárias tendo suas obras associadas a essas.

A atuação das agremiações e o trabalho dos demais intermediários promoveram a publicação de uma considerável quantidade de obras dos mais diversos gêneros e estilos literários. Foram contos, romances, novelas e, sobretudo poesias, essas ermas em maior quantidade e predominava o estilo romântico, embora se tenha grande produção de caráter simbolista. Com relação às obras em prosa, estas são em sua maioria representantes da escola realista/naturalista, escola essa que fazia reverberar as ideias advindas das correntes científicas dominantes no período.

Diante das características das obras e do desejo de aceitação dentro do campo literário por parte dos letrados, principalmente os iniciantes, eram determinantes as críticas feitas pelos próprios letrados dos livros lançados por seus pares. Foi possível perceber que mesmo diante de uma obra com claros problemas de estilo e forma, o crítico, depois de apontar gentilmente os erros não se cansa de elogiar a iniciativa do colega, sua determinação em enfrentar os percalços e levar em frente seu projeto de publicar, ou seja, diante da dificuldade enfrentada pelos letrados em conseguir uma publicação, as críticas negativas quase desaparecem diante da magnitude da materialização do desejo e do talento do autor.

Esse talento se apresentava mais claramente diante da facilidade com que o escritor tratava este ou aquele tema, tendo em vista a preocupação de atingir uma maior quantidade de leitores para suas obras. Os livros publicados na década de 1890 refletiam em suas temáticas as preocupações dos sujeitos históricos que compartilhavam as mesmas experiências desses anos. A crença na ciência e no progresso, a valorização da civilização e da civilidade e ao mesmo tempo a valorização das tradições, das características inerentes ao povo cearense, o culto ao sertão e ao sertanejo, bem como a idolatria à cidade e ao mesmo tempo a vontade de fugir do monstro urbano.

Desta feita, pode-se concluir que havia um promissor mercado editorial na Capital cearense e que produziu um número significativo de obras. Obras essas que tinham objetivo de servir como simples entretenimento ou produzir reflexões por serem de cunho mais politizado, de denúncias produzidas por autores mais engajados, não importa.

O importante é a sua existência e o fato de que esses livros não são apenas objetos, bens que compõem o grande mercado capitalista. São antes, parte da essência de seus autores, são deles não só as palavras, mas as experiências de vida contidas em cada uma das páginas impressas nas tipografias existentes em Fortaleza naqueles anos finais do século XIX.

É através desses livros que se tornaram mais intimamente conhecidos pelos cearenses Lívio Barreto, Antônio Sales, Emília de Freitas, Rodrigues de Carvalho, Xavier de Castro, Rodolfo Teófilo, Lopes Filho, Juvenal Galeno e muitos outros que conseguiram através dos livros, a imortalidade.



FONTES

1. Instituições Pesquisadas

Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará - Fortaleza.

Biblioteca da Academia Cearense de Letras - Fortaleza.

Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (Setor de Obras Raras) - Fortaleza

Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC) - Fortaleza

2. Obras de época

BARRETO, Lívio. **Dolentes**. - Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BATISTA, Sabino. **Flocos**. - Fortaleza: Universal, 1894

_____. **Vagas**. - Fortaleza: Universal, 1896.

CASTRO, Antônio de. **Versos**. - Fortaleza; Typografia Universal, 1894,

CASTRO, Xavier de. **Chromos**. - Fortaleza: Universal, 1895

CARVALHO, José. **Perfis sertanejos**. - Fortaleza; Universal, 189.

CARVALHO, Rodrigues de. **Prismas**. - Fortaleza: Universal, 1896.

_____. **O Coração**. - Fortaleza: Universal, 1894.

FILHO, Lopes. **Phantos** - Fortaleza: Universal, 1893.

FREITAS, Barbosa. **Poesias**. - Fortaleza: Universal, 1892.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. 3ª ed. - Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003

_____. **Canções do lar**. - Fortaleza: Tipografia Rio Branco, 1891.

GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. 2ª ed. - Fortaleza: Gualter R. Silva Editor, 1892

_____. **Folhetins de Silvanus**. - Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969.

MACHADO, Themístocles. **A Esmola**. - Fortaleza: Atelier Louis, 1900.

_____. **Mirtos** - Fortaleza: Universal, 1897.

MARTINS, Álvaro. **Pescadores da Taíba**. - Fortaleza: Universal, 1895

MONIZ, Pedro. **Versos de ontem**. - Fortaleza: Studart, 1896.

SABOYA, Eduardo. **Contos do Ceará**. - Fortaleza: Universal, 1894.

SALES, Antônio. **Trovas do Norte**. - Fortaleza - Universal, 1895

_____. Versos Diversos. In **Obra Poética**. - Fortaleza: secretaria da Cultura do Ceará, 1968.

SARMENTO, Ulisses. **Clâmides** - Fortaleza: Universal, 1894.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome/Violação**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

_____. **A Fome**. - Porto: Typ. A.J Teixeira; Fortaleza: Ed. Por Gualter Silva, 1890.

_____. **A Fome**. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. **Os brilhantes**. Fortaleza: Universal, 1895.

_____. **Maria Rita**. - Fortaleza: Universal, 1897.

_____. **Ciências Naturais em Contos**. Fortaleza: Universal, 1890.

_____. **O Paroara**. - Fortaleza, Moderna, 1899.

3. Livros de Memória

MENEZES, Raimundo. **Coisas que o tempo levou**: crônicas históricas da Fortaleza antiga. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Clássicos cearenses, 2).

LIMA, Herman. **Imagens do Ceará**. 2. ed. aum. - Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1977

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**: memórias. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978

4. Cronologias

-STUDART, Barão de. **Datas e factos para a história da Ceará**. Edição fac-símile – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. V. 3.

5. Dicionário Biobibliográfico

STUDART, Barão de. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. Ed. Fac-símile -Fortaleza UFC, 1980.

6. Periódicos

***A Quinzena**, Fortaleza, 1887

***Cearense**, Fortaleza, 1870, 1890, 1891

***O Libertador**, Fortaleza, 1890, 1891, 1892

***O Pão**, Fortaleza, 1892, 1895, 1896.

***Pedro II**, Fortaleza, 1878

***Revista da Academia Cearense**, Fortaleza, 1897, 1898.

***Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1895, 1898, 1907, 1924 (Tomo Especial), 1933.

7. Almanques e Catálogos

Almanaque Administrativo Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará. 1899. Confeccionado por João Câmara. Typografia Universal. 1899. In: Instituto do Ceará. **Almanaque do Ceará**. DVD-ROM.

Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Fortaleza: SECULT, 1982.

8. Inventários

Inventário do livreiro Gualter Silva. Fundo do Cartório de órfãos. Cx 72, processo 06, 1892. Arquivo público do Estado do Ceará - APEC.

9. Documentos Oficiais

Mensagens dos Presidentes de Estado à Assembleia Legislativa (1893, 1895, 1896, 1897) Disponíveis em www.crl.edu/brazil/provincial/ceara.

REFERÊNCIAS

Livros, artigos e periódicos

AMORA, Zenilde Baima. Aspectos históricos da industrialização do Ceará. In: SOUZA, Simone (coord.) **História do Ceará** – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994

AZEVEDO, Sânzio de. **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**. 2ª ed. - Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 1996.

_____. **Novos ensaios de literatura cearense**. – Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar, 1992.

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. T. I. - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. - 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 2012.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. - São Paulo: Cultrix, 1986.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. –São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BÓIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. - Fortaleza: BNB, 1984. (Coleção Antônio Sales)

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. - São Paulo: Companhia das letras, 1996.

_____. **O poder simbólico**. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A Distinção**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRAGANÇA, Aníbal. A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX.S. Paulo: Annablume, 2006.

_____. Uma introdução à história editorial brasileira, in: **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**, v. XIV, II série, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 57-83, 2002.

BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. t 1.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Fac-símile da edição publicada em 1863.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**. - São Paulo, v. 5, n.8q9, p. 35-68, set. 1984/abr.1985.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico** (Versão 3.0). - São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará**: origens da imprensa e da tipografia cearenses. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006.

BRITO, Luciana. A contribuição da imprensa literária fortalezense para a história da literatura cearense. In: **Patrimônio e Memória**. UNESP-FCLAs-CEDAP, v.7, n.2, p. 109-126, dez. 2001.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. - São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. - Fortaleza: Edições UFC, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. - São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Saulo: Editora UNESP. 1ª reimp. 2009.

_____. **A ordem dos livros**. - Brasília:Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. Da história da cultura impressa à história cultural do impresso. **Revista brasileira de Ciências da Comunicação**. - São Paulo, v. XXVIII, n. 1, p. 81-104, janeiro/junho, 2005.

CHARTIER, Roger. Da História da Cultura Impressa a História Cultural do Impresso. **Diálogos Midiológicos 11**. Tradução de Sylvie Delacours. 2004. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/892/674>.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. - São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual**: biscoito fino e travoso. 2. ed. - Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult, 2006.(Coleção Outras Histórias,8)

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. (3ªed.) – São Paulo: Cia das Letras, 1996

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva ; Discurso sobre o espírito positivo ; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo ; Catecismo positivista** .— São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no Antigo Regime. - São Paulo; Companhia das Letras, 1987.

_____. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

DERRY, T. K.; WILLIAMS, Trevor I. **A short history of technology**: from the earliest times to A. D. 1900. - New York: Oxford University Press, 1961.

DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. -2.ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1986.

DOWBOR, Ladislau. **A formação do capitalismo no Brasil**. - 2ª ed. rev. - São Paulo: Brasiliense, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Marxismo e crítica literária**. - São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EISENSTEIN, Elizabeth. **The printing revolution in early modern Europe**. - New York: Cambridge University Press, 1983.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**, vol. 1: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **O processo Civilizador**, vol. 2: formação do Estado e Civilização. - Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. - Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. - Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 17ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Edufmg, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmono-site.pdf>>. Acesso em: 23-08-2012.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**.- 2. ed. - Fortaleza: BNB, 1979.

_____. **Pequena história do Ceará**. -4. ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984

_____. **História Econômica do Ceará** (2ª ed.)— Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC, 2000.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Bibliografia Cearense: Séculos XIX e XX**. v. 1. - Fortaleza: ABC Editora, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. – São Paulo: Círculo do Livro, [s/d]

HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. - São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **O preço da leitura**: leis e números por detrás das letras. - São Paulo: Ática, 2001.

LANDES, David. **Prometeu Desacorrentado**. Transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1870 até os dias de hoje. - 2ª ed. - Rio e Janeiro: Elsevier, 2005.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade**: conflito de hegemonias.- Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LUCAS, Maria Angélica O. F. Evolucionismo spenceriano: concepções de progresso, estado e educação. In: **Anais do I Congressos Brasileiros de História da Educação**. Disponível em http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/094_maria_angelica.pdf. Acesso em 16/09/2014.

LYONS, Martyn. A experiência de leitura de autobiógrafos de classe trabalhadora na Inglaterra, Austrália e França do século XIX. In: LEAHY, Cyana; LYONS, Martyn. **A palavra impressa**: histórias da leitura no século XIX. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 2ª ed. rev. e atual. - São Paulo, Editora Ática, 1996.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. - São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. - São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1972.

MENEZES, Antônio Bezerra de. **Descrição da Cidade de Fortaleza** – Fortaleza: Edições UFC, 1992.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. - São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **História da literatura brasileira**. v. II. 2º ed. - São Paulo: Cultrix, 2004

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**. Ensaio sobre História Cultural. - Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008.

MOREIRA, Luciana da Silva. **Tipografias e espaço público na Província de Minas Gerais (1828-1842)**. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/lucianamoreira.pdf>

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. - Teresópolis-RJ: 2AB Editora, 2010.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. - Fortaleza, Gráfica Editorial cearense, 1974.

_____. **O processo histórico de industrialização no Ceará**. - Fortaleza: SENAI, 1989.

OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). **Intelectuais**. – Fortaleza; Edições Demócrito Rocha, 2002.(Fortaleza: História e Cotidiano.)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano.-Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. - Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999.

PONTES, Heloísa. Círculos de intelectuais e experiência social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. - São Paulo: ANPOCS, vol. 12, nº 34, 1997.

PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930) – 3. ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PRADO JR, Caio. **História econômica do Brasil**. - São Paulo: Brasiliense, 1998

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 4ª ed. rev. ampl. - Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Malditos Tipógrafos**. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/nelsonschapochnik.pdf>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. – 2ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). **Grandes nomes da História Intelectual Brasileira**. - São Paulo: Contexto, 2003

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____; RIOUX, Jean-Pierre. **Para uma história cultural**.- Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. - São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SPENCER, Herbert. **Do Progresso - Sua lei e sua causa**. - Lisboa: Editora Inquérito, 1939.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. -São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAKEIA, Denise Monteiro. **Europa, França, Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil**. – Natal:UFRN. Ed. Universitária, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. - São Paulo: Perspectiva, 2013.

VENÂNCIO, Gisele Martins. **Lisboa – Rio de Janeiro – Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por Davi Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues**. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/gisellemartins.pdf>>.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará: sobre promessas fatos e feitos**. – 1ª. ed. reimpr. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e Civilização capitalista**. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Monografias, dissertações e teses

ALENCAR, Manuel Carlos da Fonseca de. **Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense**. Dissertação (Mestrado em História) UFC. Fortaleza, 2002.

CARDOSO, Gleudson Passos. **“Bardos da canalha, quaresma de desalentos”**. Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2009.

LIMA, Rafaela Gomes. **Aspectos fugidios: Lívio Barreto e o Simbolismo na modernidade cearense da primeira República**. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Ceará. - Fortaleza, 2008.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder**. O pensamento social cearense no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, 1998.

PEREIRA, Maria Adelaide Gonçalves. **A imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1962 aos anos 1920**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolpho Theophilo** : a construção de um romancista. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fortaleza: UFC, 2001

SILVA, Ozângela de Arruda: **Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Dissertação (Mestrado em História e Teoria Literária). Campinas, SP: [s.n.], 2009

Sites

Constituições brasileiras: www.planalto.gov.br/ccivil-o3/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em 14/10/2013

MICHAELIS. Dicionário On-line. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 15/08/2014.

Imagem da prensa tipográfica : www.renato.sabbatini.com/correio/ciencia/cp99091.htm. Acesso em 29/07/2014.